



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

MARIA DE FÁTIMA TOMAZ

**Nordestinos no Rio de Janeiro: a que será que se destina?**

**Representações, estereótipos e mídia**

Rio de Janeiro  
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

MARIA DE FÁTIMA TOMAZ

**Nordestinos no Rio de Janeiro: a que será que se destina?**

**Representações, estereótipos e mídia**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Paiva de Araújo Soares

Rio de Janeiro  
2020

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE  
MESTRADO APRESENTADA POR MARIA DE FÁTIMA  
TOMAZ NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ**

Aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e vinte, às quatorze horas, utilizando o recurso de videoconferência da plataforma - Zoom Meetings -, foi apresentada a dissertação de mestrado de Maria de Fátima Tomaz, intitulada: **“Nordestinos no Rio de Janeiro: a que será que se destina? Representações, estereótipos e mídia”**, perante a banca examinadora composta por: Raquel Paiva de Araujo Soares [orientador(a) e presidente], Marialva Carlos Barbosa e João Paulo Carrera Malerba. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua dissertação:  
 aprovada  reprovada  aprovada mediante alterações

E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente, que segue por mim datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 31 de março de 2020



-----  
Raquel Paiva de Araujo Soares [orientador(a) e presidente]



-----  
Marialva Carlos Barbosa [examinador(a)]



-----  
João Paulo Carrera Malerba [examinador(a)]

### CIP - Catalogação na Publicação

TT655n Tomaz, Maria de Fátima  
Nordestinos no Rio de Janeiro: a que será que se destina?  
Representações, estereótipos e mídia / Maria de Fátima Tomaz. --  
Rio de Janeiro, 2020.  
113 f.

Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Dissertação  
(mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação, 2020.

1. Migração. 2. Redes Migratórias. 3. Estereótipos.  
4. Nordestinos. 5. Identidade. I. Paiva de Araújo Soares,  
Raquel, orient. II. Título.

Aos meus avós (In memoriam)  
E aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por se empenharem arduamente na educação e no caráter dos seus filhos.

À minha admirada orientadora, Raquel Paiva, pelos ensinamentos que muito me inspiram.

Às provocações da banca de qualificação, Professora Dr<sup>a</sup>. Marialva Carlos Barbosa e Professor Dr. João Paulo Malerba, que ajudaram a movimentar novos rumos para a pesquisa.

À Lisbeth Araya, Luana Bonone, Andrey Chagas e Edylene Severiano, amigas que encontrei em um espaço tempo diluído pelas múltiplas fronteiras de nossas existências e cada uma ao seu modo, no momento mais árduo da peleja final, estiveram presentes com todos os seus sentidos atentos, – olhar, escuta e mãos – afetivos. Muito obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM ECO/UFRJ), seus servidores e funcionários, em especial à Coordenação e Secretaria, por todo auxílio e manejo em adaptar os reveses que tive durante o percurso com as demandas burocráticas do curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento, fundamental para realização desta pesquisa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Nunca diga, nordestino, / que Deus lhe deu um  
destino / causador do padecer. Nunca diga que é  
pecado / Que lhe deixa fracassado / Sem condições  
de viver

Não guarde no pensamento / Que estamos no sofrimento  
/É pagando o que devemos A providência  
divina / Não nos deu a triste sina / De  
sofrermos.

Deus, o autor da criação /nos dotou com a razão  
/Bem livres de preconceitos. Mas os ingratos da terra /  
Com opressão e com guerra / Negam os nossos direitos.  
Não é Deus que nos castiga / Nem é a seca que obriga /  
Sofrermos dura sentença. Não somos nordestinados, /  
Nós somos injustiçados, / Tratados com indiferença.  
Sofremos em nossa vida / Uma batalha renhida / Do  
irmão contra o irmão.

Nós somos subordinados, / Nordestinos explorados,  
/Mas nordestinados, não [...]. Mas não é o Pai  
Celeste / Que faz sair do Nordeste/ Legiões de  
retirantes

Os grandes martírios seus/ Não é permissão de Deus/  
É culpa dos governantes Já sabemos muito bem / De  
onde nasce e de onde vem/ A raiz do grande mal  
Vem da situação crítica/ Desigualdade política/  
Econômica e social [...].”

(Nordestino sim, nordestinado não.  
Patativa do Assaré).

## RESUMO

TOMAZ, Maria de Fátima. **Nordestinos no Rio de Janeiro: a que será que se destina? Representações, estereótipos e mídia.** Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta dissertação pretende compreender como e quais são as representações dos nordestinos sobre a sua condição de migrante na cidade do Rio de Janeiro, assim como verificar se a narrativa estereotipada disseminada pela mídia no decorrer dos tempos contribui nessa construção e na sua relação com a cidade. A proposta surgiu da necessidade de contestar “verdades” estabelecidas sobre o Nordeste e sobre o migrante nordestino a partir do seguinte objetivo: Com base na discussão sobre a invenção do Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), trabalha-se com a ideia de *auto-atribuição* e *alter-atribuição de identidade* (PENA, 1992) para debater as representações do nordestino que habita no município do Rio de Janeiro. Recorre-se também a Sayad (1998) para pensar o fenômeno migratório, que na teoria definida pelo Albuquerque Júnior (2011) com base, pela sua vez, na ideia de Orientalismo do Said (2007) e sua reflexão da criação dos opostos (Oriente-Occidente), explicam a criação do Nordeste como uma invenção; sendo esse Nordeste pensado enquanto espaço regional diferenciado, e o nordestino enquanto uma identidade ao mesmo tempo fixa e diferenciada, ambos falados pelo Outro. Metodologicamente essa pesquisa tem um alcance descritivo, enfoque qualitativo e utilizou para a coleta de dados a técnica de entrevista semiestruturada, onde foram entrevistadas oito pessoas – contemplando a paridade de gênero –, todas migrantes nordestinas, moradoras da cidade de Rio Janeiro. A principal contribuição da presente pesquisa ao debate do campo da comunicação está na conclusão de que essas representações estereotipadas atrapalham as relações entre migrante e nativo. Concebe-se as redes migratórias (SOARES, 2004; GOZA, 2003; BRITO, 2015), ou seja, as redes sociais entre nordestinos morando no Rio de Janeiro, como elementos que chegam a intensificar os fluxos migratórios (ASSIS, 2003), dada a importância deste arranjo da própria decisão das pessoas saírem de uma região para outra. Entretanto, foi possível constatar, pelos relatos das pessoas entrevistadas, que, no mesmo passo que a existência das redes aproxima os nordestinos entre si, a representação estereotipada é um elemento que os afasta dos cariocas.

**Palavras-chave:** Migração; Redes Migratórias; Estereótipos; Nordestinos; Identidade.



## RESUMEN

TOMAZ, Maria de Fátima. **Nordestinos em Rio de Janeiro: ¿Qué destino enfrentarán? Representaciones, estereotipos y medios.** Rio de Janeiro, 2020. Tesis (Maestría em Comunicación y Cultura) – Escuela de Comunicación, Centro de Filosofía y Ciencias Humanas, Universidad Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta tesis pretende comprender cómo y cuáles son las representaciones de los nordestinos sobre su condición de migrante en la ciudad de Río de Janeiro, así como verificar si la narrativa estereotipada diseminada a través del tiempo por los medios de comunicación masiva contribuye en esa construcción y en su relación con la ciudad. La propuesta surgió de la necesidad de cuestionar “verdades” establecidas sobre el Nordeste y sobre el migrante nordestino a partir del siguiente objetivo: con base en la discusión sobre la *invención del Nordeste* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), se trabaja con la idea de *auto-atribución* y *alter-atribución de identidad* (PENA, 1992) para discutir las representaciones del nordestino que habita en el municipio de Rio de Janeiro. Se recorre también a Sayad (1998) para pensar el fenómeno migratorio, que en la teoría definida por Albuquerque Júnior (2011) basado a su vez en la idea de orientalismo de Said (2007) y su reflexión de la creación de los opuestos (Oriente-Occidente), explican la creación del Nordeste como una *invención*; pensando ese Nordeste como un espacio regional diferenciado y el nordestino como una identidad al mismo tiempo fija y diferenciada, ambos hablados por el Otro. Metodológicamente esta investigación tiene un alcance descriptivo, enfoque cualitativo y utilizó para la recolección de datos la técnica de entrevista semiestructurada, fueron entrevistadas ocho personas – contemplando la paridad de género –, todas migrantes nordestinas, residentes en la ciudad de Rio de Janeiro. La principal contribución de la presente investigación al debate del campo de la comunicación está en la conclusión de que esas representaciones estereotipadas dificultan las relaciones entre migrante y nativo. Se conciben las *redes migratorias* (SOARES, 2004; GOZA, 2003; BRITO, 2015), es decir, las redes sociales entre nordestinos residentes de Rio de Janeiro, como elementos que llegan a intensificar los flujos migratorios (ASSIS, 2003), dada la importancia de esta organización en la decisión que toman las personas al salir de una región para otra. Sin embargo, fue posible constatar, por los relatos de las personas entrevistada, que, al mismo tiempo que la existencia de las redes acerca los nordestinos entre sí, la representación estereotipada es un elemento que los aleja de los *cariocas* (gentilicio de los residentes de Rio).

**Palabras clave:** Migración; Redes Migratorias; Estereotipos; Nordestinos; Identidad.

## ABSTRACT

TOMAZ, Maria de Fátima. **Nordestinos in Rio de Janeiro: What fate will they face? Representations, stereotypes and media.** Rio de Janeiro, 2020. Thesis (Master in Communication and Culture) – School of Communication, Center of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This thesis aims to understand how and what are the representations of the Northeasterners about their migrant status in the city of Rio de Janeiro, as well as to verify if the stereotyped narrative disseminated over time by the mass media contributes to this construction and to its relationship with the city. The proposal arose from the need to question established "truths" about the Northeast and about the Northeastern migrant from the following objective: based on the discussion on the invention of the Northeast (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), the idea of *self-attribution and alter-attribution of identity* (PENA, 1992) to discuss the representations of the Northeasterner who lives in the municipality of Rio de Janeiro. Sayad (1998) is also reviewed to think about the migratory phenomenon, which in the theory defined by Albuquerque Júnior (2011) based in turn on Said's (2007) idea of Orientalism and his reflection on the creation of opposites (East -West), explain the creation of the Northeast as an *invention*; thinking of that Northeast as a differentiated regional space and the Northeasterner as an identity at the same time fixed and differentiated, both spoken by the other. Methodologically, this research has a descriptive scope, qualitative approach and used the semi-structured interview technique to collect data. Eight people were interviewed - contemplating gender parity -, all of them Northeastern migrants, residents of the city of Rio de Janeiro. The main contribution of this research to the debate in the field of communication is in the conclusion that these stereotypical representations hinder the relations between migrant and native. *Migratory networks* are conceived (SOARES, 2004; GOZA, 2003; BRITO, 2015), that is, social networks among residents of the Northeastern who lives in Rio de Janeiro, as elements that intensify migratory flows (ASSIS, 2003), given the importance of this organization in the decision people make when leaving one region for another. However, it was possible to verify, from the stories of the people interviewed, that, at the same time that the existence of the networks brings the Northeast closer to each other, the stereotypical representation is an element that distances them from the *cariocas* (demonym of the residents of Rio).

**Keywords:** Migration; Migratory Networks; Stereotypes; Northeastern; Identity.

## **LISTA DE SIGLAS**

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

FNR – Fundo Rodoviário Nacional

GTDN – Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFOCS – Instituto Federal de Obras Contra as Secas

IOCS – Inspetoria de Obras Contra as Secas

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Perfil dos migrantes entrevistados .....	21
<b>Gráfico 1</b> .....	82
<b>Gráfico 2</b> .....	83

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> – Vítimas da Seca de 1877. <i>Jornal O Besouro</i> . Ceará. Edição de julho de 1878...	47
<b>Imagem 2</b> – Vítimas da seca no Ceará, 1877-1878. Foto: J. A. Correia. <i>Jornal O Besouro</i> . Ceará. Edição de julho de 1878.....	48
<b>Imagem 3</b> – Campo de Concentração do Pirambu, Ceará, 1932. Foto do médico José Bonifácio Paranhos Costa no relatório da Comissão médica de Assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste. Acervo: Valdecy Alves.....	50
<b>Imagem 4</b> – Cearenses comem calangos para não morrer de fome. Foto: Delfim Viera. Primeira página. <i>Jornal do Brasil</i> , 1983 .....	52
<b>Imagem 5</b> – Pessoas que caçavam camaleão para comer e as viúvas da seca. Foto: Reprodução TV Globo. Mulheres e crianças do sertão pernambucano no período da seca da década de 1980 .....	52
<b>Imagem 6</b> – Família come rato rabudo para matar a fome no Piauí. Foto Reprodução UOL. Moradores do Piauí comem rato-rabudo para matar fome na seca. Matéria sobre a seca de 2013 na região nordestina. <i>Caderno Cotidiano</i> . UOL.....	54
<b>Imagem 7</b> – Família no Piauí sobrevivem comendo ratos para matar a fome devido à seca. Foto Reprodução UOL. Moradores do Piauí comem rato-rabudo para matar fome na seca. Matéria sobre a seca de 2013 na região nordestina. <i>Caderno Cotidiano</i> . UOL.....	54
<b>Imagem 8</b> – Luiz Gonzaga (com indumentária de vaqueiro, em 1950) .....	56
<b>Imagem 9</b> – Uma tragédia brasileira. Os Paus de Arara. <i>Revista O Cruzeiro</i> (Edição 01. 22/10/1955. p. 70 e 71).....	58
<b>Imagem 10</b> – Retirantes (Cândido Portinari, 1944).....	59
<b>Imagem 11</b> – Lampião o Rei do cangaço. Lampião carrega um exemplar do jornal “O Globo”, no sertão nordestino, nas proximidades do rio São Francisco, em 1936.....	61
<b>Imagem 12</b> – Regina Casé vive Lurdes na novela Amor de Mãe da TV Globo .....	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 “SAGA DE EXCLUSÃO”: O NORDESTE E A MIGRAÇÃO NORDESTINA</b> .....	22
<b>1.1 O Nordeste enquanto região e suas conceituações fundantes</b> .....	22
<b>1.2 Podemos falar em identidade nordestina?</b> .....	29
<b>1.3 Ficções persistentes: a conjuração de um presente e futuro presos ao passado</b> .....	36
<b>2 PROCESSOS MIDIÁTICOS DE ATIVAÇÃO NORDESTINA</b> .....	45
<b>2.1 A propósito da seca</b> .....	45
<b>2.2 Estereótipos como gestores das relações sociais</b> .....	55
<b>2.3 Que migrante nordestino é esse?</b> .....	64
<b>3 MIGRANTES NORDESTINOS E OS MÚLTIPLOS OLHARES</b> .....	72
<b>3.1 Migrar: pensando a condição nordestina?</b> .....	72
<b>3.2 Redes de solidariedade entre nordestinos no Rio de Janeiro</b> .....	80
<b>3.3 O Outro inventado</b> .....	87
<b>3.4 Reforçando diferenças: a resistência em saber lidar</b> .....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	100
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	104
<b>APÊNCIDE</b> .....	110

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação surgiu da necessidade de contestar “verdades” estabelecidas sobre o Nordeste e sobre o migrante nordestino. O lugar que despertou esse interesse foi a cidade do Rio de Janeiro, eu como nordestina que sou, onde comecei a me inquietar com todas as afirmações negativas e falsas ainda hoje propagadas sobre a região Nordeste e seu povo; vista com o olhar de fora e por vezes respaldadas pela afirmação dos de dentro. Nesse entre lugar, é possível ver e sentir o incômodo dessa construção discursiva em diversos espaços – de sul a norte – da cidade.

Não à toa, nos defrontamos com ideias massificadas e ancoradas de um Nordeste que permanece inalterado, engessado em um mundo rural e arcaico. É uma extensa narrativa de persuasão, ao longo do século XX, construída na contramão da história dos nordestinos e da região Nordeste. Falar do Nordeste implica diretamente se reportar aos nordestinos – ambos são indissociáveis – e suas experiências que são contadas na maioria das vezes, seja pela mídia, literatura e até textos acadêmicos, a partir de representações sobre uma unidade identitária do lugar e do ser nordestino, representações que afetam diretamente as relações estabelecidas entre os próprios nordestinos e entre eles e os sujeitos de outros solos, com outras práticas.

Naquele pedaço de mundo tudo é igual, nada se diferencia. São os mesmos costumes, cultura, religião, culinária, dança, vestimenta e até os sotaques. Praticamente todas as narrativas criadas sobre o Nordeste e os nordestinos atravessam esse lugar de discriminação que é utilizado para justificar a brutal inferiorização que se dá contra essa gente. O que se pode observar é que desde a sua “invenção” até hoje, a construção das narrativas e a representação do lugar do nordestino, na sociedade brasileira, é um processo extremamente articulado de estigmatização dessa população.

Tudo isto é para ressaltar que essa pessoa nordestina, que pretende narrar um recorte da realidade de outros nordestinos migrantes, também conta parte do que pode ou poderia ser a sua história, sendo isto uma das motivações e justificativas para iniciar essa pesquisa; história pessoal que aparecerá em momentos do que aqui se propõe descrever à medida que se aliam memórias familiares da migração às experiências dos demais migrantes, com quem me deparo regularmente – seja na universidade, nos encontros entre amigos, na rua, no ônibus, no restaurante, na rodoviária, no aeroporto, no entorno de casa – nessa cidade, o Rio de Janeiro.

Deste modo, vamos construindo uma história, onde existe um sentido de destino presente na ação cotidiana da cidade que fornece o sentido da totalidade e de organização no destrinchar das ações narradas. Assim sendo, as narrativas que vou iniciar, vão assumindo uma linearidade em meio a temporalidades diversas, à medida que seguem, orientadas para um desfecho: a experiência – com os seus mais variados sentimentos – de migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro.

A partir destas constatações este estudo se voltou para atender o seguinte objetivo: compreender como e quais são as representações dos nordestinos sobre a sua condição de migrante na cidade do Rio de Janeiro, assim como verificar se a narrativa estereotipada disseminada pela mídia no decorrer dos tempos contribui nessa construção e na relação com os nativos.

Dessa forma, nas linhas a seguir, apontarei como se apresenta a estrutura das informações presentes em cada um dos capítulos deste trabalho.

No primeiro capítulo, trabalho as representações do Nordeste, sejam em relação com a geografia (agreste e sertão), economia (mão de obra e de força física) o ambiente (natureza) ou com a cultura (tradições e práticas gastronômicas, musicais, literárias, guerreiras e danças); sendo estas sempre mediadas pelas relações de poder. A invenção mesma do Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), se faz possível só na medida em que existe um outrem com a potencialidade de criar uma visão, uma perspectiva, uma forma de enxergar, que prioriza determinados conteúdos e cria uniformidade.

Chegados nesse ponto aparece irremediavelmente a pergunta pela identidade: O que é o Nordestino? Uma pergunta que encontra respostas diferentes quando sua formulação se produz dentro do grupo – auto-atribuição – ou fora dele – alter-atribuição – (PENA, 1992). Como explicado amplamente pela psicologia na base da constituição de identidade e no conseqüentemente no jogo entre eu-não eu.

Na reflexão que é feita se identifica como central a variável *tempo*; sob a lógica de uma região que se fixou em uma época sem presente e sem futuro. Cenário principal do início da colonização brasileira, durante décadas o Nordeste foi à região economicamente e politicamente mais próspera do Brasil, só que não foi esse o Nordeste que ficou conhecido, com essa divisão geográfica. Nessa época de apogeu e prosperidade o Nordeste ainda era denominado como “Norte”, mas com o declínio da produção açucareira e o crescente interesse do mercado internacional pelo café, essa região e seu produto gerador de riqueza, a cana de açúcar, declinaram em relação ao Sul do país.



Já no segundo capítulo, trazemos os processos midiáticos que aconteceram em torno da região Nordeste e do nordestino para refletir sobre a relação entre o discurso da mídia e a construção de estereótipos.

Quando realizamos a reconstrução do contexto sócio-histórico no qual se delineou a construção da identidade nordestina, seus interesses, origens, razões, o modo pelo qual a “nordestinidade” se tornou uma representação estereotipada e a identidade algo forte e significativo, descobrimos uma avalanche de produções. São vários discursos, várias imagens, muitas subjetividades que procuram revelar um “ser nordestino”. Contudo, o tratamento midiático das especificidades regionais parece não contemplar tal diversidade. Em se tratando de discursos identitários, a mídia cria sua própria região e ignora as multiplicidades. Ela homogeniza. Para ela, o nordestino é um só, independente das diversidades que ele possa apresentar. A teoria de Muniz Sodré (2002) sobre o “bios midiático” irá contribuir para situar a mídia na contemporaneidade e o seu comprometimento com o mundo da imagem, da tecnologia e da informação.

Segundo Sodré (idem), está inaugurada uma nova fase da vida social, a partir do avanço das telecomunicações e das inúmeras possibilidades que isso representa. Impulsionadas pela transnacionalização do capital, essas tecnologias colocam-se como “ideologia do pensamento único”, cuja consequência é o exercício de poderes universais que promovem a uniformização. Embora na mídia tradicional as representações ainda busquem espelhar-se no objeto externo, o qual se tentará retratar, “a realidade que ela constrói é simulada, vicária, ou ainda virtual” (SODRÉ, 2002, p.234), ou seja, é distinta da realidade social. Portanto, a mídia ao abordar o discurso da “nordestinidade” faz nada mais que um esvaziamento do sentido histórico construído, para dar lugar aos estereótipos.

No caso do Nordeste e do nordestino, esse cenário vai se desenhando a partir da decadência do principal setor produtor de riquezas da região que fez com que os senhores de engenho entrassem em total desespero já que viam seus interesses econômicos ruírem dia após dia. Isso foi se dando até o início do século XX, quando o Nordeste dá seus primeiros ares enquanto demarcação geográfica, fundamentado em um discurso de ser esta uma região marcada pela necessidade de ajuda proveniente de outras regiões economicamente mais desenvolvidas, pelo fato de sermos os detentores das piores mazelas do país, a começar pela seca.

É a seca que faz surgir o interesse dos meios de comunicação para a existência do Norte e de seus problemas, especialmente dos jornais do Sul do país. É a seca, certamente, o

primeiro traço definidor do Norte e que diferencia o Sul, especificamente, em um momento que o meio é considerado ao lado da raça, como fatores determinantes da organização social. São nessas ocasiões que a população do Sul – tida como pura - é chamada para contribuir em campanhas de arrecadação e são abertas subscrições pelos jornais, em que é publicada a lista dos “beneméritos”. Esta seguramente era uma das poucas formas de contato entre populações tão distantes, sem maiores comunicações, dadas as deficiências nos meios de transporte da época.

Portanto as primeiras imagens que os sulistas tiveram sobre o Norte eram aquelas levadas pelos jornais sobre o seu flagelo e suas vítimas. Para demonstrar sua preocupação com esses pobres castigados com a seca, eram feitos espetáculos, jogos, festas e arrecadações de fundos para amenizar o sofrimento das vítimas do flagelo, era esse discurso que os sulistas ouviam falar.

Faz-se necessário também, nessa análise, pensar a construção dos estereótipos em relação com o Nordeste; estereótipos que, na medida em que explicam a totalidade em função de um fragmento, são inexatos e estimulam a discriminação e os preconceitos, apagando as diferenças e particularidades internas, esquecendo a diversidade para criar uma pretensa unidade.

Na análise dos estereótipos apresentados pela mídia utilizamos algumas imagens emblemáticas, que corroboram com a construção discursiva imagética sobre o Nordeste e o nordestino migrante, de modo que elas acabam confirmando a representação discutida anteriormente, de pobreza, do drama da seca, de ser migrante, na ideia fixa de um tempo passado, atrasado – evidente através das roupas, das músicas, das artes – em oposição aos símbolos do avanço. Entre essas imagens utilizadas estão o pau de arara (que fala do migrante, do retirante na procura de um outro lugar de riqueza, do futuro, do desenvolvimento e o progresso); o cangaço através da figura de Lampião.

Especificamente em relação com o cangaço e as revoltas messiânicas e a tentativa de combatê-lo também era outro motivo de veiculação, dessas informações transitarem na mídia como imagens do nordestino. Era preciso, portanto, combater o cangaceiro que não respeitava as fronteiras estaduais o que vai exigir a crescente atuação conjunta do aparelho repressivo do Estado. Assim, o Nordeste nasce também através da construção do medo da revolta dos mais pobres, no medo da perda de poder para os marginais do sertão.

A partir daí se fez necessário que representantes das elites regionais – também representantes da intelectualidade nordestina – e do Nordeste começassem a criar um espaço

fechado de poder, uma região capaz de garantir a manutenção da mesma hierarquia e privilégios de poderes, bem como a dominação tradicional. Todos esses pensamentos afloraram quando os filhos dos grupos dominantes nos Estados se deslocaram para Recife, centro comercial e exportador, além de centro médico, cultural e educacional da época.

É nesse momento que o Nordeste ganha estatuto de promessa não realizada, não percebida e desta forma demarca uma identidade que para eles sempre esteve presente na região. Além do Lampião, nesse capítulo se trabalham os estereótipos usando exemplos particulares dos diversos âmbitos; na música por meio do cantor Luiz Gonzaga, na arte através do quadro *Retirantes*, de Cândido Portinari; e na mídia por meio da personagem Lurdes da novela da Amor de Mãe da Rede Globo; sendo estes alguns dos personagens analisadas neste capítulo como portadores dos discursos imagéticos discutidos na pesquisa, como ideias disseminadas repetida vezes marcaram todo o processo de construção imagética do Nordeste e do nordestino até os nossos dias.

Por fim, no terceiro e último capítulo, refletimos sobre as características que adquire a migração nordestina na contemporaneidade.

Para melhor compreender o processo migratório e as articulações entre representação e estereótipos vivido pelos migrantes, não foram tomadas como base as categorias de oposições convencionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno), que marcaram muitos dos estudos sobre migração interna no Brasil, quase sempre assinalados pela armadura das análises estruturais – clássica e neoclássica – ou uma noção de cultura totalizadora e localizada. Partiu-se da prerrogativa de que o imigrante, antes de se tornar um migrante deve ser percebido como emigrante, a análise sobre o fenômeno migratório, não deve se limitar a sociedade de acolhimento, mas deve contemplar a estruturas e contradições da comunidade de origem.

A maneira na qual acontece o processo migratório no Brasil está amplamente relacionada com a criação das regiões e seus habitantes; com as distinções entre pobreza e riqueza e seus ganhos. Essas discussões são trazidas no terceiro capítulo para pensar o fenômeno migratório (SAYAD, 1998) nordestino como uma invenção, que na teoria definida pelo Albuquerque Júnior (2011) – supostamente – com base na ideia de Orientalismo do Said (2007) e sua reflexão da criação dos opostos (Oriente-Occidente), explicam a criação do Nordeste; sendo esse Nordeste pensado enquanto espaço regional diferenciado, e o nordestino enquanto uma identidade ao mesmo tempo fixa e diferenciada, ambos falados pelo *outro*. O inovador na proposta de Albuquerque é apropriar essa reflexão de Said e levá-la para o espaço

regional. Escutando atentamente as falas das pessoas entrevistadas, identificamos as maneiras nas quais esses estereótipos persistem hoje no Rio de Janeiro.

Ao chegarmos nessa dissertação a centralidade política e comunicacional que motiva sua existência, traçamos o percurso das teorias que explicam os processos migratórios, desde as perspectivas clássicas e neoclássicas ligadas a questão econômica e a questão da expulsão e repulsão; para chegarmos nas perspectivas mais recentes que incluem a reflexão sobre as redes. Trazendo especificamente a visão neoclássica, que teve uma importância relativa, explicam-se os fluxos migratórios nordestinos a partir da *expulsão*, mas são os fatores de *atração* que determinam a direção desses fluxos, e o mais importante deles é a demanda por força de trabalho, segundo essa compreensão, Singer (1998) explica os fluxos migratórios em função das “oportunidades econômicas”. Por sua vez partindo de novos modelos analíticos que enfatizam a complexidade do fenômeno; trabalham-se também as questões subjetivas da migração, atreladas, por exemplo, à importância das redes sociais que, tendo uma materialidade, conformam também espaços imateriais (simbólicos) de apoio, solidariedade (social) e resistência (política); no qual os propósitos de vida marcam o roteiro, as expectativas e as esperanças.

Metodologicamente essa pesquisa tem um alcance descritivo, enfoque qualitativo e utilizou para a coleta de dados a técnica de entrevista semiestruturada, foram entrevistadas oito pessoas, todas migrantes nordestinas, moradoras da cidade de Rio Janeiro. Vejamos a síntese do perfil dos migrantes:

<b>Nome (fictício)</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Bairro onde vive no Rio</b>	<b>Local de Origem no Nordeste</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>
Maria Clara	F	41	Botafogo	Sergipe	Jornalista	Ensino superior
Joana	F	40	Glória	Bahia	Editora de conteúdo	Ensino superior
Claudilene	F	36	Jardim América	Paraíba	Babá	Ensino médio completo
Andrea	F	28	Maré	Rio Grande do Norte	Doméstica	Ensino fundamental completo
Josivan	M	35	Pavão pavãozinho	Pernambuco	Porteiro	Ensino fundamental completo
Assis	M	48	Maré	Ceará	Garçom	Ensino fundamental completo

Sampaio	M	29	Saúde	Ceará	Cineasta	Ensino superior
Dante	M	26	Pavuna	Maranhão	Operador de câmera	Ensino superior

**Tabela 1** – Perfil dos migrantes entrevistados

Fonte: Elaboração da autora.

A escolha foi feita considerando as variáveis de gênero, escolaridade, profissão, moradia, lugar de origem no Nordeste. A informação das entrevistas foi transcrita e completada com as anotações da pesquisadora.

Como sabido as pesquisas qualitativas não se interessam pelos dados, a quantidade de entrevistas não aspira a representatividade estatística nenhuma, importa especialmente a experiência e os processos das pessoas, no entanto, alguns dados gerais da população migrante são trazidos com o intuito de contextualizar as informações coletadas.

As informações das entrevistas foram usadas especialmente no terceiro capítulo na medida em que se identificaram nos relatos dos migrantes trechos relacionados com a construção da identidade nordestina e a vigência dos estereótipos estudados, na experiência vital dessas pessoas.

## 1 “SAGA DE EXCLUSÃO”: O NORDESTE E A MIGRAÇÃO NORDESTINA

Neste capítulo dedicamo-nos a analisar a representação do Nordeste em função de suas particularidades, isto é, o Nordeste enquanto região e suas especificidades e construções sejam geográficas, políticas, ambientais, ou estejam relacionadas com a economia e o desenvolvimento, nas faces do capital, da divisão social do trabalho e das hierarquias sociais. Desse modo, focalizando nas dinâmicas culturais, mediadas pelas relações de poder, investigamos também o nordestino enquanto migrante.

É recorrente, tanto nos livros que tratam da questão do Nordeste, quanto nos meios de comunicação, entender a região como sinônimo de seca, miséria e pobreza. O que nos tem sido apresentado são fragmentos de narrativas estereotipadas que estimulam preconceitos e discriminações das mais variadas ordens; que reduzem toda a pluralidade étnica, cultural, social e econômica dessa população a uma única representação.

Essa maneira repetitiva de dizer e ver a região e o migrante nordestino parecem lacunas que incapazes de serem preenchidas. Região e migrantes tendem a ser esquecidos e depois representados de uma mesma maneira, fixa e imutável, como se não fizessemos parte das transformações da história. Portanto, os discursos pontuais e repetitivos na maioria das vezes são negativos e acarretam visões simplistas da realidade desse povo e dessa região.

Dessa forma, pretendemos atualizar essas questões e demonstrar que a existência e persistência nessa mentalidade estereotipada sobre o Nordeste e o migrante nordestino estão tuteladas por uma elite que nunca quis perder seus privilégios como também por um olhar midiático que sempre essencializa um passado incontestado, mitologizado como efeito da realidade.

### 1.1 O Nordeste enquanto região e suas conceituações fundantes

É importante destacar que o Nordeste enquanto espaço geográfico demarcado oficialmente – com a junção dos nove estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia – tem data de nascimento. Foi durante o Estado Novo (1937-1945) que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) instituiu essa região como uma das cinco macrorregiões do território nacional. Desta forma, na maioria das vezes, o Nordeste é apreendido apenas como um dado, sendo apresentado, “pelos livros didáticos como uma ‘realidade’ pronta e estabelecida” (PENNA, 1998, p. 31).

Essa visão, portanto, seria a primeira e a mais tradicional noção do conceito de Nordeste: a de que ele é algo dado ou relativamente natural, fruto de uma determinada ocupação humana sobre um determinado espaço geográfico. Uma ocupação que, obviamente, interagiu com o meio ambiente e em certo sentido se adaptou ou se moldou frente a ele. O espírito dessa concepção, segundo Vasantini (2012),

é o binômio ‘a Terra e o Homem’, a natureza original e a sociedade que a ocupou e que, mesmo a modificando neste ou naquele aspecto, muito deve a ela na sua formação espacial. Daí se dividir a região em Zona da Mata, Agreste e Sertão, além do Meio Norte, um agrupamento e uma segmentação que tem como alicerce o meio ambiente: o clima tropical úmido com os solos de massapê naquela primeira sub-região, uma área de transição com altitudes mais elevadas na segunda e o clima semiárido com o bioma caatinga na terceira; também o Meio Norte é definido como zona de transição, só que do Nordeste para a Amazônia e não entre a Zona da Mata e o Sertão como no caso do Agreste. (VASENTINI, 2012, s/n).

A concentração de trabalhos sobre essa discussão demonstra que visões específicas da natureza sempre alimentaram convicções políticas e as correntes deterministas da geografia deram importantes contribuições para os seus discursos que procuravam instituir leis de comportamentos e qualidades humanas em função do seu habitat, como reitera Castro (1992), afirmando que mesmo com a superação dessa geografia o determinismo não abandonou de todo o imaginário de algumas sociedades, pelo contrário o peso da natureza se reatualiza e tece um discurso reducionista e simplista que ganha novos adeptos.

Nesse sentido, Neves (2012) alega que essa representação do Nordeste enquanto espaço físico naturalizado é muito comum de ver também em estudos feitos pelos Cientistas Sociais, ao longo dos anos, o que contribuiu para que a região existisse independente de sua história, podendo-se assim falar dela sem a necessidade de explicitar seus contornos sociais ou culturais. Se nos deslocássemos para o campo historiográfico, o que costumava aparecer era o Nordeste do período colonial ou imperial. Portanto, Neves (2012) afirma que, tanto sociologicamente quanto historiograficamente, o que existia até esse momento era uma simultaneidade primordial que nada tinha de inocente e, que através dela, se consagraram aquelas identidades míticas e aqueles conteúdos fixos que reforçam preconceitos e acentuam diferenças.

A segunda noção do que seria o Nordeste brasileiro tem como fundamento a nova configuração na divisão social do trabalho que tem como situações significativas o fim da Monarquia e a chamada Revolução de 30, além do papel do Estado no estímulo às atividades

econômicas, seja com a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) (depois, Instituto Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS, depois Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS), em 1909, seja com a criação do Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e a fundação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), na década de 1950 (OLIVEIRA, 1985). Para os formuladores dessa concepção, aponta Vasentini (2012),

a industrialização do país teria promovido uma (nova) divisão territorial do trabalho, na verdade a construção de um espaço geográfico nacional integrado, e nesse processo a região Nordeste teria ficado com o papel de uma zona periférica destinada a fornecer matérias primas e mão-de-obra barata para o Sudeste ou, segundo alguns, para o Centro-sul do país. A ênfase aqui é mais na economia e a sua dinâmica espacial, ao contrário da regionalização anterior que parte das relações entre o Homem (a sociedade) e a Terra (o seu meio ambiente) (VASENTINI, 2012, s/n).

Do ponto de vista da divisão regional do trabalho era competência do Nordeste a função de reserva da força de trabalho e também de capital (OLIVEIRA, 1985). É dessa forma, observa Oliveira (1985), que as migrações nordestinas para o Sudeste desempenham papel central na manutenção dos baixos salários, assim como os capitais originados do Nordeste, por não poderem ser empregados na região de origem, devido à estagnação da região em decorrência de sua incapacidade de competir com a capacidade produtiva do Centro-Sul, serão direcionados para a acumulação nessa região.

Na interpretação de Oliveira (1985), o Nordeste estaria condenado a ser um reflexo, uma reprodução, uma completa homogeneização da reprodução do capital e de suas formas, sob a égide do processo de concentração e centralização do capital, que acabaria por fazer desaparecer as regiões, no sentido dessa análise. O que regula o processo de constituição das regiões é o modo de produção capitalista, e no interior deste, as regiões são apenas espaços socioeconômicos onde uma das formas do capital se sobrepõe às demais, igualando a região exatamente pela sua predominância e pela conseqüente constituição de classes sociais, cuja hierarquia e poder são determinados pelo lugar e pela forma em que agem os agentes do capital.

Ainda conforme Oliveira (1985), os limites de uma região dependem do alcance espacial das relações dominantes naquela região, isto é, de até onde chega aquela forma de circularidade do capital. Uma região se define em relação às demais regiões justamente porque diferem naquilo que as define: suas relações de produção, forças produtivas e classes sociais que delas derivam.



É certo que existem diversas temporalidades no modo brasileiro de produção social, para Celso Furtado (1991), o processo de desenvolvimento no Brasil acabou transformando algumas regiões em polos de desenvolvimento, deixando outras em estagnação econômica e criando uma situação de desequilíbrio que conserva, dentro do mesmo território, regiões com inúmeras disparidades. Segundo Furtado (1958):

A medula dessa questão é a seguinte: o Brasil é um extenso território ocupado de modo irregular, apresentando combinações diversas de fatores e recursos, em sistemas econômicos com distintas potencialidades; desenvolver simultaneamente esses sistemas significa dividir em demasia os recursos e reduzir a intensidade média de crescimento do conjunto. Verifica-se, assim, que é necessário concentrar os recursos escassos nas regiões de maiores potencialidades, a fim de criar núcleo suficientemente poderoso que sirva de base do desenvolvimento das outras regiões. Mesmo reconhecendo alguma verdade nessa ideia, a formulação geral do problema me parece incorreta. Abandonar regiões de escassos recursos e com rápido crescimento da população é permitir que se criem graves problemas para o futuro do país (FURTADO, 1958, p. 53).

Diferenciando-se das duas conceituações anteriores, aparece à terceira noção sobre o Nordeste, aquela pensada a partir da construção do Nordeste ou da “invenção do Nordeste” como argumenta Albuquerque Júnior (2011), em seu livro que tem o mesmo título, enquanto ideia discursiva e imagética na primeira metade do século XX com o desenvolvimento da modernidade e dos discursos motivados em torno desse novo paradigma. Para o autor, a produção cultural e a própria construção de um conceito sobre a região não devem ser elucidadas apenas pela perspectiva econômica ou política, mas, também, é preciso levar em consideração o resultado do percurso histórico de um espaço social e afetivo, resultante de longos anos, criados a partir de inúmeros discursos que lhes outorgaram diversos atributos sociais, culturais, políticos, morais, identitários, dentre outros.

Nordeste que longe de ficar apenas na geofísica e política dessa região do Brasil, é investigado como um espaço que foi e é constantemente inventado, quer dizer, que “não é recortado só como unidade econômica, política ou geográfica, mas, primordialmente, como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudounidade cultural, geográfica e étnica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33).

Para tanto, o pesquisador paraibano assume uma atitude totalmente distinta ao estudar a história do Nordeste diante das obras de artes, literárias, fílmicas, jornalísticas, entre outras, que denotam narrá-la como uma verdade única, como se o seu passado fosse sempre o mesmo, de forma constante e bucolicamente experimentada até o presente. É, dessa maneira,

que Albuquerque Júnior (2011) emprega o conceito de “invenção” e com isso dá a perceber sua atitude historiográfica frente ao caráter criativo da História.

O trabalho de Albuquerque Júnior (2011) é desenvolvido na perspectiva arqueológica e genealógica – no sentido foucaultiano – sobre as discursividades que deram visibilidade e que, conseqüentemente, tornaram dizível o Nordeste, buscando desconstruir as identidades que esses mesmos discursos atribuíram à região. Discursos esses que foram intensamente determinados por conjunturas históricas que se moviam em torno da trajetória política e econômica do país naquele momento como o declínio da velha oligarquia açucareira rural nordestina e a ascendência da burguesia industrial do Sudeste. Segundo o autor, a falência da oligarquia agrária do Nordeste trouxe consigo graves conseqüências para a região, desde a crise dos códigos culturais, até a necessidade das elites locais de se imporem frente ao crescimento político e econômico do Sudeste (lugar que passou a representar o progresso destrutor para as elites nordestinas). A partir desse momento, criou-se um antagonismo regional que originou a implantação de um confronto entre tradição *versus* modernidade, que aceleradamente se reproduziu do plano político para o plano cultural.

Para isso contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa ‘elite regional’ desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a ‘docilidade’ da senzala, a ‘paz e estabilidade’ do Império. [...]. O Nordeste é gestado como espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulo, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 46).

Quando se fala em Nordeste, o olhar que costumeiramente é lançado para essa região, ainda hoje, segundo Albuquerque Júnior (2011), é o de um espaço naturalizado e cristalizado, seja nas suas características geográficas, seja nas culturais, sociais e econômicas. Ao referir-se à questão geográfica o que predomina são imagens de elementos da paisagem tórrida do sol do agreste, sobretudo, a do sertão, como um espaço de extrema pobreza, com sua vegetação espinhosa, formada por cactos e seus personagens típicos: crianças geralmente esqueléticas, adultos ignorantes quase sempre com a sua pele marcada, queimados pelo sol intenso e de retirantes buchudos com a trouxa de roupa na cabeça.

Se formos fazer um passeio no plano cultural, o que nos é apresentado do Nordeste, dentro e fora da região é a ideia fixa marcada pelas manifestações da chamada cultura popular, folclórica, desde o maracatu, o bumba meu boi, o reisado, o coco de roda, o frevo, o caboclinho, até a literatura de cordel, as xilogravuras, os rabequeiros, a ciranda, o pastoril,

entre outras. Quanto às imagens sociais do Nordeste, inclusive as veiculadas pelas grandes emissoras de televisão, essas estão ligadas ao chamado coronelismo, ao banditismo dos cangaceiros e à permanência da degradação regional e das formas arcaicas de relações sociais, situadas no universo rural e do pré-capitalismo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Para Bernardes (2007), o Nordeste seria, dessa forma, a região onde o arcaísmo se confunde com o atraso nas relações sociais e nas formas do exercício do poder. Seria, pois, uma região que teria vivenciado outro compasso histórico e, conseqüentemente, conservou formas e estruturas das relações sociais e da dominação política que, em outras regiões, já teriam desaparecido, ou mesmo, nunca teriam existido.

Foucault, em *Microfísica do poder* (1997), dispõe sobre as barreiras geográficas e as questões arraigadas e dissimuladas presas nas relações de poder presentes entre determinadas regiões e até países. Esses discursos construídos e atravessados por essas relações estão presentes nas práticas de poder que mesmo com os processos de informação que a comunicação e a globalização possibilitam, ainda são encontrados na contemporaneidade no nosso país.

Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território. E o termo político-estratégico indica como o militar e o administrativo efetivamente se inscrevem em um solo ou em formas de discurso (FOUCAULT, 1997, p. 158).

As relações de poder e suas representações, segundo Foucault (1997) estão presentes nos mais variados universos e instituições. Aqui nos interessa o enfoque na questão e nos aspectos ligados a região Nordeste. Ao pensar em região, não nos referimos apenas a questões geográficas, porque antes delas, a região diz respeito a uma noção fiscal, administrativa, militar (provém de *regere*, que significa comandar, governar), conforme Albuquerque Júnior (2011). A complexidade da representação do termo região ultrapassa a divisão espacial e fronteira geográfica e econômica inseridas nesse universo, tendo em vista o debate trazido pelo autor acima citado, sobre a invenção do Nordeste.

Ela (região) remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado. Ela remete,

em última instância, a região (rei). Ela nos põe diante de uma política de saber, de um recorte espacial das relações de poder. Pode-se dizer que ela é um ponto de concentração de relações que procuram traçar uma linha divisória entre elas e o vasto campo do diagrama de forças operantes num dado espaço. Historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício do poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação. A regionalização das relações de poder pode vir acompanhada de outros processos de regionalização, como o de produção, o das relações de trabalho e o das práticas culturais, mas estas não determinam sua emergência. A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim, a região é o botim de uma guerra (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 36).

Nessa mesma perspectiva, a professora do Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), Iná Elias de Castro (1994), define no artigo *Visibilidade da região e do regionalismo*, o que seria a derivação do regionalismo. Vejamos:

Sinteticamente, o regionalismo é a expressão política de grupos numa região, que se mobilizam em defesa de interesses específicos frente a outras regiões ou ao próprio Estado. Esse é um movimento político, porém vinculado à identidade territorial. Se eliminarmos do conceito a ideia purista de defesa de interesses da “região”, percebemos que se trata, na realidade, de uma mobilização política em torno de questões e interesses de base regional, embora sua ideia-força possa ser, e quase sempre é, explicitada como defesa da sociedade regional (CASTRO, 1994, p.164).

Dessa forma, a região – com suas variações – não pode ser constituída como um dado ou uma referência pronta, acabada, ela envolve, principalmente, um campo político e de conflitos que não se exaurem em uma unidade territorial que dispõe de várias diversidades, mas que é produto de uma estratégia de homogeneização que ocorre no embate das forças que dominam outros aspectos que também são regionais. Assim, a região é constantemente móvel, aberta e atravessada pelas relações de poder, como elucidada Albuquerque Júnior.

Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008b, p. 58).

A concepção de região para Albuquerque Júnior (2011) é uma construção mental, um constructo abstrato que tenta abarcar uma generalização intelectual composta por uma grande variedade de vivências afetivas. O autor afirma que a região ao se tornar um espaço institucionalizado, ganha uma prerrogativa de verdade e que esta suposta cristalização da realidade objetiva nos falta porque aprendemos a viver por imagens. Ou seja, segundo o historiador:

Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso, a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 38).

Segundo Albuquerque Júnior (2011), o que há em comum no conjunto de proposições assinaladas pelos mais diversos autores que escreveram sobre o Nordeste é a forma particular que cada um deles realizou suas obras, de modo que fundasse ou inventasse a nordestinização de uma parte do país, como um espaço Outro em relação ao centro-sul, centro-oeste ou norte do país: “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.348).

## 1.2 Podemos falar em identidade nordestina?

O Nordeste, os nordestinos: Quem somos nós? O que nos constitui? Existe uma identidade tipicamente nordestina? Como essa identidade foi construída? E o que elas produzem até hoje? Essas e tantas outras perguntas que cotidianamente ocupam grande parte dos estudos acadêmicos, do imaginário popular e das representações sociais e culturais, ainda nos dias de hoje, ganham relevância, sobretudo neste momento, em que as ideias separatistas ganham falas, caras e corpos em um Brasil onde vem se desenhando “novos” contornos e mapas. Daí ser importante recuperar a questão da identidade regional – ou “nordestinidade” – e toda a complexidade em torno desse tema em pleno século XXI.

Maura Penna (1992), em sua pesquisa de mestrado intitulada *O que faz ser Nordestino?*, traça, historicamente, o processo de construção da identidade social do nordestino como instrumento para entender a realidade concreta. Penna (1992) inicia sua

análise sobre a construção coletiva do Nordeste como região, afirmando que a delimitação que se tem hoje dos espaços regionais foi sendo realizada e modificada ao longo da história, segundo o jogo de relações abarcando o espaço, o Estado e o capital, embora a referência última sempre recaísse sobre o Estado-nação.

No caso específico do Nordeste, segundo a autora (1992), o regionalismo se traduziu em um discurso fortemente caracterizado por certa homogeneização em torno das ideias de crise e desequilíbrio, surgindo dois outros elementos fundamentais do discurso regionalista: a oposição ao sul enquanto ‘espaço obstáculo’, e ao Estado, interlocutor aos quais são encaminhadas as reivindicações. O discurso sobre essa região foi tornando-se constantemente reelaborado, incorporando novos elementos e conteúdos, de acordo com as modificações que se operam em todos os níveis da vida social.

Consequentemente, a identidade não está na condição do ser nordestino, mas sim no modo como esta condição é apreendida e organizada simbolicamente. Para Penna (1992) determinados enunciados jornalísticos e audiovisuais se produziram e permaneceram como representações do Nordeste como sua essência. É preciso questionar a própria ideia de identidade, que é concebida como uma repetição, uma semelhança de superfície.

Discorrer sobre a região Nordeste, nos remete, segundo Penna (1992) a significados vigorosamente petrificados que evocam uma série de imagens uniformes, sócio-político-econômica e ambiental, que até mesmo seus habitantes podem negar sua biodiversidade. Também é importante notar que o processo de formação histórica do Nordeste significa ter clareza que a região não existiu desde sempre e as concepções sobre suas características ou mesmo sua delimitação geográfica sofreram mudanças ao longo do tempo.

É nesse sentido que Penna (1992) afirma que ao colocar a questão básica “o que faz ser nordestino?”, parte-se da premissa de que o Nordeste, hoje, “existe”. Existe enquanto referencial disponível que auxilia a dar sentido ao mundo e às experiências de vida, no âmbito da sociedade brasileira. Este pressuposto é em si problemático, pois se tomarmos o Nordeste (ou qualquer outra região) como se configura no momento atual, juridicamente instituído, estarão sendo relegados todos os processos histórico-sociais que o tornaram “natural” e “real” para nós.

Faz-se necessário, portanto, resgatar em sua complexidade a ‘existência’ do Nordeste, desvendando os processos de constituição da região, o que passa necessariamente pelos efeitos da ação do Estado, dos processos econômicos e do regionalismo nordestino (PENNA, 1992, p. 18).

A autora nos mostra que o “Regionalismo nordestino” nasceu e evoluiu como reação à decadência do Nordeste. Do ponto de vista histórico, surgiu no início do século XX, junto com o avanço da industrialização no Sudeste; do ponto de vista social, configurou-se como atitude política das elites regionais e que jamais se difundiu profundamente entre a população; quanto ao ponto de vista estratégico, caracterizou-se por reivindicar ajuda federal à região, sob a forma de obras públicas ou proteção para empresas e produtos. O argumento central utilizado sempre foi a pobreza regional, geralmente associada ao fenômeno climático das secas. Vale destacar que o discurso regionalista e as respostas federais produziram o principal mito sobre a pobreza do Nordeste, como é caso “o mito das secas”.

É importante considerar que Penna (1992) procura verificar como a identidade regional é apropriada no jogo de reconhecimento que se desenvolve na imprensa nacional, sobretudo no eixo Rio/São Paulo, em contraposição a imprensa paraibana. Ela aponta em seus estudos que o que faz ser nordestino é a conexão da disponibilidade de um referencial culturalmente construído do Nordeste como região, assim como o interesse em perceber certos elementos como capazes de fundamentar a atribuição de identidade com a dinâmica do jogo de reconhecimento, capaz inclusive de forjar para além de uma identidade social, cultural e espacial do grupo (identidade regional), existe uma autoatribuição do indivíduo.

Ao se referir à identidade nordestina, Penna (1992) sustenta a ideia da existência de duas vertentes que configuram situações distintas, tanto em termos de classificação como em termos de identidade. Uma delas seria aquela que parte do interior do grupo, relativa à autoatribuição de identidade, ao autorreconhecimento ou ao reconhecimento pretendido; e, a outra seria as classificações originadas na exterioridade do grupo, quer dizer, o modo como os indivíduos são reconhecidos pelos outros, que a autora denomina de “alter-atribuição”. Desse modo, para a autora, a identidade do ator social é resultado de duas definições: a externa e a interna.

Ainda sobre isto, Penna coloca que:

vale lembrar que a maleabilidade das identidades permite supor que as mesmas pessoas poderiam se representar de modo diverso em outros momentos e situações, ou diante de novo interlocutor, já que o indivíduo ou grupo pode dar significações diferenciadas aos referenciais de identidade disponíveis: a própria auto-atribuição de identidade é alterada conforme o contexto de interação (PENNA, 1992, p. 74).

Sob outra perspectiva, Penna afirma (1992) que não se pode desconsiderar o papel que os dados observáveis desempenham no próprio jogo social de reconhecimento, principalmente quando esse jogo é interpretado e percebido de fora.

Na alter-atribuição de identidade, as ações, hábitos, bens de cada um (grupo ou indivíduo) são objetos de ‘representações (mentais)’ dos outros. Servem a estes, portanto, como referenciais para situar socialmente, para designar a uma certa classe, para identificar, em suma. Sendo assim, nesta direção de reconhecimento que vem ‘de fora’, ganham grande importância as práticas sociais e culturais, enquanto manifestações que podem ser interpretadas e valoradas diferentemente pelo próprio grupo e pelos vários setores com que entra em contato, pois tais signos são apreendidos pelos outros conforme os esquemas de percepção e apreciação de que dispõem. E os esquemas culturalmente disponíveis fornecem, como base para a atribuição de identidade regional, os elementos reconhecidos como típicos (PENNA, 1992, p.75).

O típico, aqui tratado pela autora, é um elemento que reúne em si as características particulares do Nordeste e dos nordestinos, servindo de paradigma; como se fosse um elemento isolado, uma parte responsável por representar o todo, um conjunto. Esses elementos reconhecidos como tipicamente nordestinos, passam a compor o estereótipo, relacionando-se com a representação do Nordeste provocada pelo discurso regionalista ou com a imagem inventada pelo Sul/Sudeste, ao fluxo das relações de forças (materiais e simbólicas) que configuraram as regiões brasileiras.

Neste sentido, para corroborar com as argumentações apresentadas, a autora apresenta o argumento utilizado por Clóvis Cavalcanti (1998) em seu livro intitulado *Identidade Nacional e diferenciação Regional: o Brasil e o Nordeste brasileiro*.

A nosso ver, ao pretender estudar o regionalismo como um dado, um fato social (de cultura), o autor (supracitado) – está de certa forma contribuindo para reativá-lo, reelaborando-o dentro da perspectiva de toda uma vertente da cultura nordestina – mais especificamente de toda uma produção formal regionalista que reforça a percepção da região como um conjunto “com perfil próprio”. E esta produção, pelo lugar e papel dos intelectuais em nossa sociedade, contribui para a difusão desse “sentimento (PENNA, 1992, p. 36).

Nessa perspectiva, a “nordestinidade” se configura em torno de uma série de sentimentos produzidos em meio à fabricação da própria região que lhe dá suporte. Toda essa formação tem ocorrido pela “repetição regular de determinados enunciados que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 24).



Como experiência profundamente conectada a tal invenção, a “nordestinidade” é também “uma poderosa arma de poder assentada sobre uma vasta produção de saber, de imagens e de textos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008a, p. 219). Essa dimensão de produção traz consigo a possibilidade de que aquilo tido como modelo de “nordestinidade” seja historicamente ampliado, que algo anteriormente não considerado como nordestino passe a sê-lo, ou até que outras “nordestinidades” sejam tramadas, a depender do fluxo de forças envolvidas em tais modificações.

De acordo com Albuquerque Júnior (2007), a “nordestinidade”, por conseguinte, é efeito de arranjos e de rearranjos discursivos. Não é da ordem da essência e do natural, mas da ordem da invenção e da cultura. Apesar disso, até esse tempo o Nordeste é, para muitos, um referente espacial neutro ao qual se associam imagens equitativamente estereotipadas acerca dos(as) nordestinos(as).

Existe toda uma política cultural que historicamente tem reivindicado uma diferenciação, uma separação e uma identificação para aquilo que seria peculiar à nordestinidade, reforçando e reafirmando mitologias em torno do espaço nordestino e de seus habitantes. Isto tem ocorrido pela regular repetição de uma história contada sempre da mesma forma, ou seja, uma história feita de enunciados e imagens que ajudou a construir um pretense “nós” único que nunca existiu.

Alexandre Barbalho compartilha também com a ideia que a definição da identidade de uma região não é apenas natural, nem geográfica, é antes de tudo resultado de interesses que se convergem, dentre os sociológicos, políticos, econômicos e culturais. Isto é, o poder da identidade local auxilia no processo de separação ou confirmação de alianças (BARBALHO, 2004).

A invenção de uma identidade nacional por políticos e intelectuais reforçava alguns preconceitos e estereótipos acerca da cultura nordestina, à medida que selecionava elementos culturais como mais representativos – exóticos – do que outros, para estabelecer uma verdade sobre o Nordeste que não existia (e continua não existindo). Segundo Albuquerque Júnior:

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas ad nauseum, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.343).

Para este pesquisador, o combate aos preconceitos em relação ao Nordeste e ao nordestino, associando-os ao incivilizado, ao rural, ao caduco, não se fará por um discurso regionalista, que tente “inverter o sinal do que se diz, atribuindo uma falsidade ao que se fala e vê e procurando colocar outra verdade em seu lugar”. Albuquerque Júnior (2011) sugere que para acabar de vez com essa ideia essencialista de que existe um Nordeste e uma “nordestinidade” intocada teríamos que começar destruindo o Nordeste e o nordestino, como estas abstrações preconceituosas e estereotipadas, compreendendo as diversidades constitutivas de cada área e de cada parcela da população nacional.

Foi à emergência do dispositivo das nacionalidades (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) que permitiu o surgimento da ideia de Nordeste, porque sem a ideia do Brasil como nação teria sido impossível pensar as regiões. Esse dispositivo fez com que houvesse a necessidade de se buscar símbolos e signos que preenchessem a ideia de nação e, na tentativa de garantir sua hegemonia, as diferentes regiões começaram a competir entre si para que seus costumes, crenças, relações e práticas sociais fossem generalizados para todo o país.

Para Carvalho (1998), esta construção discursiva da ideia de nação sofre influências preponderantes dos grupos hegemônicos, tanto política quanto ideologicamente. “Se a ideia de Brasil não estava no horizonte mental de grupos locais e da população em geral, estava na cabeça dos políticos que lideraram o processo de independência” (CARVALHO, 1998, p. 235).

Dessa forma, Carvalho (1998) aponta que a ideia de nação como ela se mostra não provém do povo, mas dos setores que o “controlam”. Assim, o que se compreende de identidade nordestina pode simplesmente não ter sido originada do povo, mas dos grupos de poder da região. O discurso destes, naturalmente, tende a folclorizar o atraso nordestino, perpetuando, assim, a manutenção do *status quo* em relação às camadas menos favorecidas, sem que estas se rebelem contra os detentores de poder.

Desse modo, cria-se a ideia de unidade e de homogeneização identitárias para o Nordeste e os nordestinos. Nesse espaço e em qualquer tempo tudo parece se repetir continuamente e a identidade é relegada a algo estável e fixo e não como identidades possíveis, como processo em construção, mutável e fragmentado, reconhecido muito mais como uma identificação (HALL, 2004) ou semelhança (PENNA, 1992) do que como algo sólido, dado, acabado.

Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva defendem a identidade enquanto construção discursiva produzidas em condições específicas de um dado momento histórico, sendo, pois fruto das relações sociais e culturais. Hall (2004), assim, assegura que para:

além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma identidade e seu significado tradicional (HALL, 2004, p. 109).

A diferença, então, funciona como um traço identitário de oposição, o que marca a identidade em relação ao que ela não é. Por isso, a identidade passa a ser assinalada por contraste, oposição e exclusão, o ponto original ao qual se define a diferença (SILVA, 2004). O autor também afirma que a identidade e a diferença não podem ser vistas fora do sistema de significação nos quais adquirem sentidos. Elas são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva (SILVA, 2004).

À vista disso, observamos que a identidade é um processo cultural, construída nos discursos que circulam em uma dada sociedade. Ela é móvel, fragmentada, contraditória, em alguns momentos definida historicamente. Stuart Hall (2005, p.13) acrescenta que:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 13).

Mas, insistentemente, mesmo na contemporaneidade, tanto a imagem quanto as narrativas voltadas para a construção de uma identidade nordestina são envoltas pela simplicidade dos lugares vazios, esturricados, hostis e das pessoas pobres e sofridas sempre com essa mesma ambientação. Naturalmente, estas afirmações partem do pressuposto de que o que se vê ali não é uma região qualquer, mas a Nordeste, com particularidades que foram atribuídas a ela através dos tempos:

antes que a unidade significativa chamada Nordeste se construísse perante nossos olhos, foi necessário que inúmeras práticas e discursos “nordestinizadores” aflorassem de forma dispersa e fossem agrupados posteriormente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79)

Desta maneira, tornou-se possível reconhecer como nordestinas estas ou aquelas características. Para Albuquerque Júnior (2011), a invenção do Nordeste partiu de um discurso lírico que evocava os tempos passados, fundados em estruturas como latifúndio e miséria social.

A identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem significado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 77).

Portanto, nas diversas tentativas de se buscar explicitar aquilo que genuinamente caracterizaria o Nordeste e o nordestino, termina-se por definir verdades para esta região. Segundo Albuquerque Júnior (2011), foi dessa forma que através das elites agrárias da fração oriental do antigo “Norte” brasileiro, que se utilizaram das decorrências estratégicas que elas mesmas pleitearam na articulação, participação e composição de um espaço regional nordestino e de sua identidade – ou “nordestinidade” – nos limites do século XX.

### **1.3 Ficções persistentes: a conjuração de um presente e futuro presos ao passado**

Ao nos debruçarmos no passado recente da invenção do Nordeste, segundo Albuquerque Júnior (2011), percebemos que os seus inventores são os mesmos que iriam se beneficiar dos dois temas fundamentais da sua constituição, primeiro: a ideia de que o Nordeste é um espaço natural – uma região natural – e a seca, torna-se essencial dentro dessa natureza própria da região; o segundo é de que o Nordeste tem uma forma cultural própria, era o lugar da brasilidade mais pura, distante das influências estrangeiras e lugar do homem forte do sertão.

Para estes inventores – intelectuais e elite nordestina –, o que predominava naquela região era a cultura influenciada pelos povos ibéricos e sua miscigenação com a cultura africana e indígena. Essa era a região que detinha uma cultura de raiz, ou a cultura propriamente dita brasileira, conforme (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

O surgimento do Nordeste, como discorre Albuquerque Júnior (2011), tem a ver com a característica das elites brasileiras e, em especial, da nordestina, que tinha medo da mudança e da transformação, por isso se agarrava a territórios tradicionais, porque tinha medo da história. O Nordeste é uma fabricação reacionária, é uma tentativa de barrar a história, uma

tentativa de criar uma barreira às transformações do capitalismo que adentravam o país através da industrialização. Então, segundo Zanforlin (2008) foi a partir:

das políticas de modernização e criação de indústrias no território nacional, o fim do trabalho escravo e abertura para o recebimento de imigrantes europeus para o exercício do trabalho assalariado é que são dados os primeiros contornos do contexto para a construção de um novo mapeamento identitário, que seria demarcado a partir desse ideário; voltado para o futuro e discriminando o passado como um marco de atraso e, portanto, destinado ao esquecimento. Poderíamos apontar a região Nordeste como aquela que, para o olhar midiático, essencializa esse passado incômodo (ZANFORLIN, 2008, p. 27).

De acordo com Silveira (1984), devido à conjuntura econômica no Brasil, a região Nordeste ficou marcada como espaço geográfico em estado de crise e subdesenvolvimento. Os investimentos e a entrada de capital europeu no Brasil causaram mudanças na área de comércio. Com isso, se de um lado a região Sul estabelecia uma alta circulação monetária e um grande desenvolvimento comercial, o Nordeste perdia movimento de capital e sofria com desvalorização de seus produtos no mercado, notadamente, no caso da economia açucareira nordestina.

Desse modo, no final do século XIX o discurso regionalista começa a ficar cristalizado, constituindo, do ponto de vista ideológico, o discurso das elites dirigentes, que, na impossibilidade de outra implantação comercial, procuram, na representação da crise, na presença constante da escassez, na imagem abrasadora e rachada da terra, manter meios de recursos públicos que, em última instância, são por elas apropriados. Para a elite nordestina da década de 1930-1950, “a ideologia regionalista, tal como surge é, portanto, a representação da crise na organização do espaço do grupo que a elabora” (SILVEIRA, 1984, p.17).

As análises são unânimes na caracterização dos “dois Brasis”: um arcaico, subdesenvolvido, localizado, sobretudo no Nordeste agrário; outro moderno, identificado com o progresso e desenvolvimento, localizado no Centro-Sul industrial. A noção de centro-periferia, aplicada à interpretação das disparidades entre as nações, era transposta para as interpretações das desigualdades regionais internas ao país, sob uma perspectiva de interesses urbano-industriais [...] (SILVEIRA, 1984, p. 29).

A economia nordestina, segundo Zanforlin (2008), era centrada na monocultura, na pecuária, em uma elite predominantemente portuguesa, ou descendente dela, totalmente atreladas à burocracia herdada da coroa; e logo depois, concentrada em uma elite rural pouco

habituada a delegação de poderes, mas bastante zelosa na manutenção de seus privilégios políticos e hierárquicos.

Esse era o momento que a questão da nacionalidade brasileira estava sendo discutida, tanto por aspectos internos correntes no país (a república em construção, o processo de transferência do trabalho escravo para o livre, a promessa de modernização), como também por fatores externos, que incluem uma Europa devastada pela guerra e a promessa de uma América que se tornaria o centro do mundo. E no que diz respeito ao Nordeste, não podemos deixar de aludir que

a imensa maioria populacional constituída de mestiços; o tipo que deveria ser relegado à subalternidade, à inaptidão intrínseca, de acordo com as novas ideologias eugênicas e das teorias naturalistas que pregavam a raça negra como inferior, condenada, portanto, ao trabalho servil. O fato é que o traço oligárquico da sociedade brasileira foi sendo localizado nos textos de mídia num espaço geográfico específico, sendo dispensada de crítica às famílias paulistas que concentram propriedades rurais e conglomerados de comunicação, além das oligarquias do Sul, por exemplo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A esses espaços não cabem nem narrativas midiáticas, na forma de cinema, imprensa, matérias de TV (ZANFORLIN, 2008, p. 27).

Lembramos que essas narrativas são reflexos de um discurso institucionalizado pela mídia impressa da época e pelo próprio governo que além da problemática econômica e social da região, ainda atribuía aos nordestinos uma imagem de pessoas agressivas, violentas e, em certos momentos, bárbaros – era uma forma de propagar uma imagem ruim ao cangaço – e fanáticos religiosos, que se manifestavam contra o poder do Estado em forma de protestos diante das injustiças sociais.

Esse olhar, segundo Albuquerque Júnior (2011) passou a ser perpetuado e recebeu conotações de que o Nordeste era um lugar de atraso e o povo nordestino constituído de sujeitos não civilizados. Todavia, o país apresentava um discurso de modernização e para fortalecer esta ideologia, se fazia imprescindível identificar esses sujeitos como rebeldes, pois, desse modo, o governo precisaria intervir diretamente em suas ações e a repressão oficial como era uma prática comum da época seria de até certo ponto justificada.

Mais uma questão importante de se notar, como aponta Albuquerque Júnior (2011), é que para além desses discursos de particularização do Nordeste como um espaço geográfico decadente, emerge outro que é a região como berço da tradição, sendo esse o verdadeiro Brasil. No final do século XIX, a literatura regionalista de Euclides da Cunha e seu clássico *Os sertões* (1902) contribui com esse processo. Esta, que talvez seja a primeira e mais

importante obra a respeito sobre a região Nordeste do Brasil, trouxe ideias científicas e racialistas que imperavam no século XIX, todas largamente adotadas pelo autor e de forte influência na maneira como o mesmo caracteriza o Nordeste, sua natureza e seu povo.

A partir do fenômeno *Os Sertões*, percebe-se a delimitação do conceito de sertão articulado essencialmente à Região Nordeste... esta imagem do sertão, apesar das manipulações e da inércia das autoridades, com os anos passou a gerar no seio da sociedade brasileira uma inquietação, deixando bem claro onde o descompasso com a civilização é mais evidente (OLIVEIRA, 2002, p. 522).

Outro aspecto anexo a este ou mesmo um de seus potencializadores foi a produção literária de Gilberto Freyre que emerge justamente no momento em que o Nordeste está deixando de ser o centro econômico do país, devido à decadência da produção açucareira nos engenhos. Gilberto Freyre, filho da elite agrária de Pernambuco, juntamente com diversos intelectuais, sobretudo do Recife, vai ser o cérebro de uma série de iniciativas que vão de encontro a essas ações que eram completamente contrárias a novas formas de organização de vida econômica e social do país defendendo uma nacionalidade tradicional e saudosista (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

É a partir de suas publicações no Diário de Pernambuco que ele vai estabelecer um espaço para a defesa e divulgação de um recorte espacial específico no país: o Nordeste. O livro do Nordeste, produção de comemoração do centenário do Diário de Pernambuco em 1925, escrito sob forte influência de Freyre, vai antecipar o que ocorreria em 1926, no Congresso Regionalista do Recife, um encontro que visava,

salvar o espírito nordestino da destruição lenta, mas inevitável, que ameaçava o Rio de Janeiro e São Paulo. Era o meio de salvar o Nordeste da invasão estrangeira, do cosmopolitismo que destruiria o espírito paulista e carioca, evitando a perda de suas características brasileiras (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 86).

Quando chega o ano de 1926, a tema regional toma forma, e com o intuito de debater a questão da identidade cultural brasileira, realizou-se o 1º Congresso Brasileiro do Regionalismo, na cidade do Recife. Gilberto Freyre, seu principal idealizador, apresenta o manifesto que criaria o Movimento Regionalista, Tradicionalista e, ao mesmo tempo Modernista, do Recife. O movimento, que contava com o apoio tanto de pensadores da direita quanto da esquerda, se proclamava apolítico e, embora enfatizasse as diferenças entre as sub-

regiões do Nordeste, seus participantes negavam qualquer caráter separatista, como é possível observar em parte do texto do manifesto:

A maior injustiça que se pode fazer ao regionalismo como o nosso seria confundi-lo com separatismo ou bairrismo. Com anti-internacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo. Ele é tão contrário a qualquer espécie de separatismo que, mais unionista que o atual e precário unionismo brasileiro, visa a superação do estadualismo, lamentavelmente desenvolvido aqui pela República – este sim, separatista – para substituí-lo por novo e flexível sistema em que as regiões mais importantes que os estados se completem e se integrem ativa e criadoramente em uma verdadeira organização nacional. Pois são modos de ser – os caracterizados nos brasileiros por suas formas regionais de expressão – que pedem estudos ou indagações dentro de um critério de interrelação que ao mesmo tempo amplie, no nosso caso, o que é pernambucano, piauiense ou até maranhense, ou alagoano, ou cearense em nordestino, articule o que é nordestino em conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano (FREYRE, 1996, p. 48)

O discurso culturalista de Freyre, publicado no Manifesto, aponta para uma dimensão ampla do que seja identidade e brasilidade. O sociólogo, com extrema argúcia indica uma questão crucial: a necessidade de constatar que, de um lado era inegável a existência de vários e não apenas um Nordeste, e por outro, era igualmente importante reconhecer quais seriam os elementos que constituíam pontos de interlocução entre essas culturas que possibilitasse um conjunto de semelhanças que fosse passível de denominar identidade nordestina; bem como pontos de aproximação com culturas das outras regiões do Brasil, permitindo uma compreensão de brasilidade.

Para Freyre (1996), o regionalismo – esse regionalismo não estadualista – teria um papel decisivo: promover uma verdadeira unidade nacional a partir de uma compreensão das complexidades e também das semelhanças dos elementos culturais que compunham a sociedade brasileira, defendendo ainda as tradições culturais regionais das influências externas. Exatamente em vista disso, esse regionalismo, diverge do modernismo antropofágico paulista, fortemente marcado por elementos estéticos do modernismo europeu.

Criava-se a partir dessa leitura a ideia de que a onda cosmopolita influenciada pelos valores estrangeiros destruiria o Brasil e suas raízes. Tais valores já eram aventados e fortalecidos nos eixos Rio de Janeiro e São Paulo e ainda era necessário impedir que tais práticas rompessem com as tradições nordestinas.

Para Albuquerque (2011), essa defesa da manutenção das tradições defendida por Freyre e demais tradicionalistas, foi uma invenção para estabelecer o equilíbrio entre a nova



ordem e a anterior, como forma de garantir a perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados: “O medo de não ter espaço numa nova ordem, de perder a memória individual e coletiva, de ver seu mundo esvaír, é que leva à ênfase na tradição, na construção deste Nordeste” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 90).

A identidade regional, por meio do apelo à tradição e à memória, vai buscar construir nesse espaço moderno, pontos de ligação dos homens do presente com o passado. O “Nordeste tradicional” é então, para Albuquerque (2011), um produto da modernidade possível se pensar apenas neste momento. Um retrato de um espaço que já não existe e por isso, é constituído sob a lógica do que ele chamou de “espaço da saudade”:

Não é à toa que as pretensas tradições nordestinas são sempre buscadas em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista; são buscadas em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 91).

Para o autor, esse discurso imagético-discursivo sobre o Nordeste tem um forte poder de impregnação nas camadas populares devido ao processo de identificação dessas com a tradição, que nesse cenário tem como forte elemento de expressão o folclore. Ele seria a mentalidade popular, logo, também a mentalidade regional. Uma cultura do povo, reduto de uma memória tradicional que se opõe ao moderno. A identificação com o tradicional seria a ponte de ligação entre o mundo do passado e o do presente.

A literatura denominada “Geração de 30”, representada por escritores como Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e José Lins do Rego, vai, juntamente com Gilberto Freyre, construir o Nordeste sob o argumento da memória, colocando-a como o único lugar de vida possível para o homem da modernidade emergente. Só através da memória ele poderá se reencontrar consigo mesmo, com sua identidade ameaçada, então, “se o passado é melhor que o presente e ele é a melhor promessa de futuro, caberia a todos se baterem pela volta dos antigos territórios esfacelados pela história” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 100).

Como podemos perceber nas argumentações em torno da essencialização desse passado atrasado e incômodo do Nordeste, seja nas produções literárias, nos jornais e, conseqüentemente, nas produções audiovisuais que corroboraram na construção da identidade nacional, a visão saudosista do mundo patriarcal da casa grande e senzala significa a saudade das elites senhoriais até hoje. Elites, na constatação de Albuquerque Júnior (2011), com saudades da escravidão, saudade de uma sociedade estamental, saudade de uma sociedade bem definida, onde cada um ocupa e reconhece o seu lugar.

Quem corrobora com essa argumentação é Jessé Souza (2015), quando objetivamente afirma que é preciso reinterpretar a história do Brasil moderno e de suas relações de classe entendendo que a escravidão é o elemento fundador que nos marca como sociedade até os dias de hoje. Para o sociólogo potiguar, não houve ruptura entre o período da escravidão e os que se seguiram, ou seja, assim como a elite econômica do país é a continuidade da elite escravagista, a classe destituída de direitos hoje é a extensão do trabalho estável escravocrata do “passado”. Nesse sentido, é que Souza (2015), afirma:

Como houve continuidade sem quebra temporal entre a escravidão, que destrói a alma por dentro e humilha e rebaixa o sujeito, tornando-o cúmplice da própria dominação, e a produção de uma ralé de inadaptados ao mundo moderno, nossos excluídos herdaram, sem solução de continuidade, todo o ódio e o desprezo covarde pelos mais frágeis e com menos capacidade de se defender. O resumo dessa passagem dramática entre duas formas de escravidão pode ser visto deste modo: como a escravidão exige tortura física e psíquica cotidiana como único meio de dobrar a resistência do escravo a abdicar da própria vontade, as elites que comandaram esse processo foram as mesmas que abandonaram os seres humilhados e sem autoestima e autoconfiança e os deixaram à própria sorte (SOUZA, 2015, p. 50).

Dessa feita, fica evidente que na transição do modelo econômico campesino para o modelo econômico da cidade, baseado na indústria, surgiu uma nova classe social, originada da condição de escravos, mas completamente desprovida de todos os privilégios e totalmente precarizada em suas necessidades mais básicas. De outro modo, Souza (2015) afirma que podemos dizer que existe uma construção social e simbólica por parte da elite e da classe média, em torno da classe trabalhadora e da “ralé” brasileira para que estas continuem no seu lugar, não ascendam, não cresçam social, político, cultural e economicamente. Desse modo, as bases populares não podem efetivamente subir um degrau que seja na escala social porque seu lugar é o de eternos escravizados, realizadores dos trabalhos básicos, servidores da classe média, que por sua vez serve a elite do poder.

Para Chauí (2001) esse é o caráter dos mais fundamentais a essa composição e transposição do discurso, que não mais se dá somente pelas elites fundadoras, mas pela grande população a qual ele é endereçado. O importante a se observar nas reflexões da autora são a sociedade autoritária e o que pode ser pensado como um de seus ordenadores, a cultura senhorial. Chauí observa o seguinte:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “Cultura Senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma

de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela as relações sociais intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior que manda, e um inferior que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência (CHAUÍ, 2001, p. 89).

Outro aspecto a considerar quanto a essa aceitação de um poder senhorial em que o governante não é representante do povo, mas representante do poder em si, do poder do povo, diz respeito à reflexão feita por Foucault (1978) ao explicar que as relações de poder e manutenção de “verdades” não se efetivam somente como repressão direta. Essas são as suas palavras:

O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma de saber, produz discurso (FOUCAULT, 1978, p. 8).

Portanto, é possível supor que um poder que não representa ainda assim é capaz de mandar em um “povo cordial” que obedece. Essência analítica da obra considerada como a mais expressiva de Sérgio Buarque de Holanda de 1936, o “homem cordial”, a título de exemplo, reflete tanto hierarquias nas interações interpessoais – deixando em primeiro lugar os sentimentos e apaziguando os conflitos, em detrimento de uma ordem legalizada e universal – quanto influencia na configuração do sistema político do país. Para Costa (2014), a análise de Buarque de Holanda sobre o homem cordial pode ser lida por um lado como um tipo ideal sociopsicológico e, por outro, como um padrão de sociabilidade.

O autor afirma que assim como no Brasil e na América Latina, a retórica liberal seria um instrumento de legitimação do discurso político de uma pequena elite hegemônica, e não uma forma de governo efetivamente aplicada. Buarque de Holanda está preocupado mais com a neutralização das assimetrias políticas do que com a redistribuição social, portanto vê na política também o potencial para uma democratização profunda.

Dessa maneira, Costa (2014), faz uma divisão da interpretação sobre o “homem cordial” sob duas perspectivas: a primeira, reside na ideia de que esta figura seria uma “síntese a-histórica e essencialista” das características brasileiras, ou seja, tinha um padrão sociopsicológico e não era um produto histórico de relações sociais concretas (p. 837); e a segunda seria a busca do padrão de sociedade que existe por trás desse “homem cordial” e que dificulta a efetivação de normas universais e de consolidação da cidadania.

Assim, novas interpretações sobre a formação do país têm se colocado em contraposição ao que Jessé Souza chama de “soberania do passado sobre o presente” –, ou seja, explicações sobre o subdesenvolvimento do Brasil baseadas nas ideias de personalismo, familismo e patrimonialismo (SOUZA, 2004, p. 79). Ademais, tem sido o caráter de uma herança explícita da cultura senhorial feudal e da influência do ideário e da moral cristã. Produção e reprodução dessa moral de ditos que até os dias atuais remete a modelos que justificam o mandonismo das elites econômicas, culturais e, conseqüentemente, midiáticas, que conformam, naturalizam e normatizam toda essa dinâmica de apagamento ou de estereotipagem do migrante nordestino.

## 2 PROCESSOS MIDIÁTICOS DE ATIVAÇÃO NORDESTINA

Neste capítulo, procuramos demonstrar como a produção discursiva sobre o Nordeste paralisado e atrasado – atravessado pelo discurso da seca – foi uma construção necessária para as elites da Região manterem seus privilégios e como estas contaram com a disseminação noticiosa dos meios de comunicação. O cenário que foi sendo criado pelos meios de comunicação quase sempre deu destaque para um lugar que não encontrou o “desenvolvimento”, a “modernidade” e que recorrentemente precisa de ajuda. A estereotipia, constantemente retratada, de uma região seca, apagada, de sua gente esfomeada, feia, molambenta, suja e ignorante, ainda permeia o imaginário dos habitantes do lado Sul/Sudeste do país. Essa imagem à qual são reportados os nordestinos acaba por reafirmar o discurso daqueles que só representam a eles mesmos, inclusive giram burocraticamente em torno deles e certamente encontram na mídia esse lugar de acabamento. Então como é possível pensar o Outro como parte de Nós? Assim, nos propomos apontar alguns processos midiáticos que interferem diretamente na construção de nossas vivências aqui no Rio de Janeiro.

### 2.1 A propósito da seca

Decerto não é involuntariamente que a mídia brasileira na contemporaneidade continua retratando o espaço do Nordeste – e conseqüentemente o nordestino, migrante ou não – como o antípoda da região metropolitana desenvolvida do Centro-Sul brasileiro. Isso porque tanto o Nordeste quanto o nordestino sempre foram apontados como espaço e pessoas marginais, esquisitas, quando não bizarras, dentro do próprio território brasileiro. Independente de toda heterofilia presente na diversidade espacial e cultural desse grupo, do seu encontro variado com o mundo atual, globalizado, o que parece prevalecer são os resquícios perpetrados pela precisão discursiva e imagética construídas no passado da região.

Para entendermos as formas atuais com que essas configurações discursivo-imagéticas continuam sendo apresentadas, faz-se necessário apreender a maneira com que as elites nordestinas – e também a nacional – foram elaborando sistematicamente nas sombras dos alpendres das casas grandes, aspectos que envolveriam a construção cultural e política regional, sobretudo, no que diz respeito aos sofrimentos causados nos cinturões da seca, objeto esse, de grande divulgação midiática, desde sua “invenção”. Para Barbalho (2004), a

seca seria um dos aspectos fundamentais no processo de construção identitária dessa região que contava com o amplo apoio da mídia e do Estado como máquinas discursivas no processo de construção do Nordeste.

O processo que legitimou a seca enquanto símbolo desse território teve destaque a partir de 1877. Naquele ano ocorreu a chamada primeira grande seca no Nordeste, considerada a mais catastrófica, impulsionando a fome, a indignação, a miséria e deixando para os anos futuros um saldo de 500 mil mortos<sup>1</sup> entre os habitantes do Ceará e das vizinhanças. Só em Fortaleza, pereceram 119 mil pessoas. “A seca foi devastadora em todas as quatro províncias, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba; em todas elas a população ficou reduzida à miséria, à ruína e à pobreza, o quadro foi horrível”<sup>2</sup>.

Considerada uma das secas mais severas da história do Nordeste, a seca de 1877-1879, possivelmente foi a que provocou a migração mais intensa e sofrida dessa região em pleno final do século XIX. Aqueles três anos de estiagem foram assolados pela fome absoluta dessa população, o que conseqüentemente levou famílias inteiras a saquearem depósitos de mantimentos do governo. Centenas dessas famílias percorriam quilômetros a pé, na poeira da estrada – os adultos com seus filhos menores no cangote e os demais sendo puxados pelas mãos – se arrastando, fugindo do calvário da sua miséria, existindo, entre esses, muitas vítimas que caíam inanimadas por não suportarem as fadigas e a duração da viagem.

O percurso feito era uma tentativa de chegarem aos centros urbanos, mas aqueles que não ficavam presos nos chamados campos de concentração ou “currais do governo” e conseguiam seu intento, geralmente, chegavam ao seu destino à beira do colapso e impressionavam pelo estado de desnutrição, sobretudo as crianças. Daquela época restaram raras imagens de homens e mulheres em situação esquelética e barriga grande em razão do baixíssimo índice pluviométrico e da dificuldade de alimentação. A seguir pode-se observar uma amostra da situação de calamidade provocada pelos efeitos daquela seca, através do olhar da imprensa (Imagem 1).

- 
1. A estimativa da catástrofe em termo de vida humana foi feita pelo jornalista americano Herbert H. Smith, que na época realizava uma viagem de estudos no Brasil. SMITH, H. **Brazil: The Amazon and the Coast**. Nova York: [s. n.], 1879.
  2. BRASIL, Ministério do Interior, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Departamento de Recursos Naturais. **As secas no Nordeste (uma abordagem histórica de causas e efeitos)**. Recife: Ministério do Interior. 1981.



**Imagem 1** – Vítimas da Seca de 1877. *Jornal O Besouro*. Ceará. Edição de julho de 1878  
 Fonte: Arquivo Nacional.

Esse território nem sempre teve o topônimo de “Nordeste”. Lembrando que por volta dos anos de 1920, os termos “Norte” e “Nordeste” ainda eram usados como sinônimos, o que comprova que esse era um momento de transição, uma vez que a própria ideia de Nordeste ainda não havia sido demarcada. “O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62).

A seca era a justificativa essencial para as elites nordestinas em crise acessar verbas federais, uma vez que, a partir da segunda metade do século XIX, o Nordeste experimentou de forma mais intensa o processo de decadência econômica, ante as crises dos engenhos de cana-de-açúcar e o conseqüente deslocamento das atividades da produção do país para o eixo Sul/Sudeste, bem como a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho dos imigrantes. Destarte, para as elites nordestinas, a seca serviu como potencial moeda de troca para lograr esses recursos, e a imagem produzida dos nordestinos como coitadinhos plangentes, reduzidos à condição de miseráveis e marginalizados foi empregada para provocar a sensibilização das autoridades públicas federais e da sociedade como um todo.

A imagem apresentada a seguir (Imagem 2), publicada no jornal *O Besouro*, do Ceará, evidencia mais uma vez o quadro de miséria e flagelo provocado pela “grande seca” de 1877-1879 sendo empregada por parte das autoridades nordestinas para pleitear verbas.



**Imagem 2** – Vítimas da seca no Ceará, 1877-1878. Foto: J. A. Correia. *Jornal O Besouro*. Ceará. Edição de julho de 1878  
Fonte: Arquivo Nacional.

Para muitos brasileiros, as secas seriam o fundamento em si das desigualdades intra e interregionais no país. Albuquerque Jr. (2011, p. 81) afirma que “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área”. É a partir desse momento, como aponta Rios (2014), que o caos social foi instaurado na região e estimulou a convocação dos brasileiros para apoiar os irmãos do Norte. A seca, portanto, passa a ser um discurso único para justificar as grandes somas gastas em açudes e barragens, incentivos fiscais às empresas que se instalam no Nordeste e o perdão de dívidas junto aos bancos estatais para os grandes e médios proprietários ao longo do último século.

Sua popularização na mídia começou com a grande seca de 1877 e conseguiu maior repercussão com os artigos de Euclides da Cunha para o jornal *Estado de São Paulo*, que mais



tarde tornar-se-iam o clássico livro *Os Sertões*. Involuntariamente ou não, estas matérias jornalísticas e outras que se seguiriam nas décadas seguintes serviram e servem para justificar as mazelas do sertão com base nas suas características climáticas, já que condicionam as suas desigualdades socioeconômicas às suas particularidades naturais e não à estrutura socioeconômica mantenedora desta desigualdade. Dessa forma, segundo Barbalho (2004), a grande seca de 1877-1879 criou a agenda da seca no calendário e pensamento regional e nacional, pois ela foi considerada a maior do século e teve uma significativa repercussão, sobretudo, na imprensa sulista.

Em 1915, mais uma vez, a seca castiga de forma terrível a região. Para obstruir a entrada de retirantes na capital cearense o governo do estado criou espaços que eram verdadeiros campos de concentração nos arredores das maiores cidades. Era lá que ficavam recolhidos milhares de flagelados entregues a todo tipo de sorte. No Campo do Urubu, no Pirambu em Fortaleza, um lugar que espremia cerca de seis mil pessoas, a varíola fez centenas de mortes e a falta de condições sanitárias e de comida agravava sobremaneira o quadro. O padecimento vivenciado por essas famílias no período dessa seca é retratado pela escritora cearense Raquel de Queiroz no romance *O quinze*.

Por esse caminho é que se vai construindo o discurso da seca ao longo do tempo. Pode-se aferir que a seca foi uma das principais formas nas quais as elites procuraram reconquistar seu poder e espaço a níveis nacionais para então disporem das “condições necessárias para perpetuar a sua exploração e dominação secular, nesta área do país. Seca, pois, invenção não apenas de palavras que calcinam, mas de palavras que dominam” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 245).

Depois do trauma vivenciado em 1915, o Nordeste viveu outra estiagem rigorosa, a seca de 1932, que teve como principal característica a construção de campos de concentração no interior do Estado do Ceará, montados com o objetivo de evitar que os flagelados chegassem em grande número a Fortaleza. Com a chegada da estiagem, cada vez mais forte, a política dos campos de concentração se consolidou, foram criados sete em todo Ceará. O único de pé é o campo de Senador Pompeu. É possível passear pelos quartos onde se amontoaram centenas de retirantes e histórias. As ruínas ainda estão na cidade. Em 1932, mal havia lugar para tanta desesperança.

Para De Farias (2015), a construção dos campos de concentração para “alojar” os retirantes, tinha como principal objetivo, concentrar e disciplinar os flagelados da seca (Imagem 3). Nesses locais a disciplina era rígida: as pessoas não podiam sair se não fosse para

trabalhar nas obras de emergência do governo ou para lutar na revolução paulista de 1932, os homens tinham muitas vezes seus cabelos raspados e os casebres divididos em pavilhões para homens solteiros, viúvas e famílias. A administração desses locais de “aprisionamento”, muitas vezes era feita pelo governo, ou seja, era um modo de controle, onde havia cadeias para punir os indisciplinados.



**Imagem 3** – Campo de Concentração do Pirambu, Ceará, 1932. Foto do médico José Bonifácio Paranhos Costa no relatório da Comissão médica de Assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste. Acervo: Valdecy Alves

Fonte: Diário do Nordeste. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/online/ha-87-anos-campo-de-concentracao-em-fortaleza-foi-atracao-para-visitantes-de-outros-estados-1.2125607>>. Acesso em: fev. de 2020.

Para Kênia Rios (2014), as piores consequências desse período foram sentidas no Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Ela explicita que, após a seca de 1932, outro momento de grande dificuldade acontece com a estiagem de 1958, quando refugiados migraram para a construção de Brasília. No Nordeste, depois da década de 1930, não tinha mais os campos de concentração (e o termo deixou totalmente de ser utilizado para que não fosse remetido ao seu homônimo, o campo de concentração nazista da Segunda Guerra Mundial). Em 1958, tinha albergues, mas não com as mesmas características e estruturas de segurança com guardas vigiando os flagelados.

No final da década de 1950, com a chegada da televisão no Brasil, comandada pelo paraibano Assis Chateaubriand, a percepção que o país já alimentava sobre o Nordeste teria

uma dimensão muito maior. Era comum a cada estiagem, os lares brasileiros captarem as imagens de crianças famintas tomando sopa de palma com água e sal<sup>3</sup>. As redes televisivas começaram a organizar campanhas de arrecadação de alimentos para as vítimas da seca com celebridades<sup>4</sup>, não muito diferente do que acontecia no final do século XIX quando os jornais reivindicavam nas suas páginas a ajuda da elite sulista aos pobres do Norte. Imagens que se repetiriam, seca após seca, como fotografias eternas de um único lugar e que levariam os nordestinos – sobretudo os sertanejos – a internalizar que sua região não possui água, por causa de ordem natural. Como se não bastasse, 1983, apresenta ao povo nordestino mais uma seca que é mostrada com ares de desolação. O rastro de miséria se fazia presente nas lavouras perdidas, animais mortos pela sede e fome e saques a armazéns por parte da população faminta e desesperada.

A seca de 1983, ganha as páginas dos principais jornais do país e destaque na mídia. Ela já durava cinco anos e apresentava a crítica situação das comunidades do sertão onde a fome era a constante companheira e fazia parte do cotidiano das pessoas. Foram apresentadas por parte dos governos do Nordeste, como medidas emergenciais, os chamados bolsões da seca e as frentes de trabalho para os agricultores. Nesse período, o repórter Egídio Serpa e o fotógrafo Delfim Vieira fizeram relatos de situações extremas nas páginas do *Jornal do Brasil*, onde a reportagem mereceu destaque e a foto de capa, na edição publicada em 23 de agosto de 1983, chocou os leitores por confirmar que parte da população do Ceará se alimentava de ratos e calangos (Imagem 4).

Outra reportagem que trata de um caso extremo de necessidade de sobrevivência imposta pela seca foi produzida, em 1980, pelo repórter pernambucano Francisco José em uma série de matérias especiais para a Rede Globo, onde ele mostrou pessoas que caçavam camaleões e as viúvas da seca<sup>5</sup> no sertão pernambucano (Imagem 5).

---

3. Nessa época comer palma significava estar na pobreza extrema, já que essa servia apenas para a alimentação do gado e era apenas em caso de fome extrema alimento para os habitantes do semiárido nordestino. É bom lembrar que nos últimos anos essa situação vem mudando devido aos projetos que incentivam a culinária da palma. Ver: Palma na culinária nordestina. Disponível em: <<https://www.senarn.com.br/palma-na-culinaria-nordestina/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

4. Em 1985, um grupo de 155 artistas ligados ao mundo musical brasileiro gravou o compacto simples *Nordeste Já*. A ideia era arrecadar fundos para as vítimas da estiagem. Este tipo de evento teria início ainda no final do século XIX. Villa (2001) conta que o Imperador Dom Pedro II participou de festas para arrecadar fundos para ajudar as vítimas da grande seca de 1877, mas estes eventos aconteceram em Portugal.

5. Mulheres de sertanejos – nordestinos – que migram em busca de emprego no período de seca na região.



**Imagem 4** – Cearenses comem calangos para não morrer de fome. Foto: DelfimViera. Primeira página. **Jornal do Brasil**, 1983  
Fonte: Arquivo Nacional.



**Imagem 5** – Pessoas que caçavam camaleão para comer e as viúvas da seca. Foto: Reprodução **TV Globo**. Mulheres e crianças do sertão pernambucano no período da seca da década de 1980

Fonte: TV Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/04/sobreviventes-da-seca-no-sertao-de-pe-contam-sobre-outras-estiagens.html>>. Acesso em: fev. 2020.

Nas palavras de Albuquerque Júnior (2011, p. 72), “A descrição das ‘misérias e dos horrores do flagelo’ tenta compor a imagem de uma região ‘abandonada, marginalizada pelos

poderes públicos”. A fixação desse retrato regional no inconsciente coletivo brasileiro acabou por favorecer a manutenção de uma estrutura de poder que parece imutável. A miséria dos nordestinos pautada pela seca e seus dilemas aparece praticamente como um espetáculo a parte que precisa ser apreciado sob o discurso do exercício da caridade, sendo esse povo tratado quase sempre como desvalidos do país.

As reportagens e imagens feitas sobre as secas convencem grande parte da população brasileira que algo de urgente deve ser feito para amenizar o sofrimento daquela região “subdesenvolvida” e mais uma vez o que temos para apresentar ao país quando o assunto é a seca no Nordeste são os discursos repetitivos sem novidade, o que muda é a localidade dentro da região. A seca de 2012 a 2017, no semiárido brasileiro, com destaque obviamente para o sertão do Nordeste, foi apontada pela grande mídia como o marco de uma das maiores secas dos últimos 30 anos, sendo veiculada com muita assiduidade nos vários meios de comunicação. E o tema da seca volta a ser recorrente, fato que não surpreende em um período marcado pela forte estiagem nessa região.

Ressaltando a seca nordestina, em 2013, a reportagem do site UOL, não poupou seus leitores ao construir uma narrativa generalizada sobre o sofrimento e a dor de famílias no distrito de Brejinho, município de Assunção do Piauí, distante 273 km da capital Teresina, que sequer teriam o que comer e é somente apelando para uma espécie de criatividade sombria – como caçar e depois comer o rato-rabudo<sup>6</sup> – é que conseguem manter a sua sobrevivência e de sua prole. No seu relato, a dona de casa Francisca Ramos da Silva, de 41 anos, não se incomoda em descrever à equipe de reportagem que a única carne consumida na sua casa é a de rato. Para ela, a carne do rabudo é saborosa, sem falar que não tinham outra opção já que o dinheiro que recebiam do Programa Bolsa Família só dava para comprar o arroz, o feijão e o macarrão. Dessa forma, eles tinham que se virar, porque a família não tinha plantado nada por conta da falta de chuva (Imagens 6 e 7).

---

6. O rato rabudo também pode chamado de punaré ou rato-boiadeiro em outras partes do Nordeste. Na reportagem não foi consultado nenhum especialista sobre o hábito da população da região de comer a caça. De acordo com o Superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) em Teresina, Manoel Borges de Castro, o ‘rabudo’ “é um preado do interior do mato. É um roedor comestível e um animal silvestre e assim como o mocó fazem parte da cadeia alimentar da região”. Também é um hábito cultural, segundo o líder comunitário em Brejinho, Caetano Silva. Portal do Dia. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/noticias/piaui/rato-rabudo-nao-passa-de-caca-silvestre-consumida-no-sertao-piauiense-167236.html>>. Acesso em: 12 jan. 2020.



**Imagem 6** – Família come rato rabudo para matar a fome no Piauí. Foto Reprodução UOL. Moradores do Piauí comem rato-rabudo para matar fome na seca. Matéria sobre a seca de 2013 na região nordestina. Caderno Cotidiano. UOL

Fonte: UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/03/10/moradores-do-piaui-comem-rato->>. rabudo-para-matar-fome-na-seca.htm>. Acesso em: dez. 2019.



**Imagem 7** – Família no Piauí sobrevivem comendo ratos para matar a fome devido à seca. Foto Reprodução UOL. Moradores do Piauí comem rato-rabudo para matar fome na seca. Matéria sobre a seca de 2013 na região nordestina. Caderno Cotidiano. UOL

Fonte: UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/03/10/moradores-do-piaui-comem-rato->>. rabudo-para-matar-fome-na-seca.htm>. Acesso em: dez. 2019

A versão sobre as secas nordestinas, apresentadas pela mídia, depende sempre do arauto que proclama as suas dificuldades ou do porta-voz que apresenta os recursos para solucioná-la, mas a menção da seca por si só não reproduz necessariamente velhos retratos do Nordeste. O que reproduz esses mesmos velhos retratos é o modo como o fenômeno da seca é descrito e nomeado, como verificamos.

Mesmo hoje, o que se vê, ouve e lê sobre a seca são os usos de termos, metáforas e imagens que remetem a sua invenção como produto histórico no final do século XIX e início do século XX, ou seja, a seca continua sendo o principal fenômeno que habilita o Nordeste como a região do país que necessita de políticas assistenciais que deem subsídios para o seu enfrentamento, assim como o lugar que se posiciona em relação ao poder central como pedinte. Isso fica mais evidente quando para efeito de comprovação imagética utilizamos fotos e/ou imagens que parecem congeladas nas reportagens sobre o tema discutido.

Para Jessé Souza (2015), os produtos utilizados pela mídia menos potencializam a emancipação e mais sublinham estereótipos e clichês que já estão consagrados e são mantenedores dos lucros e dos interesses do capital. E a partir desse exercício de convencimento é que se vai produzindo justiça e verdade.

## **2.2 Estereótipos como gestores das relações sociais**

Na mídia, os textos e imagens do aviltamento que constroem os nordestinos encenando a sua dor e sofrimento constitutivos, participam, simultaneamente, da construção de uma visibilidade dada a partir de estereótipos. Não há surpresa sobre a dominação de um discurso midiático que se revela como hegemônico na manutenção do poder daqueles que detêm o direito de fala. As elites – nordestina e nacional – historicamente formulam seus discursos para sustentar seus privilégios e disseminar através de seus meios de comunicação os elementos discursivos e imagéticos que são capazes de identificar “os miseráveis e ignorantes”, aqueles que desde sempre se recusaram a modernidade do restante do país, quiçá do mundo globalizado, ou seja, os nordestinos (BARBALHO, 2004).

A imagem do nordestino, seja na arte, na literatura, no cinema, ou na televisão é quase sempre a de região da terra rachada, do sol quente avermelhado, dos xique-xiques, dos redemoinhos de vento. Tais características e símbolos que podem em alguma medida suscitar orgulho para uns e total aversão para outros, operam no imaginário e justificam construções

estereotipadas, as que vão definir quem são os nordestinos para si próprios e para os outros. Lindoso (2005) menciona as músicas de Luiz Gonzaga que emigrou para o Sul, fugindo da seca, e evoca em suas canções o sentimento de saudade e orgulho de sua terra natal. Por outro lado, esses mesmos símbolos são evocados pelos não nordestinos que os utilizam, negativamente, associando o Nordeste a uma região atrasada e, devido às condições climáticas desfavoráveis, não tem condições de se desenvolver.

Para a autora, nesse jogo de representações simbólicas, existe uma disputa de poder de forma que invocar os nordestinos implica trazer presente os que não são nordestinos; se o Nordeste é atrasado é “porque alguém está na frente; o Nordeste é símbolo do atraso porque alguém é símbolo do avanço” (LINDOSO, 2005, p. 2). Assim, criam-se imagens estereotipadas do Nordeste e conseqüentemente do nordestino.

Lindoso (2005) indica como exemplo, o próprio Luiz Gonzaga que se apropriou dessas imagens ao assumir o figurino de vaqueiro com seu gibão e chapéu de couro, isto é, em grande medida ele também faz parte do processo de legitimação da construção da identidade nordestina, seja pelas indumentárias com as quais se apresentava, pelas composições musicais e até pelos seus posicionamentos políticos (Imagem 8).



**Imagem 8** – Luiz Gonzaga (com indumentária de vaqueiro, em 1950)

Fonte: EBC. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2012/10/centenario-de-luiz-gonzaga-e-comerado-em-2012>>. Acesso em: 16 jan. 2020.



Por meio da música, Luiz Gonzaga evidencia que a seca é um dos grandes problemas do espaço nordestino e causadora do sofrimento do homem que vive no sertão que precisa deixar a mulher – que se torna “viúva da seca” – e os filhos para buscar uma vida melhor no Sul do Brasil. Assim, “Asa Branca”<sup>7</sup> é composta e apresentada como texto poético musical que faz uma comparação da terra ardendo, do campo deserto e desprovido de chuva à fogueira de São João.

Por sua vez, na sonoridade rítmica de “Pau de Arara” revela-se todo um conjunto de práticas e representações do nordestino. No próprio título da música, “Pau de Arara”, Luiz Gonzaga descreve sua experiência como migrante e sugere que para os nordestinos vencerem na vida é preciso migrar, como aparece no trecho: [...] só trazia a coragem e cara / Viajando num pau-de-arara / Eu penei, mas aqui cheguei”. Desse modo, no ritmo embalado do maracatu são reproduzidos e reforçados os estereótipos sobre o drama de ser nordestino, de ser um pau de arara.

Com a reportagem, “Uma tragédia brasileira – os paus de arara”, publicada em 1955 nas páginas da revista *O Cruzeiro*, Mario de Moraes e Ubiratan de Lemos, ganharam o primeiro prêmio Esso de jornalismo (Imagem 9). A matéria apresenta aos seus leitores um aspecto até então pouco discutido pela mídia no país: o êxodo de brasileiros provenientes do interior brasileiro, especialmente das regiões Norte e Nordeste. Contudo, o que se destacava na narrativa é o panorama dado às condições nas quais se davam as viagens: calor, frio, fome, mortes no caminho, esses são os elementos que atravessam a narrativa.

Produzida em um período de pleno desenvolvimento no Sudeste, com o Nordeste completamente esquecido, vitimado pelo desprezo do sistema político e pela seca, a reportagem mostra uma multidão que lotava caminhões em busca de trabalho. Sobre a elaboração da pauta, o fotógrafo Mário de Moraes descreve como a ideia original foi se desenvolvendo até o momento em que embarcaram nos caminhões paus-de-arara:

Bolei a matéria “Os paus-de-arara constroem o Rio”, numa época de desenvolvimento imobiliário monstruoso na cidade em que quase 100% do pessoal que trabalhava nas construções eram nordestinos. Combinamos que eu fotografaria e ele (Ubiratan) escreveria. Quando um dos trabalhadores me disse que minhas fotos não iam mostrar nada de perto do que era a viagem num pau-de-arara, apresentamos a ideia no *Cruzeiro*.<sup>8</sup>

---

7. Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. *Asa Branca*. Toada. RCA Victor 80.0510b, 1947.

8. Entrevista – Mário de Moraes, *As aventuras de um eterno repórter*. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=490>>. Acesso em: 20 dez. 2019.



**Imagem 9** – Uma tragédia brasileira. Os Paus de Arara. Revista O Cruzeiro (Edição 01. 22/10/1955. p. 70 e 71)  
Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

A proposta surgiu a partir do contato que os repórteres conseguiram estabelecer com os trabalhadores da construção civil: homens do Norte e Nordeste do país que chegavam ao Rio de Janeiro com a intenção de trabalhar. Na ocasião, uma primeira reportagem foi feita, eles visitaram várias construções, fotografaram diversas obras na cidade. Mário de Moraes conta que a dupla fotografou “[...] nordestinos de todo jeito: em andaimes, carregando massa, levantando paredes” (MORAES, 1965, p. 33).

O processo de estereotipização, segundo Lindoso (2005), está na raiz da formação da dizibilidade e visibilidade do Nordeste (não só do Nordeste, mas de qualquer fenômeno) haja vista que os estereótipos têm tendência a perdurar em palavras, slogans ou jargões. Mas os estereótipos também podem ser de outra ordem, tais como visual ou auditivo; pode ser *Retirantes* de Candido Portinari ou pode ser o vestuário e a fala cantada dos atores que interpretam personagens nordestinos nas novelas da TV Globo. Essas generalizações simplistas abrangem e representam o todo. Vejamos, na Imagem 10, a reprodução de *Retirantes* (1944).



**Imagem 10** – *Retirantes* (Cândido Portinari, 1944)

Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo, Itaú cultural, 2020. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3329/retirantes>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Seja através do flagelo da seca, seja através da permanência de cenas da violência, do fanatismo e do atraso, o caráter inorgânico da morte permeia a invenção discursiva do Nordeste, “a terra do sangue, das arbitrariedades, região da morte gratuita, o reino da bala, do Parabelum e da faca peixeira” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 144). A questão da morte, enquanto condição nordestina, ou por outra, do fantasma da morte que ronda e espanta a continuidade da vida, é na verdade uma questão bem mais complexa do que a simples dicotomia entre vida e morte pode prever.

As condições históricas e a lógica de inteligibilidade dos usos feitos a partir de imagens consideradas clichês, nos parece muito mais complexa do que a mera armadilha que nos captura para dentro de um lamaçal de estereótipos e preconceitos.

O conceito de estereótipo, conforme Lima (1997) foi introduzido pela primeira vez nas Ciências Sociais por meio da obra intitulada *Public Opinion* (1922) do jornalista Walter Lippmann, na qual expunha influências das concepções nacionalistas etnocêntricas nas

relações políticas entre os países durante a Primeira Guerra Mundial. Segundo Lippmann, formamos quadros mentais a respeito da realidade que nem sempre condizem com o mundo “lá fora”. Dessa forma, a realidade que conhecemos, em vez de ofertada a nós, parece ser, na maioria das vezes, construída por nós: “na maioria das vezes, não vemos primeiro para definir, mas primeiro definimos e depois vemos [...] colhemos o que nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura” (LIPPMAN, 1966, p. 151). Desde então, estereótipo tornou-se um termo recorrente, sobretudo no domínio da psicologia social.

O estereótipo é então um produto social fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, determinados sociologicamente porque são visões que temos acerca das relações sociais. Ele funciona com uma “[...] crença generalizada, que combina cognição com afetividade” (LIMA, 1997, p. 14), ou crenças múltiplas, conforme Bhabha (2007). Por funcionarem desta maneira eles se auto-justificam e se perpetuam fazendo com que os indivíduos estereotipados se comportem tal qual a estereotipia a qual lhe conferiram.

De todas as imagens – além da seca – criadas sobre o Nordeste e o nordestino, a que mais teria marcado o universo da imprensa e dos imaginários, seria, sem dúvida a do cangaceiro. A insistência em características sobre a valentia, o mandonismo local, a violência e defesa de honra contribui para explicar parte desse mundo, porém analisados e difundidos apenas por esses aspectos os autores das imagens e matérias acabam contribuindo na construção de estereótipos em torno do universo sertanejo. “O cangaço só vem reforçar essa imagem no nortista como homem violento e do Norte como uma terra sem lei, submetido ao terror dos ‘bandidos e facínoras’”, afirma Albuquerque Júnior (2011, p. 74). Vejamos essa imagem emblemática do cangaceiro<sup>9</sup>.

---

9. Nos anos de 1930 circulou essa imagem de Lampião com o jornal O Globo. Everaldo Ramos comenta, que o Rei do cangaço provou o quanto foi capaz de receber os recursos mais modernos da época, como – fotografia, imprensa ilustrada, comunicação visual – utilizados para marcar a sua história (RAMOS, 2008).



**Imagem 11** – Lampião o Rei do cangaço. Lampião carrega um exemplar do jornal “O Globo”, no sertão nordestino, nas proximidades do rio São Francisco, em 1936.

Fonte: Coleção Ruy Souza e Silva. Folha de São Paulo. Lampião em imagens. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1585524711766786-lampiao-em-imagens>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

A fotografia de Lampião acima ilustra bem o “bandido” – aquele que exercia o poder e a ordem no Nordeste – tido até então como invulnerável, a despeito de ser perseguido durante duas décadas e que sempre respondia com autoridade e força implacáveis. As

narrativas e imagens construídas sobre o cangaço – pela imprensa – são elementos tradicionais que vão marcar o Nordeste e o nordestino com o estereótipo de selvagem.

Naturalmente, os estereótipos podem se manifestar sob várias formas. Em geral, eles se encontram profundamente enraizados nas tradições culturais de um povo. Elementos tradicionais, tais como as lendas, os provérbios e as anedotas encarregam-se de transmitir de geração a geração o conteúdo dos mesmos (PEREIRA, 2002, p. 10).

O que se produz a respeito do Nordeste e de seus habitantes demonstra que sua construção foi permeada não só pelos aspectos políticos e econômicos, mas também se compõe através de perspectivas históricas, sociais e afetivas desenvolvidas ao longo de sua existência. Essa região se forma por meio de vários discursos que estabelecem relações com características e qualidades particulares, sendo eles os aspectos físicos, morais, culturais e simbólicos. Ano após ano, década após década, o estereótipo em torno dos nordestinos é sempre o mesmo, com os seus “oxente”, “visse”, “cabra”, a gritaria ao falar, aquele “vestido peba” colorido, a falta de bom senso, que em destaque nas diversas formas midiáticas, acabam imprimindo tom de deboche, de jocosidade.

Regina Casé, durante o carnaval usou o seu Twitter<sup>10</sup> para ensinar um “tutorial” para os seus seguidores, onde faz uma demonstração de como se fantasiar de Lurdes, sua personagem na novela *Amor de Mãe*. Segue os passos para a caracterização, segundo Casé: “uma sandália bem peba da sua mãe, de sua avó, [...]. Uma bolsa que pode ser velha também [...]. A bolsa tem que estar atravessada e não pode faltar a toalhinha, que pode conter algum nome ou mensagem. [...] Uma sobrinha” e por último, ela ressalta no vídeo: “O vestidinho que ser peba, velhinho né, [...]. E se botar óculos não esqueça a correntinha”, pronto, assim já virou Lurdes, finalizou.

---

10. Ver Twitter da Regina Casé. Disponível em: <<https://twitter.com/i/status/1230977758060273666>>. Acesso em: 01 mar. 2020.



**Imagem 12** – Regina Casé vive Lurdes na novela Amor de Mãe da TV Globo

Fonte: Foto: Reprodução/Instagram. Disponível em: <https://www.marciapiovesan.com.br/site/novelas/amor-de-mae/resumo-de-amor-de-mae-hoje-13-01/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

Contudo, ser nordestino não é uma forma acabada. Esse é um dos perigos do discurso identitário que reduz o que é histórico a elementos limitados e considerados naturais, além da reprodução constante dos estereótipos. Os estereótipos negativos atribuídos aos nordestinos são cada vez mais frequentes na sociedade e na mídia, o que contribui para uma visão de inferioridade em relação às demais regiões (BASTISTA, 2014). Os estereótipos, segundo Freire Filho (2005), colaboram para a imposição de um sentido na estrutura social e estão baseados na ausência de flexibilidade, em favor das relações de poder e das desigualdades. Além disso, a estereotipagem utiliza uma estratégia de “cisão”, separando o que é normal do anormal e excluindo o que é considerado diferente. A estereotipagem essencializa, fixa e naturaliza a diferença, com o intuito de manter a ordem social e simbólica, afirma Hall (2005).

### 2.3 Que migrante nordestino é esse?

Para melhor compreender esse Outro representado no migrante nordestino precisamos “desestabilizar conceitos estáveis<sup>11</sup>” que ao longo das décadas contribuíram para potencializar o discurso midiático, seja da imprensa tradicional ou das mídias sociais, contra os nordestinos. É preciso reinterpretar a ideia em voga de um “nacionalismo” calcado na exclusão da maioria da população. Neste sentido, é fundamental, rever o lugar e a natureza das manifestações agressivas ou mesmo veladas, com características nitidamente xenófobas, presentes no cotidiano. É fundamental referenciar esta argumentação sobre o Nordeste brasileiro e o nordestino, a partir de marcas e elementos que possam questionar estereótipos disseminados tanto pela mídia como também por centros produtores de conhecimento, como a academia.

Albuquerque Júnior (2007), afirma que as imagens e os estereótipos cristalizados nas outras regiões do Brasil e no próprio Nordeste a respeito desse espaço através da literatura, da música, da pintura, do cinema, da imprensa e do discurso de suas elites políticas instauram uma dada forma de ver os nordestinos (retirante, cangaceiro, flagelado, jagunço, coronel) e a natureza do Nordeste (seca, caveira, cacto), assumindo assim a ideia de espaço naturalizado e homogêneo, ou seja, como se toda região fosse igual e como se todos os seus habitantes se encontrassem em situações idênticas, sem distinção econômica, social, cultural e política.

Por meio de processos de elaboração e institucionalização dessas representações do Nordeste ancoradas em um dado tempo/espaço e que podem ser (re) apropriadas e/ou evocadas insistentemente no presente, elas convencionalizam e tendem a naturalizar determinadas realidades, servindo como reguladoras e condicionantes das trocas sociais e atingindo o efeito de verdade sobre os sujeitos. Por isso é possível afirmar a partir de Moscovici (2003), que as representações sociais são:

[...] entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, ou de uma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, de um lado, a substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância [...] (MOSCOVICI, 2003, p. 10).

---

11. Conceito utilizado por Saskia Sassen no livro **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro. Editora Paz & Terra, 2016.



Essa imagem do Nordeste como região desprovida de urbanidade, lugar de miséria e de desalento, segundo Albuquerque Júnior (2011), começa a ser construída desde que o Nordeste<sup>12</sup> foi “inventado” no início do século XX. Ao longo de todo esse século, nordestinos com poder para disseminar representações contribuíram de diversas formas, e usando de diversos gêneros discursivos, para a construção imagética de região. Dessa forma, ele apresenta o seguinte ponto de vista para sustentar seu argumento:

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 66).

Para Barbalho (2004), a partir da emergência da construção discursiva em torno do regionalismo nordestino enquanto dispositivo de poder, a mídia contribuiu com a ideia de Nordeste não só a partir das representações de si, ou seja, daqueles de dentro, mas poderia afirmar que principalmente das representações produzidas pelo Outro, no caso, a imprensa sulista, especialmente a paulista. Sem embargo, o autor destaca que:

As imagens discursivas sobre o Nordeste, postas em ação pela imprensa paulista nas primeiras décadas do século XX, em especial pelo jornal “O Estado de São Paulo”, qualificam a região como atrasada, rural, bárbara, assolada permanentemente pela seca, servil, ignorante. Em contraposição, o Sul do país (da Bahia ao Rio Grande do Sul) é a terra da abundância, do progresso, de uma geografia humana e física generosa (BARBALHO, 2004, p. 157).

O discurso sobre essa região foi tornando-se constantemente reelaborado, incorporando novos elementos e conteúdos, mesmo que as imagens e discursos que se refletem, destaquem os velhos retratos do Nordeste e dos nordestinos, como por exemplo, nas últimas eleições o resultado do pleito para o executivo brasileiro mais uma vez trouxe à tona os velhos preconceitos enraizados contra os nordestinos.

---

12. O termo Nordeste passa a ser utilizado a partir da criação da IFOCS em 1919 e compreendia as províncias do Norte sujeita às estiagens. Atualmente, “o Nordeste como demarcação do território nacional – reunindo os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia – encontra-se instituído como uma das macrorregiões traçadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Deste modo, na maioria das vezes, é tomado como um dado, sendo apresentada pelos livros didáticos como uma ‘realidade’ pronta e estabelecida [...]” (PENNA, 1992, p. 32-33.).

O discurso produzido sobre o Nordeste enquanto região possui uma história particular de produção de suas representações. Inicialmente o modo discursivo forjado para essa interpretação se deu a partir da relação entre região e o pensamento sobre nação. Este dualismo, hoje permeado de polarização, nos remete a síntese sociológica elaborada a respeito da identidade nacional intitulada: “Dois Brasis”, enunciada pelo sociólogo francês Jacques Lambert (1967) com dados estatísticos de 1940 e 1950.

O autor assume a ideia de que existem dois níveis diferenciais em uma nação, aparentemente unitária; o primeiro nível, segundo Lambert, apresenta uma “natureza arcaica”, demonstrada pela presença de condições de vida miseráveis; o segundo apresentava uma “natureza moderna”, cuja característica determinante era a celeridade na melhoria das condições de vida. O primeiro Brasil, arcaico, é delimitado pela paralisação e imobilismo da atividade agrária – especificamente na região nordeste, enquanto o segundo Brasil, moderno, é definido pela rapidez própria do mundo industrial que se insinuava em algumas parcelas do país, notadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Os dois Brasis – à época – se constituiu em um renomado ponto de partida para o estudo do desenvolvimento do país. Entretanto, causou certa indignação àqueles que se opunham às suas representações, como foi o caso do sociólogo brasileiro Francisco de Oliveira. O autor realizou uma crítica à teoria dualista e defendeu que a originalidade nacional estaria no fato de que “a expansão do capitalismo no Brasil se dá introduzindo relações novas no modelo arcaico e reproduzindo relações arcaicas no novo” (OLIVEIRA, 1988, p.36), configurando desta maneira, uma relação de diferentes tipos de desenvolvimento da economia, em ritmos desiguais, porém combinados.

Segundo Oliveira (2003), a sociedade brasileira tem convivido no mesmo corpo em várias idades da evolução, desde o processo de industrialização rumo à modernização capitalista até o seu momento atual. Para o autor, o capitalismo propiciou a convivência de setores mais avançados com os “atrasados”, ou melhor, funcionalizou o atraso, inclusive com o processo migratório.

No modo de percepção atual sobre o Nordeste, especificamente, durante as últimas eleições presidenciais – 2014/2018 –, o Brasil de Lambert reaparece e torna-se o grande vencedor, já que insistentemente o país continua sendo compreendido como um modo distinto da “realidade social”. É importante frisar que em 2014, nas últimas eleições presidenciais os votos dos brasileiros moradores das regiões Norte e Nordeste foram decisivos para a reeleição de Dilma Rousseff (PT). Por outro lado, a situação foi bem diferente nas regiões Sul, Centro-

Oeste e Sudeste, cujos eleitores deram mais votos ao PSDB que à candidata petista, com exceção do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em 2018, A grande maioria dos votos, do capitão reformado do exército, Jair Bolsonaro, teve origem no Sul e Sudeste. No caso de seu opositor, Fernando Haddad, o cenário é oposto. De todos os votos no candidato praticamente a metade foram no Nordeste. Com isso, a polarização política entre as essas regiões ficou ainda mais acirrada e evidenciada com a onda de ataques preconceituosos nas redes sociais aos eleitores nordestinos<sup>13</sup>. Essa onda de intolerância ao processo democrático gerou uma reação dos nordestinos, que alcançaram o *trending topics* do Twitter com palavras de orgulho por serem parte dessa região.

A nova cara da velha ordenação das relações sociais nacionais ainda se configura segundo distintas oposições: atraso/progresso, pobreza/riqueza, centro/periferia; recaindo sobre o Nordeste e os nordestinos, o papel de par antagônico ao desenvolvimento global e às ideias de moderno, racional, civilizado, sendo mesmo considerado como um campo permanente e irrecuperável da natureza. De acordo com Sena (2003) este modo de apreensão das relações sociais não foi esquecido no pensamento social brasileiro, recriado discursivamente de variadas formas, sem deixar de sustentar suas hierarquias.

Na obra *Geografia da fome*, Josué de Castro (1984), pela primeira vez contradiz a tese amplamente divulgada pela mídia de que as causas da fome e da miséria no Brasil – principalmente na região nordeste – têm origens naturais. O autor descreve a fome política, fruto do subdesenvolvimento econômico, da ação predatória dos colonizadores, do capital internacional, da monocultura, do latifúndio, da ingerência política, ou seja, de uma estrutura civilizatória fundada na exploração do homem e da natureza. Para ele, era necessário construir uma ciência que fosse capaz de explicar a situação dos países subdesenvolvidos sem recorrer aos mitos de inferioridade racial, de fatalismo ou de determinismo geográfico.

O Nordeste é uma região diversa, como qualquer outra do Brasil, mas prossegue carregando seus mitos e símbolos do passado, que geram preconceitos continuamente validados por aqueles que se beneficiam da permanência destes estereótipos. E é exatamente a partir desta forma calcada no retrogrado e no exótico que através dos tempos, tanto a região nordeste quanto os migrantes nordestinos vêm sendo apresentados em quase todas as produções midiáticas, legitimando desdobramentos no imaginário coletivo.

---

13. O POVO. Nordestinos são alvo de preconceito após resultado de primeiro turno das eleições; prática é crime. 08/10/2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/10/nordestinos-sao-alvo-de-preconceito-apos-fim-do-1-turno-das-eleicoes.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Imaginário, este, construído e (re) inventado cotidianamente em temas recorrentes nas pautas midiáticas. Até jornalistas “cuidadosos”<sup>14</sup> por vezes utilizam noções pré-concebidas e continuam repetindo sentidos historicamente fabricados. Em um artigo recente escrito pela jornalista do El País, Eliane Brum, intitulado O homem mediano volta ao poder, ela se refere ao ex-presidente Lula como retirante, oriundo do sertão pernambucano, em uma alusão clássica que vincula o nordestino a imagem do homem da terra árida esturricada pelo sol, do maltrapilho, do morto de fome, da falta d’água relacionada diretamente à problemática da seca. Mas vale lembrar que Lula é filho do Agreste<sup>15</sup> pernambucano, uma região com solos relativamente férteis e vegetação variável. E este fato parece não fazer a menor diferença no campo discursivo midiático.

Albuquerque Júnior (2011) fornece suporte teórico para o entendimento da construção de sentidos nos mais variados discursos – dentre eles o jornalístico – sobre o surgimento da ideia de Nordeste. Ele aponta para uma produção imagético-discursiva realizada historicamente, questionando a naturalização desses sentidos na apresentação da identidade do nordeste de forma estereotipada.

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, e fruto de uma voz segura auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que, em que as multiplicidades são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, na identificação de categorias gerais de pessoas – neles contêm julgamento e pressupostos implícitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. Desse modo, o autor busca a partir das relações de identidade em uma abordagem crítica cuja ênfase acontece na inter-relação entre linguagem, saber e poder, compreender as determinações sociais do discurso e da construção no discurso.

Na década de 1970 com a popularização do telejornalismo, iniciou-se a preocupação das grandes emissoras com a padronização da fala dos repórteres e apresentadores. A Rede

---

14. O termo ‘jornalistas cuidadosos’, é uma referência a jornalistas comprometidos com a ética profissional e que se esforçam em certa medida em não disseminar estereótipos construídos e petrificados no decorrer dos anos sobre o Nordeste e o nordestino.

15. O Agreste é uma área no Nordeste que se encontra entre a Zona da Mata (litoral) e o Sertão. Por isso, apresenta características de ambas as regiões, por exemplo, pode estar sujeita a secas, do mesmo modo que pode apresentar climas mais amenos e solos mais férteis onde pratica-se a policultura.

Globo foi a pioneira a atuar em conjunto com um fonoaudiólogo para alcançar o objetivo de suavizar o sotaque. A justificativa estava na ideia de que uma fala muito carregada poderia desviar a atenção do telespectador da notícia. O padrão em relação ao sotaque assumido pela emissora aproxima-se das formas de falar das regiões Sul e Sudeste. Por outro lado, nas telenovelas da mesma emissora, quando estas apresentam algum núcleo nordestino o modelo de fala empregado é exageradamente carregado e permeado de expressões estereotipadas.

Em outro extremo do audiovisual, o cinema recifense vem crescendo e conquistando espaço no mercado nacional, emplacando filmes premiados e nomeações em festivais de sucesso. Kleber Mendonça Filho, indo na direção contrária da TV Globo, apostou na naturalidade do sotaque recifense, escalando para o longa-metragem *Aquarius* atores e atrizes naturais da capital Pernambuco, o que lhe rendeu uma série de premiações em festivais fora do Brasil.

A questão da fala carece de um enfoque mais criterioso, uma vez que mesmo estando em um país com pelo menos quatro divisões dialetológicas, é o “sotaque nordestino” o mais desprestigiado. “Desorganizado em sua oralidade”, é estereotipado, já que é considerado pelo senso comum como o mais distanciado daquele eleito como pronúncia padrão<sup>16</sup>. Não à toa, entretanto, a fala do Sul e Sudeste costuma ser a pronúncia dos maiores e mais influentes centros urbanos. Dessa forma, para entender o Nordeste, como diz Albuquerque Júnior (2011), é necessário mais que um olhar no tecido retalhado da narrativa histórica, é preciso perceber uma gama de discursos construídos e privilegiados, que se transformam em um discurso institucional e legitimador de determinadas características dessa região e dos nordestinos.

A ideia de Nordeste disseminada pelas mídias se concentra na descrição de horrores que fazem referência direta a sociedade rural, ao atraso, à miséria, ao subdesenvolvimento, além dos símbolos tradicionais utilizados para caricaturar a imagem do nordestino, as figuras míticas e a paisagem da região, como o uso da peixeira, o cacto, o chapéu de couro, as roupas sobrepostas com cores que “não combinam”, a casa de taipa, a velhice precoce espelhada nos rostos marcados pelo sol, o vaqueiro, o coronel, a devoção aos santos, dentre outros (BARACUHY, 2010; ZANFORLIN, 2008). Tudo contribuindo para a percepção da região como uma unidade, uma homogeneidade pensada em oposição ao Sul urbano e moderno.

---

16. Para Angela Marina Bravin dos Santos (UFRJ), no que se refere à questão da língua comum no Brasil, “o que ocorre é a neutralização dos regionalismos, resultando em uma busca de um padrão idealizado, SUPÔE-SE, de base carioca”. Disponível em: <<https://diariodorio.com/sotaque-carioca-o-oficial/>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

O surgimento do Nordeste, como discorre Albuquerque Júnior (2011), tem a ver com a característica das elites brasileiras e, em especial, da nordestina, que tinha medo da mudança e da transformação, por isso se agarrava a territórios tradicionais, porque tinha medo da história. O Nordeste, segundo o pesquisador, é uma fabricação reacionária, é uma tentativa de barrar a história, uma tentativa de criar uma barreira às transformações do capitalismo que adentravam o país através da industrialização. Corroborando com essa ideia, Zanforlin (2008) afirma que foi a partir:

A imprensa produzida e disseminada a partir da sede nas cidades centrais, menos no sentido geográfico, mas como configuração de poder, recorre à periferia, para confirmar o vínculo destas regiões com um modelo de passado, de arcaísmo, a ser explorada, conquistada e quem sabe transformada (ZANFORLIN, 2008, p. 27).

Para Albuquerque Júnior (2011) e Barbalho (2004), desde o final do século XIX, a mídia assume um papel decisivo na veiculação do Nordeste, tanto na ficção quanto no jornalismo, como figura/espço regional da tradição, da saudade, se contrapondo à modernização que caracterizou o Sudeste brasileiro. Esta ordem imagético-discursiva – apresentada pela mídia – do Nordeste como lugar de uma tradição que deve ser constantemente reafirmada, delimita no presente uma história presa ao passado que pode ser vista em espaços culturais como a Feira de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro e, também nos discursos de ódio direcionados aos nordestinos na web, sobretudo quando o assunto é relacionado às decisões políticas que afetam os rumos econômicos, sociais e culturais do país.

Para além do discurso de ódio nas redes sociais, são comuns ofensas – veladas ou expostas – direcionadas aos nordestinos como: “Te achei bonito: nem parece que é nordestino”, “Vocês são ótimos, mas trabalham em outro ritmo, né?”, “Gosto do seu jeito de falar. É engraçado”, ou então, “Todo baiano é preguiçoso”, “Fala aí Ceará”, “Oi, cabeça chata”, “Beleza Paraíba?”, dentre inúmeras outras expressões cristalizadas na ordem discursiva brasileira<sup>17</sup>. Vale lembrar que o adjetivo “paraíba”<sup>18</sup> é usado por pessoas do

---

17. Enunciados retirados de portais online. O primeiro do G1: Andrea Ramal. Combate a preconceito contra nordestinos começa em casa e na escola. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/combate-preconceito-contr-nordestinos-precisa-comecar-em-casa-e-na-escola.html>>. Acesso em 06 fev. 2019. O segundo do Socialista Morena, escrito por Cezar Britto, Sergipano, Advogado e foi Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da União dos Advogados da Língua Portuguesa e é membro vitalício do Conselho da OAB e da Academia Sergipana de Letras Jurídicas. Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/os-nordestinos-e-o-preconceito-nosso-de-cada-dia/>>. Acesso em 06 fev. 2019.

Sudeste do país, notadamente o Rio de Janeiro, para se referir aos nordestinos de forma preconceituosa.

Os elementos essenciais do estereótipo são transformados pelas mídias, tornando-se mitos que, através do apelo a sentidos por meio de imagens e falas, conservam um sentido que começou a ser construído desde sua concepção enquanto região. Corroborando com esta percepção, Albuquerque Júnior completa:

O estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificador e acrítica, levando a uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização. O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a prática que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado (2007, p. 13).

Nesse caso, segundo Barbalho (2004), o que foi construído pelas diversas matrizes discursivas por meio da qual as identidades nordestinas são reivindicadas mostra a construção de um território para a modernidade brasileira por meio da rejeição do Nordeste, esse espaço miserável cuja assombrosa existência é, no entanto, requerida para que a própria clareza do Sudeste moderno seja delimitada. Tais vestígios de representações desse espaço regional considerado antimoderno, aparecem costumeiramente na mídia – sobretudo a tradicional – como o Outro (seres considerados no mínimo estranhos, etc.). Nos termos correspondentes, Zanforlin (2008) utiliza o seguinte argumento:

A mídia, no seu papel de mediador de sentidos e expressão de um grupo detentor de capital financeiro e simbólico, configura-se como um meio de transmissão e conformação de representações, algumas vezes sustentadas pela falta de conhecimento adequado, outras pela redução dos significados a modelos de fácil reconhecimento (ZANFORLI, 2008, p. 28).

---

18. Termo cunhado a partir da intensificação dos fluxos migratórios de nordestinos para o Sudeste na década de 1960, especialmente de baianos a São Paulo e paraibanos ao Rio de Janeiro, afirma Dante Lucchesi, professor de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF) em entrevista cedida a Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/termo-paraiba-usado-por-bolsonaro-reflete-preconceito-ao-nordeste-e-cabe-punicao.shtml>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

### 3 MIGRANTES NORDESTINOS E OS MÚLTIPLOS OLHARES

O processo de migração é motivado por diferentes fatores, sendo a criação das desigualdades regionais importante elemento para explicar a migração de pessoas dos estados do Nordeste para o Centro-Sul no Brasil do século XX. Como consequência, consolidou-se um discurso sobre a migração dos miseráveis filhos da seca para o “Sul maravilha” em busca de sobrevivência.

Ao menos desde os anos 1920 a industrialização e demais processos de “modernização” do Sudeste do país é um fator de fluxos migratórios, especialmente entre as décadas de 1940 e 1970, de forma que o processo de urbanização do país é combinado com o esvaziamento do Nordeste brasileiro. A partir dos anos 1980 o fluxo Nordeste-Sudeste reduz bastante de volume, embora permaneça sendo significativo até a atualidade, podendo-se falar em uma cultura da migração. Para melhor entendimento deste processo, o debate sobre modelos de migração é essencial, bem como compreender as redes migratórias, que em parte explicam um processo de inversão do fluxo migratório, que passa a ser maior do Sudeste para o Nordeste entre os anos de 2002 e 2007.

É muito útil ao presente debate a discussão provocada Por Edward Said (2007) a respeito da invenção do Orientalismo, a qual pode ser aproximada, para efeitos deste estudo, do olhar de Albuquerque Júnior a respeito da invenção do Nordeste e dos nordestinos. A intenção deste exercício teórico, combinado com trechos de entrevistas coletadas para esta pesquisa com nordestinos residentes no Rio de Janeiro, é demonstrar que a região Nordeste e a nordestinidade se legitimaram como representações e estereótipos que são até hoje definidores do sujeito.

Ainda, a partir da discussão de Sayad (1998) sobre imigração, recuperamos as falas de entrevistados para debater os processos de negociação da cultura.

#### 3.1 Migrar: pensando a condição nordestina?

Se a história da formação social e econômica do Brasil está fortemente marcada pelo fenômeno da migração, no início, impulsionado pelo processo de colonização/ocupação, em um segundo momento, acontecem as migrações internas, provocadas pela criação de desigualdades regionais, acompanhadas do processo de industrialização nos moldes do



capitalismo. As regiões que eram favorecidas pelos arranjos institucionais foram acumulando benefícios, e nesse processo, os efeitos do progresso concentravam-se em determinados territórios. Não à toa, muitas regiões empobreceram, e embora participassem do processo, não foram favorecidas por ele. Nessas regiões, o nível de vida permaneceu estagnado e os horizontes culturais e econômicos praticamente se esgarçaram, é nesse caso que se enquadra a região definida posteriormente como Nordeste, e seus habitantes, os nordestinos.

As principais causas que aparecem nos processos de deslocamento do povo nordestino são de duas ordens, segundo Singer (1998): primeiro, os fatores de mudança, que transcorrem do processo de industrialização, na medida em que atinge a agricultura, ofertando inovações na técnica e conseqüentemente possibilitando o aumento da produtividade no mundo do trabalho; segundo, os fatores de recessão, que resultam da incapacidade dos produtores de elevarem a produtividade da terra – no Nordeste brasileiro as áreas cultiváveis foram monopolizadas pelos grandes proprietários.

Os fatores de expulsão indicam as áreas de origem dos fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a direção desses fluxos, e o mais importante deles é a demanda por força de trabalho, que Singer denomina “oportunidades econômicas”. Todavia, existem barreiras que se interpõem entre o migrante nordestino e as denominadas “oportunidades de trabalho”, quais sejam: a falta de qualificação indispensável para a vida no mercado de trabalho urbano e industrial e a falta de padrões socioculturais. Para Milton Santos:

As migrações brasileiras são migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado não encontrou qualquer contraponto nos direitos dos cidadãos. São frequentemente ligadas ao consumo e à inacessibilidade a bens e serviços essenciais (SANTOS, 1996, p. 61).

Dessa forma, podemos constatar que a história do Nordeste é fortemente marcada pela “expulsão” do seu povo. A cada nova estiagem, o nordestino penava com sua lavoura rressacada, suas duas ou três cabeças de gado mortas, riachos secos, sendo, portanto, obrigados a migrar para suprir as necessidades do capital. As violentas secas assolavam as áreas pertencentes ao chamado Polígono das secas, abrangendo todo o sertão do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Esse, certamente, tornou-se o cenário perfeito para a criação e disseminação discursiva e imagética em volta do problema da seca no Nordeste, ou seja, os problemas da pobreza e da fome dos nordestinos passaram a ser justificados pelas adversidades naturais daquela região e,

porque não dizer dos desígnios de Deus. Não restava alternativa, senão fugir dos tormentos e adversidades impostos pela natureza, onde mais nada haveria de fazer, ou pior, não tendo condição de se viver, então lhes restava partir em direção ao “Sul maravilha”, em busca da sobrevivência. Lá sim, haveriam de encontrar melhores dias.

Esse era o discurso central propagado pela elite local e nacional – integrantes do Governo –, que por sua vez contava com o apoio midiático. Conseqüentemente, a sobra da mão de obra no Nordeste era empurrada para as regiões onde necessitavam dessa demanda, ou seja, os migrantes nordestinos eram dirigidos e direcionados nessa nova jornada por forças de arranjos institucionais. É importante, ressaltar,

no entanto, que esses problemas sociais não decorrem, em última instância, das especificidades naturais regionais, pois, esses personagens que o habitaram interagem e criavam astúcias de convivência com esse ambiente. A questão reside em como esses sertanejos eram explorados pelos grupos oligárquicos rurais aos quais estavam subordinados e que monopolizavam os recursos naturais como as terras para cultivo e pecuária, os reservatórios de águas, etc. (BURITI; AGUIAR, 2008, p. 9).

De acordo com Cavalcante (2002), a migração nordestina para o sudeste do país vem de longas datas, em torno dos anos 1920, quando o êxodo rural dessa população nutriu a ordem da industrialização, que aportava em torno das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. No entanto, é a partir da década de 1940, quando o padrão de desenvolvimento urbano brasileiro cresceu rapidamente com os planos governamentais de desenvolvimento industrial, que gerou um intenso fluxo migratório, do campo ou de cidades pequenas para as áreas de maior concentração de indústria, portanto, com maiores oportunidades de trabalho, inclusive para os nordestinos.

Conforme Brito e Carvalho (2006), nos anos de 1950, um novo patamar da industrialização brasileira bem como desequilíbrios regionais, nunca antes vistos, acentuaram os fluxos migratórios, que junto com os avanços no sistema nacional de transporte permitiu um significativo fluxo populacional. Naquela década já havia o Fundo Rodoviário Nacional (FRN), criado em 1946, que, à época, mantido por impostos sobre combustíveis líquidos, era usado pela União e pelos estados para financiar a construção de estradas; ao mesmo tempo, a fundação da Petrobrás, em 1954, que passou a produzir asfalto em grande quantidade; e a implantação da indústria automobilística nacional em 1957; somados esses fatores viriam a produzir o impacto apontado pelos autores.

Já nos anos de 1960, Barcellos (1995) destaca a importância da expansão da malha rodoviária, na melhora na infraestrutura e conseqüentemente nas condições de deslocamento, e aponta também para os avanços dos meios de comunicação, como elemento que contribui para o aumento do fluxo migratório. Vale salientar que esses meios, na época, passaram a ser difundidos, através da televisão via satélite e o rádio. Esse último, já funcionava, como um meio de transmissão de uma política desenvolvimentista, explorando as imagens das grandes cidades, o que contribui para veiculá-las a um ideário de progresso e modernidade.

Assim, entre os anos de 1940 e 1970, para amenizar a crise agrária e a pressão que milhares de trabalhadores sertanejos faziam sobre a estrutura latifundiária, são criadas as condições necessárias para esvaziar o Nordeste. O nordestino passa a ser direcionado para as cidades, principalmente as metrópoles, e para as regiões mais ricas, integrado ao modelo dualista de desenvolvimento onde o campo é o atrasado e a cidade o moderno (RUA, 2002). Em 1970, mais da metade da população urbana já residia nas grandes cidades, com mais de cem mil habitantes, e um terço da população naquelas, que concentravam acima de quinhentas mil pessoas.

Garcia Jr. (1989), afirma que nos últimos 50 anos, a contar da data de sua publicação, o grande crescimento urbano foi devido principalmente às migrações. Uma vez que 64% do crescimento das cidades do Sudeste, entre os anos de 1940 e 1950, e 58% entre 1960 e 1970, podem ser atribuídos ao efeito da migração.

Nas últimas décadas, particularmente, após os anos 1980, os fluxos migratórios apresentaram uma tendência de redução nos seus volumes. Muito embora a direção dos principais fluxos seja mantida, com as maiores correntes ocorrendo no eixo nordeste-sudeste (OLIVEIRA *et al.*, 2011). Na década de 1980, considerada por alguns pesquisadores como a “década perdida” devido à crise econômica de 1981 a 1983 e outros elementos de cunho econômico, com respaldos recorrentes de cunho social, o quadro até então favorável à mobilidade estrutural e, por extensão, às perspectivas de mobilidade social ascendentes mudou completamente no país.

Por sua vez, os anos 2000, momento em que vários dos processos em efervescência das décadas anteriores estão arrefecidos, como a desconcentração industrial e a urbanização, a migração apresentaram novas tendências. No caso específico do Sudeste e do Nordeste, protagonistas dos grandes fluxos migratórios no Brasil, a inversão da dinâmica aponta para o renascimento de tendências de décadas anteriores como resultado da crise econômica vivenciada pelo país, a partir da histórica complementaridade migratória entre essas regiões.

Nesse contexto, os resultados mostram-se consistentes com os papéis historicamente desempenhados por essas duas grandes regiões na dinâmica migratória nacional. Contudo, novos destinos são definidos, o Sudeste deixa de ser o único território de destinação.

Para a historiadora Dalva Maria de Oliveira Silva, “o que leva o migrante a deixar a terra natal, normalmente, é o fato de ela não oferecer perspectivas de vida, tendo em vista as expectativas que cada um constrói ou espera dela” (SILVA, 1997, p. 38). Dessa forma, a intenção de migrar seria estimulada por determinados fatores de expulsão do local de origem juntamente com fatores de atração das áreas escolhidas como destino dos migrantes. No entanto, não devemos generalizar esse processo apenas com os fatores de “atração” “expulsão”, pois a decisão e motivação individual, subjetiva dos agentes sociais é bastante considerável. Segundo os autores Lima e Vale (2001),

a cultura migratória faz a intermediação entre as trajetórias estruturadas social e economicamente e o nível da decisão individual de migrar. Mesmo que no processo de decisão esteja envolvida uma forma de alienação, em função da ilusão migratória, deve ficar claro que as migrações não são um processo exclusivamente determinado pelas necessidades estruturais da sociedade e da economia e pelas imposições políticas do Estado. Durante a trajetória que escolheram para trilhar, os migrantes suportam uma série de obstáculos, passando por uma “socialização progressiva” até chegarem ao seu destino. Após esse período, “o emigrante tenderia, no seu destino final, depois de um determinado tempo de residência, a aumentar a sua capacidade de integração no lugar de destino, melhorando o seu nível de educação e ocupação e, conseqüentemente, a sua renda (LIMA; VALE, 2001).

Brito (2015), entende que a manutenção de significativos fluxos seria resultado de uma cultura da migração, em que as redes migratórias e sociais formadas ao longo de décadas de idas e vindas, juntamente com as desigualdades econômicas e sociais, especialmente materializadas, é que sustentariam a continuidade dos movimentos.

O fluxo de deslocamento entre regiões de longa distância no Brasil sempre vigorou devido a um eficiente sistema de informações: jornais, rádio, T.V., sites eletrônicos. Os referidos meios de comunicação, simultaneamente em conjunto com as “redes de interação social” de migrantes conterrâneos, indicam como atrativas as cidades ou regiões que ofereçam trabalho, moradia, escola ou qualquer outro benefício. Desse modo, sujeitos propensos a migrar se sentem ainda mais encorajados a sair de suas cidades de origem em busca de novas oportunidades.

Abdelmalek Sayad (1998), sociólogo franco-argelino, denomina os estudos sobre o fenômeno da imigração e emigração – considerado duas faces de um mesmo processo –, como um “fato social total”. Para o autor,

[...] é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica, e também em sua extensão sincrônica, [...] do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento (SAYAD, 1998, p. 16).

O conceito de migração é bastante complexo e, por conseguinte não existe consenso em torno dele. Geralmente, refere-se a deslocamentos de um lugar a outro, a movimentações que possuem uma origem e um destino em busca de um determinado propósito, de se fixar ou residir em outro território, ou seja, está ligada diretamente no processo de mobilidade humana. A migração manifesta-se, principalmente, através de interesses políticos e econômicos de grupos hegemônicos socialmente, que buscam atrair e utilizar a mão de obra dos migrantes para realizar seus projetos. Surge, ainda, das aspirações subjetivas dos indivíduos em busca de uma vida melhor, pois, ao observarem que a antiga vida já não lhes é mais atraente ou suficiente, procuram na mudança de cidade, de estado ou de país, o fim de suas misérias, mazelas ou infelicidades.

[...] de fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Essa é outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que esse interesse seja levado por outros interesses, com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998, p. 16).

Santamaria (2002) chama a atenção para o fato de que o fenômeno migratório é uma construção fortemente assentada no imaginário social e em formações discursivas transpassadas por relações de poder, interesses econômicos e políticos, e por dinamismos psicológicos. Por consequência, o “imigrante” carrega consigo, frequentemente, imagens que o retratam como um intruso, perigoso, um ser inferior, incivilizado, e tantas outras características que até podem, inversamente, retratá-lo de forma positiva. Ressalta ainda, que a experiência da imigração se desenvolve, precipuamente, na relação com o estranho, com o desconhecido, no desafio do encontro com um “outro radical”, ou seja, com tudo aquilo,

especialmente outros seres humanos, que soa como não familiar como absolutamente diferente.

Rocha-Trindade (1995) constata que até finais do século XIX o estudo que predominava com relação à mobilidade populacional era predominantemente a análise econômica (clássica e neoclássica); posteriormente, as grandes teorias de campo social se estabeleceram e passou-se a estudar os aspectos estruturais associados ao deslocamento. De acordo com autora, o crescente desenvolvimento científico nos últimos 70 anos proporcionou a multiplicação de quadros conceituais relacionados ao processo migratório, também verificam a interdisciplinaridade entre as áreas que se propõem a atualizar ou construir novos modelos analíticos, desenvolvendo estudos que considerem os inúmeros aspectos envolvidos nos fenômenos atuais.

Já Peixoto (2004) e Rocha-Trindade (1995) enfatizam que inúmeras teorias tentam explicar o processo migratório, sendo que esses modelos se concentram em dois polos principais, o primeiro relaciona-se a perspectiva da busca de equilíbrio e o outro traz um ponto de vista histórico-estrutural.

Mas foi Ravenstein, com suas Leis da Migração no final do século XIX o precursor de estudos sobre os deslocamentos populacionais; Peixoto (2004) e Lee (1980) afirmam que a leitura desse teórico se torna imprescindível para entender os modelos modernos de atração/repulsão. Ravenstein (1980) defende a ideia de que o deslocamento populacional ocorre principalmente a curtas distâncias e para grandes centros comerciais e industriais, sendo importante verificar, quando se desenvolver estudos sobre migração, os quantitativos de migrantes tanto no local de expulsão quanto nos locais de absorção.

Outras teorias centrais para a perspectiva do equilíbrio são os modelos de atração repulsão; o modelo microeconômico; as teorias do capital humano e os modelos macroeconômicos. Soares (2002) insere a perspectiva histórica-estrutural, modelo inicialmente usado para análise de deslocamentos rural-urbanos. Rocha-Trindade (1995), assegura que o enfoque histórico-estrutural tem como principal categoria de análise as correntes migratórias, e está inserido em inúmeros modelos, tais como: a teoria da dependência; a teoria do colonialismo interno; a análise centro-periferia que dá destaque as teorias da nova divisão do trabalho, teoria do mercado de trabalho dualista; da acumulação e do agregado familiar e das redes sociais.

Não se pode deixar de citar como fator importante na construção do campo de investigação das migrações os estudos da Escola de Chicago, iniciados nos anos de 1920 a

1930, que trouxeram ao foco os processos sociais associados aos deslocamentos e a questões étnicas. Conseqüentemente, ao se falar na relação entre migrações e cidades, não se pode deixar de referendar os trabalhos produzidos pela Escola de Chicago, tendo alguns de seus pesquisadores como referências fundamentais para o início de qualquer discussão que envolva o tema da mobilidade e seus desdobramentos.

Para Zanforlin (2013), é importante destacar que as principais influências geradas pelas pesquisas da Escola de Chicago e que trouxeram para o tema da migração tanto o esclarecimento quanto a pertinência de conceitos e debates que continuam atuais e condizentes com os conflitos vivenciados na contemporaneidade são: a relação entre migração e os debates que giram em torno das questões da assimilação, adaptação e negociações por parte de migrantes e do país de destino; a cidade e os conflitos, guetos, gangues, preconceitos e fragmentação; sem deixar de mencionar o papel central da comunicação de massas como mediadora intercultural.

Na atualidade, é interessante enfatizar, que a análise da migração centrada nas redes sociais proporciona uma transação entre os modelos analíticos macro e microscópicos e dá uma maior ênfase aos atores sociais (SOARES, 2002; ROCHA-TRINDADE, 1995). Santos (1997) considera que a rede que se constrói em torno dos migrantes pode ser material, onde permite o deslocamento de elementos concretos por diversos pontos, mas também pode ser simbólica, social e política se estabelecendo através da abstração e favorecendo a globalização. Além disso, o geógrafo expõe que interligadas por elementos imateriais, as redes ultrapassam fronteiras estabelecidas e hoje são constantes, vitais e velozes, corroborando para que as concepções de tempo e espaço sejam continuamente revisadas.

Por fim e corroborando com as ideias relativas à multiplicidade de teorias que permeiam as questões migratórias, eis que a decisão de emigrar implica preparar a partida, isto é, deixar o lugar de segurança, do conhecido, do familiar e seguir para um lugar exterior de descoberta e estranhamento. Não é fácil tomar tal decisão, de se deslocar física e mentalmente. O cenário que se apresenta é o da moradia temporária ou mesmo que permanente encontra-se afastada daquele que é seu lugar de aconchego, de acolhida e de afeto. Essas decisões são tomadas quase sempre por um novo projeto de vida, com propósitos e atitudes diferentes, de atores sociais distintos, quais sejam: os migrantes que fazem deslocamentos de esperança, de terror, de desespero (APPADURAI, 2004).

### 3.2 Redes de solidariedade entre nordestinos no Rio de Janeiro

Estudos feitos sobre a migração interna em massa de populações nordestinas para o Sudeste brasileiro ao longo do século XX apontaram para um fenômeno de movimentação populacional pautado em estratégias de deslocamento e organização no novo local de destino e residência. Pretendia-se, dessa forma, que com o estabelecimento ocorrido nesse novo ambiente baseado na prática migratória, ocorresse menor impacto nas formas de convivência e nas relações familiares (FONTES, 2008).

A partir desse momento, até os dias atuais, os migrantes nordestinos, uma vez estabelecidos no local de chegada – no caso da nossa pesquisa o município do Rio de Janeiro –, desenvolvem redes de pertencimento e solidariedade baseadas na aproximação cultural e na experiência de vida em comum. Embora as redes apresentem vários conceitos, nessa pesquisa é no sentido social e migratório que a mesma será analisada. Dessa feita, na perspectiva das Ciências Sociais, é possível assim defini-la:

A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. [...] Estabelecendo relações que são determinadas pelas obrigações que contraem ao se aliarem e dando uns aos outros, submetendo-se à lei dos símbolos que criam e fazem circular, os homens produzem simultaneamente sua individualidade, sua comunidade e o conjunto social no seio do qual se desenvolve a sua rivalidade (CALILLÉ, 1998, p. 18-19).

As redes, para além das questões de ordem mais práticas como a inserção no mundo trabalho, hospedagem, entre outros, apresentam outras características essenciais dentro do processo migratório, tais como: a ligação com a terra de origem, mantendo a conexão entre lugares; se configuram como local de memória e de reafirmação da identidade de origem e servem de família ampliada<sup>19</sup>. Questões essas, que segundo Hall (2005), se multiplicam em situações diaspóricas e nas relações de poder. Portanto, para Lisboa (2007), a ideia das redes, surge para pensar o apoio de ordem prática – material – e subjetiva, procurando atenuar a sensação de ser o “outro” em terra estrangeira.

---

19. A família dos dias atuais possui como premissas: o afeto e a dignidade da pessoa humana, e vai além de um meio familiar constituído pelo casamento e unido pela herança genética, agora, são os laços afetivos que determinam a relações familiares. Disponível em: <<https://willianesara21.jusbrasil.com.br/artigos/617244671/a-familia-na-atualidade-novo-conceito-de-familia-e-novas-formacoes>>. Acesso em: 20 fev. 2020.



É dessa forma que os estudos migratórios passam a incorporar a noção de redes sociais, em uma tentativa de articular as perspectivas estruturais com aquelas de ordem individual. Ou seja, ganha força o pensamento de que as unidades afetivas da migração não são nem individuais, nem familiares, mas conjuntos de pessoas conectados por laços de amizade, parentesco, ou trabalho, conforme aponta Soares (2004). Sendo assim, o processo social migratório passa a ser compreendido como sendo planejado por meio de redes sociais.

A noção de rede migratória, então, nasce a partir do entendimento que as redes sociais são de grande valia para os estudos sobre migrações e se constituem como um tipo particular de rede social que não apenas agrega redes já existentes, mas incita a criação de outras. Assim, de acordo com Soares (2004),

[...] a teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apóia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não-migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar auto-suficiente com o tempo, por causa do capital social acumulado, que faculta aos migrantes em potencial contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos, além de oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino (SOARES, 2004, p.106).

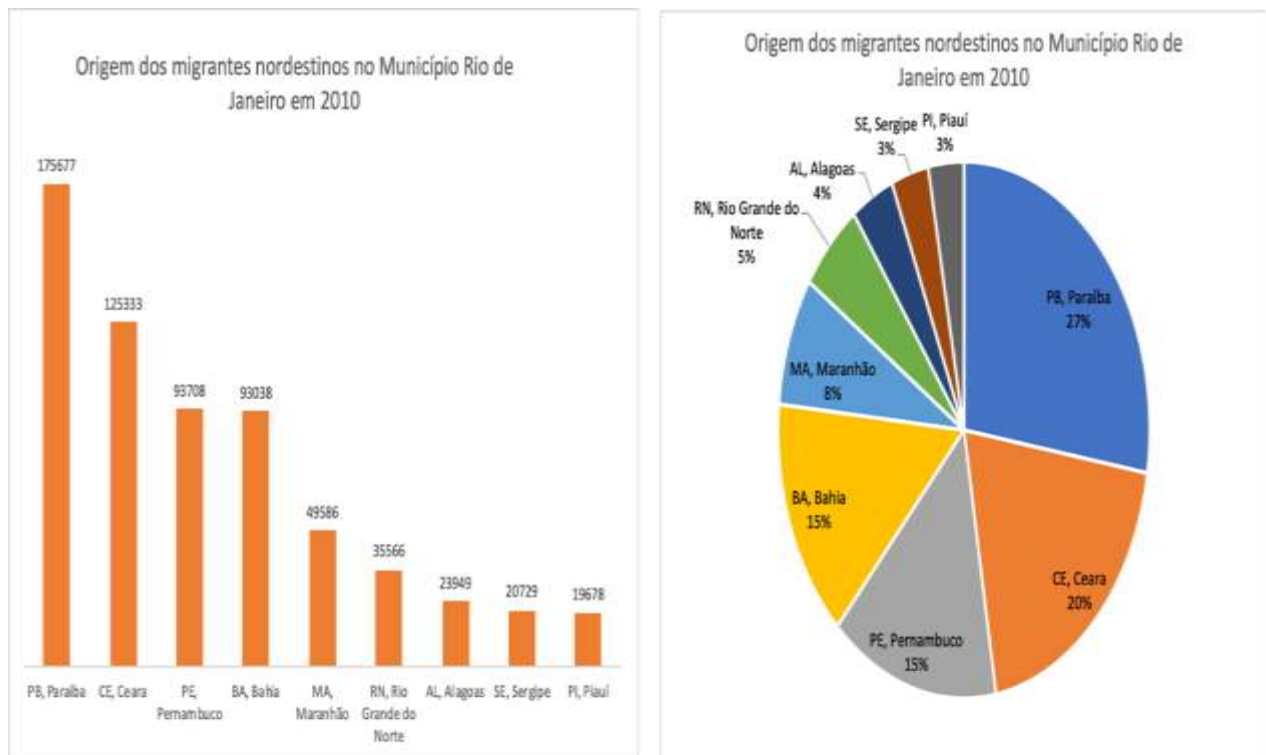
A partir dessa assertiva, é possível entender que a migração tende a acontecer apoiada nas redes de parentesco e sociabilidade. Isso pode ocorrer tanto no local de origem, quando o migrante pode precisar de alguma contribuição para o seu deslocamento, quanto no local de destino, com a viabilização da moradia, da alimentação, possível trabalho, etc. Assim, quase sempre, a escolha do destino migratório tem muito a ver com a existência de um grupo de conterrâneos – parentes ou não – no local de chegada, o que vai definindo com o tempo a intensidade e a continuidade dos fluxos migratórios. Mesmo com a maioria dos estudos sobre as redes migratórias (SOARES, 2004; GOZA, 2003), se voltando para a questão internacional, entendemos, contudo, ser possível redimensioná-la para uma perspectiva regional, aqui no caso da migração interna.

Portanto, a partir da constituição das redes migratórias enquanto laços que permitem uma ligação entre local de origem, os migrantes ligados as demais pessoas que estão no local de destino – com vias a amenizar possíveis desafios –, além da proximidade com a cultura de origem, elas – as redes – podem se configurar como uma das principais estratégias para os migrantes que desejam sair do Nordeste brasileiro rumo à cidade do Rio de Janeiro na atualidade.

O que parece ser um consenso entre os vários pesquisadores da área é que se as redes não determinam as causas das migrações, elas, pelo menos intensificam os processos migratórios. Serve de suporte, mantem os vínculos entre origem e destino, e faz circular recursos materiais e simbólicos, dentre outros. De acordo, com Assis (2003), são as redes, sobretudo, que definem os fluxos migratórios.

Segundo o Anuário Estatístico do Rio de Janeiro de 2013, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011, se considerado o levantamento feito por regiões do país, metade dos migrantes – 50%, ou seja, 1,25 milhão - que vivem no Estado do Rio de Janeiro são oriundos do Nordeste. Entre os estados nordestinos a Paraíba lidera o ranking. Desse total de migrantes nordestinos residentes no Estado do Rio de Janeiro, temos precisamente 637,264 mil morando no município do Rio de Janeiro, segundo o último censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Vejamos a seguir o gráfico:

**Gráfico 1**

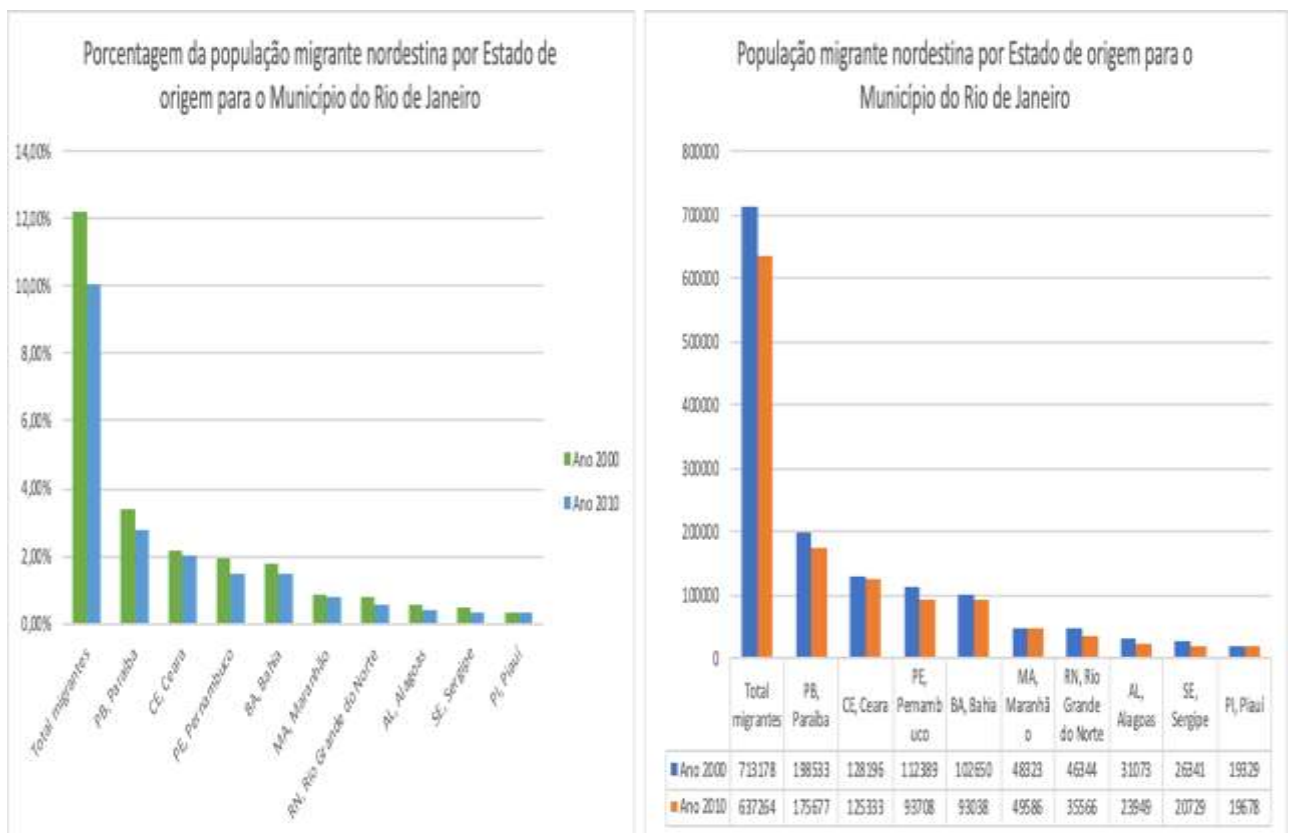


Fonte: IBGE – Censo demográfico. Elaboração da autora.

Podemos observar a composição da densidade de migrantes nordestinos que moram no município do Rio de Janeiro, em 2010, conforme dados do IBGE, e a origem de cada estado daquela região. Como pode ser visto no gráfico, entre os estados nordestinos, a Paraíba lidera com 175,677, ou seja, 27% do total dos migrantes nordestinos. Esses são números que

confirmam a prevalência do fluxo migratório (Nordeste-Sudeste), a despeito dos reprováveis índices – como Produto Interno Bruto (PIB), emprego e violência – apresentados pela região Sudeste, que já foi o centro do movimento migratório do país, mas que na década de 2000 a 2010, apesar de ainda receber, significativamente, os nordestinos, se configurou em polo de expulsão de mão de obra, como confirma os dados divulgados pelo IBGE no censo 2000. Abaixo, apresentamos um gráfico com comparativos dos dois últimos censos, para melhor entendimento:

**Gráfico 2**



Fonte: IBGE – Censo demográfico. Elaboração da autora.

Dentro das relações migratórias envolvendo o Nordeste e o Sudeste – regiões onde se encontram mais de 60% dos migrantes do país – ocorreu um fato no mínimo surpreendente. Houve, entre 2002 e 2007, uma inversão desse processo migratório, onde se apresentou um saldo maior de pessoas se deslocando do Sudeste para o Nordeste. Estima-se que 80% desse saldo é de retorno de nordestinos aos seus Estados, afirma o pesquisador do Ipea, Herton Araújo. Esse foi o período onde houve um maior investimento industrial na região. Mas, segundo o pesquisador, que apresentou os dados anteriores, em 2008 a situação voltou novamente a se reverter. O fluxo migratório dos nordestinos volta a ser a região Sudeste, com

destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Esse fenômeno é recente e está relacionado ao mercado de trabalho e ao crescimento econômico, segundo o Herton Araújo.

Uma possível explicação para essa análise também pode estar ligada as redes de aproximações e associações que motivam os migrantes nordestinos a continuarem os deslocamentos rumo ao Rio de Janeiro. Entre os principais motivos citados, nas nossas conversas com os entrevistados, normalmente foram mencionados à busca por melhores condições de vida baseadas nas ofertas de emprego e salários mais vantajosos por um lado, e por outro o aumento do nível educacional e profissional.

A existência das redes sociais de relacionamento familiar e interpessoal minimizam os custos da empreitada possibilitando, assim, a possibilidade de tentar a “sorte” na metrópole. Josivan lembra em sua fala, como foi importante a ajuda que recebeu do irmão, da irmã e de seu cunhado – todos pernambucanos – ao chegar no Rio de Janeiro.

Eu vim pensando que ia trabalhar logo de porteiro, mas não deu certo nos primeiros dias. Meu cunhado não conseguiu fechar o trabalho [...] Aí meu irmão conseguiu um lugar no restaurante em Copacabana, nesse lugar eu também passei a dormir, mas não era o que eu queria [...] Garçom não tem horário de trabalho é muito ruim. O que eu queria mesmo era porteiro. Então comecei a ver que aqui (Rio) não era como eu pensava, pensava que era mais fácil, mas é mais difícil, difícil até de se acostumar, quando chega aqui é outra coisa. [...] Mas se tiver coragem de trabalhar consegue trabalho. Passou um tempo e eu quase pensando em voltar pra casa, o meu cunhado arrumou a vaga no prédio e desde 2007 trabalho no mesmo lugar. Nesse trabalho faço tudo, além de porteiro. Só fiquei mesmo porque tive ajuda, apoio.<sup>20</sup>

Quando perguntado das relações de proximidade com os cariocas, Josivan balança a cabeça e diz que amizade de verdade só com nordestinos, “eles são do lugar de onde a gente é [...] lugar de origem, então é mais fácil se relacionar com eles, a gente se entende”<sup>21</sup>. Esse parece ser um pensamento compartilhado pela maioria dos entrevistados, o de que as relações sociais são estreitas com os seus conterrâneos. Andrea reforça esse pensamento:

Aqui tenho amizade com tudo que é gente do Nordeste. Minhas tias são da Paraíba. Vim de Natal e fiquei na casa delas até conseguir emprego e me casar [...] Tenho amigos de Natal, do Ceará então, é gente demais aqui perto de casa. Carioca pra mim são falsos, falam da gente pelas costas, acham que

---

20. Entrevista concedida por JOSIVAN, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

21. Idem.

a gente é diferente deles. Amigos mesmo, sinceros, só os nordestinos. Se a gente precisar pode contar, pra tudo.<sup>22</sup>

A existência de parentes e amigos nordestinos acaba auxiliando na integração regional e na fixação de quem está migrando – no caso de Josivan e Andrea –, e evidencia não apenas a existência de uma grande parcela de migrantes nordestinos vivendo no Rio de Janeiro. Devido as experiências de vida serem semelhantes, quanto ao processo migratório, os “retirantes” constituem-se voluntariamente, de forma autônoma e específica, mediante contribuições mútuas. Os que já estão consolidados nas suas relações atuam como suporte de permanência para os que acabaram de chegar. Essa rede de apoio é acionada, sobretudo, entre os migrantes com nível escolar fundamental e sem uma profissão definida. Observamos que todos os entrevistados – metade deles – com esse perfil precisou que essa rede social funcionasse de forma efetiva.

Dornelas (2001) destaca que as redes partem de “pessoas concretas e de suas necessidades de criarem laços de confiança entre si [...] Através de uma série de trocas simbólicas (bens, presentes, favores, casamentos, filhos, etc.) o grupo se constitui, dá forma às suas práticas culturais e a seus princípios de honra e moral” (p. 6). Nessa avaliação, a família é a mais importante e fundamental dentro das redes, sobretudo entre os pobres. Ampliando essa definição, as redes constituem não só o núcleo central com mãe, pai e filhos, mas também toda a família extensa, avós, tios, primos, cunhados, e os familiares afetivos.

No que diz respeito às redes sociais, Póvoa Neto (2002), complementa que:

A presença destas redes de contato contribui para explicar a intensidade dos deslocamentos populacionais mesmo numa situação social em que os diferenciais de renda e de condição de vida se tornam pouco perceptíveis. Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer pontes entre lugares e permitir o fluxo de informações e pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência (p. 22).

Por outro lado, aqueles que migraram em busca de aperfeiçoamento profissional ou para cursar nível superior – relataram que migraram sozinhos e que formaram suas redes de apoio só depois de algum tempo de estadia. Não significa afirmar que esses migrantes não tivessem algum parente ou até mesmo conhecidos no Rio, mas não existia um contato afetivo e efetivo entre eles. Se as redes servem de sustentáculos dos projetos migratórios – desde sua saída até sua chegada ao local de destino – dos menos escolarizados, podemos aferir que não

---

22. Entrevista concedida por ANDREA, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

condicionante para os migrantes nordestinos com maior nível educacional e socioeconômico. O que podemos encontrar de similitude entre os dois grupos, é o fato de que todos os integrantes tinham ou criaram redes e relações de amizade, prioritariamente, com os seus conterrâneos.

Outro ato comum, e interessante de relatar, entre os nordestinos no Rio de Janeiro são os casamentos entre si. As explicações possíveis passam pelas relações estabelecidas que motivaram, tanto o processo migratório, como costumes, cultura, histórias de vida, etc., quanto a proximidade territorial e de identidade no local de destino. Andrea, Sampaio e Joana, por exemplo, são casados com nordestinos, e sempre tiveram relações afetivas com seus conterrâneos. Nos três casos, o padrão de convívio e iniciação das relações foi no Rio de Janeiro, local de habitação, trabalho e estudo. Joana, 40 anos, baiana, vive no Rio há vinte anos, e confessa no seu relato a dificuldade que tem até hoje em manter uma relação de confiança e proximidade com os cariocas.

Tenho uma boa relação com colegas no trabalho e na vida social, mas de forma superficial, educada. Com os nordestinos a relação é focada na amizade, trocas, confiança. Na vida pessoal sou casada com uma baiana e todos os meus relacionamentos desde que vivo no Rio foram com nordestinas.<sup>23</sup>

A maioria das minhas relações são com pessoas da região nordeste, norte e de outros estados (SP, MG, DF, RS, PR) [...] Sou casado com uma cearense como eu [...] No RJ, percebo que quanto mais vou adentrando a Zona Norte mais bem tratado sou e quanto mais entro na Zona Sul e Barra da Tijuca situações racistas, de tratamento indigno e de mal atendimento são constantes.<sup>24</sup>

Nessas narrativas é possível entrever que a convivência e a proximidade estabelecida no dia a dia, ocorre quase sempre com os migrantes nordestinos que compartilham os lugares de trabalho, estudo ou moradia. A identificação com seus conterrâneos no cotidiano parece contribuir para uma forma de apagamento das diferenças vivenciadas dentro dessa nova cultura, e mesmo com o processo de hibridização, sendo inevitável, devido à mudança de realidade e novo habitat do sujeito, o que tem predominado nas relações desses migrantes é a afirmação de uma identidade reconhecida de forma pejorativa que o afasta das relações com os cariocas. Para eles, o nordestino tem sido ano após ano tratado como o “outro”.

---

23. Entrevista concedida por JOANA, no bairro da Glória, Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

24. Entrevista concedida por SAMPAIO, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

### 3.3 O Outro inventado

Edward Said, no livro “Orientalismo – o Oriente como uma invenção do Ocidente”, afirma que o Oriente foi inventado pelo Ocidente sob a perspectiva de inferioridade e do exotismo, possibilitando, dessa forma, a reflexão sobre a caracterização essencialista de um povo, lugar ou região. Ele afirma que essa construção tem uma característica acumulativa que se tornou potente o suficiente para dominar o universo dos livros, filmes e das notícias do nosso cotidiano. Para Said, “o Orientalismo tem sido uma espécie de consenso: certas coisas, certos tipos de afirmação, certos tipos de obra parecem corretos ao orientalista” (SAID, 2007, p. 275).

O autor expõe que tais invenções não têm nada de simplesmente imaginativo, mas que faz parte de um determinado sistema europeu e eurocêntrico de conhecimentos sobre o “Oriente” que representa um corpo criado de teoria e prática com o intuito de dominar, reestruturar e governar. Dessa forma, Said (idem) elucidava as relações de poder existentes entre a Europa e um conjunto de países a leste, mascaradas sob um estilo de pensamento binário Oriente/Ocidente (bárbaro/civilizado, irracional/racional, feminino/masculino) que escondia interesses econômicos e políticos bastante específicos. Ou seja:

O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais (SAID, 2007, p. 28).

Para além da visão dicotômica que insiste em separar um pretensão real de suas representações, Said (2007) tenciona compreender o fenômeno do Orientalismo a partir da construção do seu discurso, com a ideia de desvelar como a cultura europeia manejou e produziu o Oriente em suas diversas formas: política, ideológica, científica, sociológica, militar, etc. Segundo Said (2007), a força desse discurso serve para reafirmar que “o Oriente não era (e não é) um tema livre de pensamento e ação” (2007, p. 30), embora não determine de forma unilateral o que pode ser dito sobre ele. Ao apresentar essa complexa rede de elementos, o autor, intenta desvendar como a cultura europeia se fortaleceu identitariamente ao se opor ao Oriente, nessa visão de mundo que separa o grupo de pertencimento como diferente em uma relação binária, entre Nós e Eles. Por outro lado, contesta a ideia de um Oriente puro e incondicional (2007, p. 53).

Na discussão apresentada por Said (2007), o suposto conhecimento do Oriente pelo ocidental permite a este falar pelo primeiro e, mais, cria a ideia de que, para conhecer o Oriente, um ocidental deve procurar obras e estudiosos orientalistas (ocidentais) e não diretamente o oriental. Uma das razões para que ocorra este processo é o consenso dentro da Europa de que a cultura e a identidade europeia são superiores às de todos os povos e culturas não europeus. Por isto, a única forma de o ocidental assimilar o Oriente – rudimentar e não evoluído – é se este universo for anteriormente decifrado por um especialista que possa traduzi-lo em uma linguagem ou forma que esteja no nível superior de esclarecimento do Ocidente. E um oriental, atrasado, não seria capaz de fazê-lo.

Tentando compreender como o Nordeste e o nordestino foram legitimados no processo de construção dessa região enquanto representações de um povo e de um lugar, faz-se necessário o diálogo com a perspectiva apresentada por Said (2007), onde o autor propõe o repensar das regiões e instâncias geográficas como entidades culturais, sociais e históricas, como sendo invenções do próprio homem e suas relações de poder.

Partindo da discussão provocada por Edward Said (2007), a respeito da invenção do Orientalismo, intentamos uma aproximação desse olhar com Albuquerque Júnior no seu livro acerca da invenção do Nordeste e dos nordestinos. A intenção é demonstrar que a região Nordeste e a *nordestinidade* se legitimaram como representações e estereótipos que são até hoje como definidor do sujeito.

Dessa forma, Albuquerque Júnior, ao conceber a região como uma invenção, propõe “[...] entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu, no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste. O nexos de conhecimento e poder que cria o nordestino e, ao mesmo tempo, o oblitera com ser humano” (2011, p. 33). Nesse olhar é percebido que os espaços são construídos como tramas tecidas nas relações sociais e não como espaço único conduzido “sob o signo da discriminação e da vitimização” (p. 84).

De modo distinto do Oriente de Said (2007) que é percebido enquanto invenção do Ocidente, a emergência da região Nordeste como condutora de uma identidade singularizada frente às demais regiões do país não se fez por grupos ou indivíduos externos. Pelo contrário, afirma Albuquerque Júnior:

[...] a criação da ideia de nordeste e, conseqüentemente, da ideia ser nordestino, surgiram nesta própria área, foram produzidas pelas elites políticas e pelos letrados deste próprio espaço, não foi uma criação feita de fora, por membros das elites de outras regiões. O sentimento, as práticas e os discursos regionalistas que irão dar origem à região que conhecemos, hoje,



como nordeste, emergiram entre as elites ligadas às atividades agrícolas e agrárias tradicionais, como a produção do açúcar, do algodão, ou ligadas à pecuária [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 90).

Consequentemente, o autor afirma, que a partir da metade da segunda década do século passado, jornalistas, escritores, poetas, pintores, sociólogos, historiadores, se articularam em torno da produção cultural dessa ideia de Nordeste que foi apresentada inicialmente como referência geográfica no relatório do IFOCS (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Esse grupo será o responsável por tornar visível e dizível, em grande parte, o Nordeste tal qual o conhecemos na atualidade. Não à toa, essa demanda discursiva foi produzida pelos principais representantes das elites políticas e intelectuais ligadas às atividades agrárias em situação de declínio econômico e que, também não por acaso, pensaram esse espaço a partir da ideia de declínio e decadência. Representação essa que permanecerá nas produções imagéticas acerca do Nordeste e do Nordeste até a hoje, vivificando o ideário de uma região marcada pela miséria e dificuldades naturais, como evidencia o embate que aconteceu segundo um de nossos entrevistados com a sua parente filha de maranhense que vive aqui no Rio de Janeiro. Dante, 26 anos, nos relata que:

Recentemente aconteceu uma situação em que uma parente distante da gente, descendente de maranhenses, disse que o Maranhão é uma terra atrasada e de muita pobreza. Chamou até o estado de “miserável”. Pois eu tentei dizer que a situação não é mais a mesma de muitos anos atrás. Que o estado está se esforçando pra melhorar sua situação. Falei que temos muitas riquezas naturais, culturais e que o povo sofre, mas se supera. E que o Rio também é cheio de problemas. Desde então, minha relação com ela se estremeceu.<sup>25</sup>

Esses conflitos de ideias, que se travou entre Dante e sua parente, sobre o seu lugar de origem – o Maranhão – diz muito das representações que se perduram em dizeres e imagens, alimentadas pela mídia e pelo conflito entre o ausente e o presente.

Para Josivan, 35 anos, pernambucano da Zona da Mata, atribui à ideia que os cariocas têm do Nordeste ao fato de acreditarem no que veem na televisão. Segundo ele:

O povo daqui tem mania de achar que tudo no Nordeste é seca, é fome [...] que em todo canto tem gado morrendo, tem falta d’água. Eles não sabem de

---

25. Entrevista concedida por DANTE em dias de calor no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

nada. Não é em todo lugar que é assim [...] em alguns lugares é ruim sim, mas não é o Nordeste todo.<sup>26</sup>

Claudilene, 36 anos, que saiu da Paraíba com doze anos em 1994, diz acompanhar constantemente as notícias do Nordeste pelos telejornais e, as notícias quando se trata do seu estado é quase sempre a mesma: seca e coisas ruins.

[...], assim, eles mostram mais as partes ruins de lá, aonde tem as partes mais secas. Não mostram as partes boas. Realmente tem lugares ainda que vivem precariamente, mas a parte da cidade que já evoluiu bastante, isso eles não mostram muito, mostram mais a parte do pessoal que vive na seca, que ainda passa muita necessidade.<sup>27</sup>

Nesse processo de reconstrução de seus caminhos em outro território, a terra natal está presente como pauta cara das conversas do dia a dia desses migrantes nordestinos que moram no município do Rio de Janeiro. O Nordeste é uma ausência presente, agora a partir de suas memórias e da mídia em geral.

A partir do discurso das elites agrárias do Nordeste, da ideia de declínio e decadência, pode-se organizar Movimento Regionalista de Recife, encabeçado por Gilberto Freyre que tem seu ponto máximo no Congresso Regionalista de Recife, em pelo carnaval de 1926 e “que pensou o Nordeste a partir de uma rejeição ao mundo moderno que se implantava, de uma repulsa à sociedade burguesa, urbana e industrial [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 101). Tinha-se um verdadeiro cuidado pelo que era arcaico e tradicional, e isso marcará profundamente, a produção cultural denominada nordestina e permanecerá como imagem quase que *ad eternum* da região e do povo nordestino:

Enquanto os turistas vão a São Paulo para comprar a última moda e os eletrônicos e eletrodomésticos mais modernos, vão ao Nordeste para comprar artesanato. Mesmo em locais destinados a representar o Nordeste nas grandes cidades do país, como a feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou o largo 13 de Maio em São Paulo, o que representa o Nordeste é o artesanato e não a grande indústria (p. 104).

Em conversa coma a sergipana Maria Clara, esta reconhece explicitamente as representações que denotam cisão, criam diferenças e apartam o Nordeste do resto do país.

Para ela:

---

26. Entrevista concedida por JOSIVAN, na padaria da Rua da Passagem, perto do prédio onde ele trabalha. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

27. Entrevista cedida por CLAUDILENE, em Vicente Carvalho. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2019, arquivo, mp3.

A imagem explorada é específica e inspirada nas pessoas do interior. No entanto, nas capitais e em cidades maiores do Nordeste, a população e seus vários modos de viver em pouco diferem do resto do Brasil quando consideramos capacidade intelectual e interesses gerais por bens materiais e imateriais globalizados. A ideia que a mídia muitas vezes passa é de um povo apartado do resto do país pela sua excentricidade. Acho que as diferenças que existem entre todas as regiões do país, quando se trata do Nordeste ainda são reproduzidas como algo exótico e não deveria ser assim.<sup>28</sup>

E ainda apresenta uma questão mencionada na citação acima do historiador Albuquerque Júnior, quando ele fala sobre a Feira de São Cristóvão. Ela faz a seguinte reflexão:

[...] algo eu gostaria de pontuar. Refleti sobre haver a famosa Feira de São Cristóvão como destino um tanto obrigatório dos nordestinos, estejam eles morando no Rio ou apenas visitando. É apenas uma reflexão: até que ponto este espaço, pegando ele como exemplo, é uma forma de separar a população nordestina, concentrá-la em um determinado ambiente de entretenimento? Por que não há – pelo menos com fama igual – outros centros de diversão para demais regiões, como Centro-Oeste e Sul? Se existem, não fiquei sabendo. Mas desde que cheguei, houve repetidos convites para que eu, nordestina, fosse conhecer a “feira dos paraíbas.”<sup>29</sup>

A profunda ligação do nordestino ligado ao mundo natural surge como sinal de rejeição e dificuldade de adaptação ao fenômeno urbano. Sem falar na introspecção de valores que tidos como representação da subalternidade podem acabar originando atitudes de negação às próprias origens geográficas por uma parcela desses migrantes, que às vezes procuram omitir as marcas que os identificariam como pertencentes ao Nordeste, inclusive reproduzindo o preconceito contra aqueles que chegam da mesma região de onde eles vieram segundo Albuquerque Júnior (2007).

Na entrevista feita com a potiguar Andrea, quando está estava me relatando os preconceitos sofridos logo quando chegou ao Rio – ainda menina, hoje, com 28 anos –, ela me deixou bastante surpresa ao relatar que existiam também preconceitos entre os próprios nordestinos. Nas palavras dela:

Fico mais chateada, porque tem nordestino que vem morar no Rio e quer ser melhor que o outro. É assim, o baiano na frente, depois o cearense e depois

---

28. Entrevista cedida por MARIA CLARA, no baixo Botafogo, em dias de muito calor. Percebam a cena? Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2019, arquivo, mp3.

29. Idem.

todo o resto é paraíba”. Como se não bastasse às piadinhas dos cariocas, temos que aguentar nordestino metido. Eu dou logo um fora.<sup>30</sup>

Essa questão nos remete a mesma forma quando se fala em alguém como oriental, pelo fato de que pode sugerir comumente, segundo Said (2007), o emprego com frequência de palavras depreciativas que designam uma “estirpe humana inferior”. Assim, o termo nordestino em muitas ocasiões tem sido utilizado de forma pejorativa, geralmente associado ao mundo do trabalho, como sinônimo de preguiçoso e incapaz.

Vejamos o que nos diz o desabafo de Andrea sobre o nordestino.

A história do nordestino é praticamente a mesma, sair de casa em busca de trabalho, de melhorar de vida. Mais chega aqui e tem quem chame de preguiçoso [...]. Ah, se todo carioca trabalhasse como um nordestino...[...].<sup>31</sup>

Dessa forma a identidade nordestina é produto da construção humana que a delimita, a partir de padrões próprios, porém fundamentados na realidade, segundo Penna (1992). Existe uma disputa no plano político, cultural, social e econômico onde são forjados muitos dos estereótipos sobre uma população e sua região, abarcando os preconceitos que lhes são destinados. Mas também é possível perceber na fala dos entrevistados evidências de outros olhares possíveis, para além das representações cristalizadas acerca desse grupo social.

Nesse breve diálogo posto entre Albuquerque Júnior e Said quanto ao repensar de uma essência definidora de pretensas identidades e cultura nordestina, é importante pensar na potência de uma interpretação capaz de transitar pelos vários lugares, pelas fronteiras, pelo que não é essencializado. Nessa mesma perspectiva Penna (1992), faz a seguinte reflexão a respeito de se pensar em um cultura tipicamente nordestina:

[...] fazer essa demarcação. Ao mesmo tempo em que expressa as diferenciações sociais e históricas da região, homogeneiza diferenças internas sob a marca do típico, com o risco de se cair numa abstração que mascare a multiplicidade de relações em que se situam as diversas práticas culturais, enquanto manifestações vivas e cheias de significados, [...]Melhor pensar, então, em as culturas da região Nordeste (PENNA, 1992, p. 76).

Culturas estas que possam ser traduzidas nas suas diversas multiplicidades questionando o simplismo identitários que percebem o nordestino como sinônimo de

---

30. Entrevista cedida por ANDREA sentada na porta da sua casa na Maré, depois que ela chegou de um longo dia de trabalho. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

31. Idem.

migrante, força de trabalho barata, ou sob os estereótipos de paraibas – como acontece aqui no Rio de Janeiro. Como sujeitos de suas histórias, milhares de fato migrantes, homens e mulheres que “desejando mudar de vida, ousaram exercer o direito de mudar de vida” (PÓVOA NETO, 1994, p. 22).

### **3.4 Reforçando diferenças: a resistência em saber lidar**

Para Sayad (1998) a imigração é um problema que pode ser entendido como fato social total, em outras palavras, pode ser pesquisado tanto nos países de origem quanto nos países de destino e em todas as suas dimensões – sociais, culturais, políticas – e, não somente do ponto de vista econômico. É preciso considerá-la, na perspectiva de sua dupla dimensão, por um lado de fato coletivo e por outro de trajetória individual. Enquanto problema social, a imigração, segundo o Sayad (1998),

Cada vez mais se impõe como uma pequena sociedade autônoma que apresenta todas as características (morfológicas, sociais, culturais) de uma formação, se não integral e perfeitamente equilibrada, ao menos em via de compensar os desequilíbrios antigos que trazia das contradições iniciais de sua gênese (p. 69).

Por esse olhar, isso conduz aos conflitos e estereótipos nascidos da relação de convivência entre imigrantes e “nativos”, posto que, uma vez estabelecido um fluxo migratório, raramente ele é revertido. Não existindo provisoriamente de fato, a sociedade receptora não os aceita como definitivos. No caso dos nordestinos, o Sudeste continuamente os considerou como de “fora”, aqueles que deveriam viver à margem dos benefícios sociais e institucionais e que deveriam retornar à sua terra, depois de terem lhes servido como mão de obra.

O migrante é aquele que vive entre dois mundos, constituindo-se como sujeito na contínua tarefa de renegociar identidades, representações e estereótipos. Com a dificuldade em defini-lo conclusivamente estende-se a própria categoria de migração, em seu duplo movimento. A dificuldade em se atribuir um sentido homogêneo, a emigração e seu par correspondente, a imigração, são categorias paradoxais e cheias de equivalência. Por isso achamos importante elucidar que:

A imigração é, por essência, da ordem da exterioridade: o imigrante provém do exterior, e com a imigração, a exterioridade chega à (ou dentro da) interioridade – do mesmo modo, o emigrante vai para o exterior e, com a emigração, a interioridade no sentido de alguma exterioridade, a oposição imigração/emigração (ou imigrante/emigrante) permeia toda uma série de outras oposições homólogas estruturalmente relacionadas: presença/ausência, interior (ou interno)/exterior ou (externo), privado (doméstico)/público etc. Imigrar é vir para o interior (do exterior) ou no interno (do externo), é estar presente aqui, etc.; emigrar é ir do interior (ou do interno) para o exterior (ou para o externo), da intimidade, do “privado” (do doméstico) para o público, é estar ausente aqui para estar presente lá [...] (SAYAD, 2008, p. 273).

Ainda que as considerações de Sayad estejam contextualizadas na análise da migração internacional, compreende-se que as reflexões teóricas não são domínios exclusivos dos objetos de pesquisas que as concebeu. Nesse sentido é que a luz da teoria do autor acima citado, a migração nordestina para o Rio de Janeiro não deixa de se inserir no cabedal explicativo de Sayad (1998).

Destarte a efetividade da imigração acaba por justificar as críticas feitas às teorias assimilacionistas, pois essa “pequena sociedade autônoma que se impõe”, conforme Sayad (1998, p. 69), não pode simplesmente absorver ou assimilar a cultura do local de destino, não pode simplesmente assimilá-la porque produz processos de resistência e de negociação identitária que acontecem a todo instante nos mais diversos grupos de migrantes e imigrantes.

Nessa perspectiva, podemos pensar que ser nordestino no Rio de Janeiro reportam-nos as fronteiras, ao limiar, ao renegociar. É ser resistente à assimilação no Sudeste, é constantemente reafirmar a heterogeneidade, a diferença nesse entre lugar possível entre viver o Nordeste e viver a “cidade maravilhosa”.

Nas entrevistas dessa pesquisa isso fica expresso especialmente quando os narradores relatam situações de preconceitos experienciadas nas suas vivências no Rio de Janeiro, mesmo que nas narrativas não se evidencie um conflito direto entre nordestinos e outros grupos é possível perceber que as tensões são presentes nas relações sociais construídas. Vejamos nas narrativas abaixo, quando o assunto são os estereótipos:

Quando cheguei no Rio, mesmo em poucas vezes, ainda me deparei com pessoas se referindo aos nordestinos como “Paraibas”. Isso realmente me incomodou muito e algumas vezes manifestei meu incômodo. Além disso, tinha a questão do sotaque, nem sempre a graça que achavam dele expressava elogio, eu percebi galhofa e isso eu acho que decorria de uma visão preconceituosa. Mas devo ressaltar que nada tão enfático aconteceu

comigo, particularmente. Essas coisas eu percebia de forma sutil o que, na minha opinião, não diminui o preconceito, tampouco, o incômodo.<sup>32</sup>

O cearense, Sampaio, também fala das tensões causadas pelos estereótipos no seu cotidiano como cidadão no Rio de Janeiro, que para ele se transforma visivelmente em dor. Prestemos atenção no seu depoimento:

uma vez entrei numa lanchonete em Copacabana, onde morava na época e fui ao balcão olhar a vitrine com bolos e salgados, sem chamar a atenção do rapaz comendo um salgado do meu lado, quando falei para fazer meu pedido ele parou de comer, se virou para mim e me olhou dos pés à cabeça. Na hora, fiquei olhando para ele imóvel, acho que fiquei sem reação. Onde vou na Zona Sul ou na Barra, recebo muitos olhares inquisidores, do tipo: o que ele está fazendo aqui?.<sup>33</sup>

Outro depoimento que corrobora com esse mesmo sentimento de indignação é o de Dante que diz ser necessário estar mais preparado para responder as chamadas “brincadeiras” preconceituosas contra os nordestinos. Ele narra:

Eu me incomodo muito em ouvir os cariocas nos chamando de “paraíbas” ou confundir Norte com Nordeste. Porque, além de ser pejorativo, demonstra uma total ignorância com a pluralidade e a geografia do nosso país. Quando falam da Feira de São Cristóvão como Feira dos Paraíbas, eu corrijo a pessoa ou enfatizo o nome certo da feira muito frequentada pelos nordestinos. Também já questionei uma menina que uma vez comentou pra mim que eu não aparentava fisicamente ser maranhense, ou seja, que não tinha uma “cara”. Falei pra ela que isso não tinha nada a ver e que eu era maranhense.<sup>34</sup>

A migração por acabar deixando de ser provisória, resulta na convivência “conflituosa” entre migrantes e o lugar que o recebe, fato que se consolidou em estereótipos aos nordestinos. Esses estereótipos têm por função situar o “recém-chegado” em posição inferior de status. No livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Elias e Scotson (2000), explicam o processo de manutenção da crença de um grupo em sua própria superioridade humana. O caso – Wiston Parva – pesquisado por eles se constituiria em um modelo explicativo para as configurações universais dos preconceitos. Ou melhor, a partir desse modelo, pode-se pensar em como são construídas e qual a função das generalizações do nordestino como “cabeça chata”, “baiano” ou “paraíba”.

---

32. Entrevista concedida por MARIA CLARA, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

33. Entrevista concedida por SAMPAIO, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

34. Entrevista concedida por DANTE, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

Segundo Claudilene, o termo “paraíba” remetia a vergonha. O próprio sotaque e o jeito de se expressar era uma forma de demonstrarem para ela a diferença regional:

Eu morria de vergonha dos outros descobrirem que eu era paraibana. Era criança. Na nossa escola era muito comum, as crianças zombarem de mim, por eu ter nascido na Paraíba. Aí quando a professora, ela fazia chamada na escola, na sala de aula, pra dar a presença, todas as outras crianças ficavam me olhando. Aquilo pra mim era o fim. Aí eu pronto, vou virar chacota né. Morria de vergonha, tudo que a gente falava era motivo de deboche. Tinha vergonha mesmo de dizer que era paraibana, hoje não [...] eu, minha irmã, minha mãe, tudo era motivo de deboche[...] hoje não tem mais esse problema[...] moro onde tem muito Nordestino.<sup>35</sup>

Para os autores (idem), os estereótipos só podem ser construídos através da coesão e autoestima elevada dos residentes antigos (na nossa pesquisa, os cariocas), ou seja, pela relação de antiguidade e pelo compartilhamento do mesmo passado, que gera a sensação de pertencimento e coesão: “a estigmatização, como um aspecto da relação estabelecidos e Outsiders, relaciona-se muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido”, afirmam Elias e Scotson (2000, p. 35). O estigma social, penetra na autoimagem do grupo mais fraco e o debilita progressivamente. Dessa forma, segundo os pesquisadores, existiria então uma complementariedade entre o grupo estigmatizado e o grupo estigmatizador que justificaria a manutenção dessas noções de inferioridade.

Assis, migrante nordestino, nascido no Ceará, disse que ao ouvir o termo “paraíba” e “cabeçudo” deixava para lá, de certa forma o naturalizava. Vejamos seu depoimento:

Ah isso era comum [...] eu nem ligava e nem ligo para isso... eu sou do Ceará por exemplo. Mas chamam todos do Nordeste de “paraíba”. Ainda me chamavam de cabeçudo [...] até hoje meu apelido é cabeça. Mas não é todo mundo que deixo me chamar assim não [...] tenho orgulho de dizer que sou nordestino [...].<sup>36</sup>

Dessa forma, Assis, procura demonstrar que não se sentia constrangido pelo termo e relaciona-o de imediato ao ser nordestino, em uma demonstração de que era um termo comum entre todos os que vinham do Nordeste e que vivem no Rio de Janeiro.

Voltando para o quadro explicativo de Elias e Scotson (2000), os marginalizados tenderiam a naturalizar os estereótipos que lhes são impostos: “dê a um grupo uma reputação

35. Entrevista concedida por CLAUDILENE, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

36. Entrevista cedida por ASSIS na padaria do chefe na Vila do João, Maré, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2019, arquivo, mp3.



ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (p. 30). Tais características ruins tendem ser destacadas por um mecanismo de generalização em que

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou normativos – na maioria dos “melhores” membros (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23).

Nas entrevistas realizadas na nossa pesquisa, o preconceito contra o nordestino foi relatado de diversas formas, principalmente pela tendência à homogeneização de todos eles em uma só categoria estereotipada, construída sobre a noção de sua inferioridade frente aos cariocas, sobretudo quando esses se colocam como privilegiados em relação ao sotaque nordestino. O que se pode inferir dessa observação é que quando se considera o prestígio de uma língua, na verdade, o que se está considerando é o prestígio daquela comunidade que a utiliza. Segundo Bagno (2002), todo preconceito linguístico é, na verdade, fruto de um preconceito social e acrescenta:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste (p. 43).

Se, na mídia, a fala do Nordeste não goza o mesmo prestígio Sul e Sudeste, na reação dos falantes isso não parece ser diferente. Os oito entrevistados dessa pesquisa foram de comum acordo que o fator que mais causava preconceito contra eles era o linguístico e que a mídia seria dessa visão pejorativa e unificada sobre o migrante nordestino.

Sampaio reforça essa avaliação:

O único modelo de nordestino que ao longo de décadas foi explorado nas novelas, por exemplo, com a fala arrastada, o jeito matuto do tipo Jeca Tatu, criou no imaginário brasileiro uma identidade nordestina que não é real, já que entre os Estados do Nordeste há muitas variações de sotaque e de modos de vida, por exemplo.<sup>37</sup>

---

37. Entrevista concedida por SAMPAIO, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

O tom das “brincadeiras” é a tentativa de evidenciar que nem sempre os preconceitos e estereótipos são acionados de forma explícita, seria uma tentativa de amenizar essa violência linguística. Mas os mesmos termos que ferem são, contraditoriamente, aqueles que oferecem possibilidade de resistência política como parte integrante da vida cotidiana e da forma como os migrantes nordestinos veem a si e os outros.

Os regionalismos linguísticos são colocados à prova na relação entre nordestinos e cariocas e os enfrentamentos se colocam como estratégias na construção das relações e no trato com a diferença. Olhemos o depoimento de Josivan ao se sentir incomodado com o comentário de um colega de trabalho:

Uma vez eu tava no trabalho quando um colega ficou caçoando de mim por causa do meu sotaque. Ele disse que pelo tempo que eu tava aqui já devia ter mudado o jeito de falar, ser mais parecido com os cariocas. Daí respondi que não tinha vindo pra cá pra mudar meu sotaque, o meu jeito de ser, tinha vindo pra trabalhar e isso eu fazia muito bem, ele que devia falar menos e procurar o que fazer. Desde que cheguei aqui (Rio), não mudei nada no meu jeito de falar, tá igualzinho [...] tem gente que acha que eu cheguei agora.”<sup>38</sup>

Seguindo na busca para compreender como essas relações são lidas pelos migrantes nordestinos, a narrativa de Sampaio oferece caminhos interpretativos interessantes. Quando interpelado sobre o enfrentamento de situações de preconceito, o entrevistado enuncia:

No início, quando cheguei aqui, me sentia muito confortável comigo mesmo e com os outros. Mas quando o contato, na universidade e na rua, ficou mais intenso foi onde comecei a ter problemas de relacionamento e ouvi palavras duras sobre o meu sotaque, sobre o fato de ser nordestino (a curiosidade é que no RJ dizem do Norte) e sobre a minha etnia indígena. E isso acontecia principalmente dentro da própria universidade. [...] Um colega uma vez se assustou porque eu falei com orgulho que era de Fortaleza/CE, ele pode ter orgulho de ser carioca e acha que as pessoas dos outros estados, principalmente do Nordeste não têm.”<sup>39</sup>

Nessa visão colocada por Sampaio o nordestino é o outro que pela sua inferioridade não pode se orgulhar de ser quem é. Para Albuquerque Júnior (2007), esse tipo de preconceito é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, espaço, lugar, vila, cidade, província, região, país, um continente considerado por

38. Entrevista concedida por JOSIVAN, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

39. Entrevista concedida por SAMPAIO, no Rio de Janeiro. Entrevistadora: Maria de Fátima Tomaz, 2020, arquivo, mp3.

outro, quase sempre mais poderoso, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, feio, ignorante, culturalmente inferior.

Do encontro que se dá entre a população migrante nordestina com os cariocas observamos o modo como o “choque” de culturas tão particulares acaba em alguma medida instigando a presença de preconceitos e estereótipos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do encontro que se dá entre a população migrante nordestina com os cariocas, observamos o modo como o “choque” de culturas tão particulares acaba em alguma medida instigando a presença de preconceitos e estereótipos. Por outro lado, chama a atenção como a criação do Nordeste como o Outro para o Sudeste instiga também uma afirmação de orgulho das origens por parte daqueles que migram em busca de melhores condições de vida – materiais ou imateriais, mas buscam manter laços com sua própria cultura, o que pode ser lido como uma resistência, mas também como uma forma de experienciar o cotidiano no Sudeste de uma maneira que mantenha a referência de mundo desses sujeitos em sua terra natal.

Do ponto de vista das representações dos nordestinos sobre a sua condição de migrante na cidade do Rio de Janeiro, de maneira geral há uma percepção bastante clara de que são vistos como o Outro, colocando em conflito a visão que “nordestiza” o Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) com a visão dos próprios sujeitos oriundos de diferentes estados e realidades do Nordeste e ora habitam o Rio de Janeiro. Assim, os entrevistados identificam estereótipos que os reduzem à condição de Outro construída e/ou reforçada por uma narrativa disseminada pela mídia.

A partir dos exemplos listados no capítulo 2, é possível ter uma visão geral desta nordestização do Nordeste operado no processo de construção da própria ideia de identidade nacional: Lampião; Luiz Gonzaga; quadro *Os Retirantes*, de Cândido Portinari; personagem Lurdes, da novela *Amor de Mãe*, da Rede Globo; ou mesmo o personagem Jeca Tatu, citado por Sampaio, um dos entrevistados. Exageros nas características das vestimentas, da forma de falar; ideia de pobreza e passado/atraso, ainda que combinado com aspectos como alegria (ingênuo), resistência (aos males da pobreza) ou com a ideia de uma cultura necessariamente folclórica e associada a memória.

Esta visão plasmada de um Nordeste homogêneo, ao mesmo tempo miserável e ingenuamente alegre, folclórico, antigo, marca a forma como os nordestinos são vistos e tratados pelos cariocas, e isso gera uma resposta, expressa na maneira como os entrevistados se comportam diante dessas representações, conforme seus relatos de experiência trabalhados nesta pesquisa.

Maria Clara sente necessidade de explicar em seu relato que “nas capitais e em cidades maiores do Nordeste, a população e seus vários modos de viver em pouco diferem do resto do Brasil quando consideramos capacidade intelectual e interesses gerais por bens materiais e

imateriais globalizados” e critica a visão do Nordeste como exótico, de sua cultura, sotaque ou imagem como algo excêntrico. Como explica Barbalho (2004), a construção da ideia do Sudeste como moderno exigiu a rejeição do Nordeste como detentor desta mesma característica. Do alto da sua autoconstruída imagem de região desenvolvida, o Sudeste assume “uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrílica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30) com a qual estereotipa e homogeneiza o Nordeste e os nordestinos. A homogeneização dos nordestinos ocorre de diversas maneiras: tachando-os de preguiçosos; utilizando o termo “paraíba” para se referir a pessoas oriundas de diferentes estados do Nordeste; utilizando o termo “norte” para se referir à região Nordeste; não reconhecendo a diversidade de sotaques dos diferentes estados da região; julgando a aparência das pessoas para identificar se “parecem” ou não nordestinas, entre outras práticas relatadas pelos entrevistados Andrea, Maria Clara, Dante, Assis e Sampaio.

A partir da construção histórica do processo de industrialização e do discurso sobre a seca do Nordeste, a representação cristalizada é a do Sudeste como o lugar do desenvolvimento, da modernidade, do avanço, e o nordestino é a representação do atraso, do jocoso, do ingênuo e miserável, logo, para os cariocas, o Rio de Janeiro não é o lugar para essas pessoas. Esse sentimento de não ser considerado como pertencente a este lugar é expresso em diversos relatos, principalmente no que diz respeito a brincadeiras desrespeitosas em relação ao sotaque ou aparência, como revela Claudilene ao contar sobre a zombaria que sofria na escola, por exemplo. Tal aspecto é ainda mais forte nos bairros considerados mais nobres, como deixam claro os relatos de Sampaio, que afirmou receber olhares de estranhamento em Copacabana e até mesmo situações de racismo e tratamento indigno nos bairros da Zona Sul e na Barra da Tijuca, ao passo que relata um acolhimento melhor na Zona Norte da cidade. Diante dessas situações, em alguns relatos a reação foi de tristeza, chegando ao choro, no caso de Claudilene, ao relatar um episódio de sua infância, às vezes inação e frequentemente incômodo. Isso está em diversas falas dos entrevistados. Entretanto, a maior parte dos relatos faz questão de afirmar também um orgulho de ser nordestino(a), orgulho do próprio sotaque, da própria cultura, apesar da visão distorcida que avaliam estar presente nas atitudes dos cariocas de maneira geral. Há entrevistados que afirmam que esta visão distorcida é influenciada pela mídia.

A principal contribuição da presente pesquisa ao debate do campo está na conclusão de que essas representações estereotipadas atrapalham as relações entre migrante e nativo. Assumimos as redes migratórias (SOARES, 2004; GOZA, 2003; BRITO, 2015), ou seja, as

redes sociais entre nordestinos morando no Rio de Janeiro, como elementos que chegam a intensificar fluxos migratórios (ASSIS, 2003), dada a importância deste arranjo da própria decisão das pessoas saírem de uma região para outra. Entretanto, foi possível constatar, pelos relatos dos entrevistados, que, no mesmo passo que a existência das redes aproxima os nordestinos entre si, a representação estereotipada é um elemento que os afasta dos cariocas.

Após relatar sua traumática experiência de infância em que chorava na escola pelo fato das outras crianças rirem do seu sotaque, Claudilene afirma: “hoje não tem mais esse problema[...] moro onde tem muito nordestino”. Andrea classifica os cariocas como “falsos” que “acham que a gente é diferente deles” e afirma que só os nordestinos são amigos sinceros. Dante percebeu uma fala estereotipada de uma parente, filha de maranhense, criada no Rio de Janeiro, e sua relação com ela ficou estremecida após o episódio. Maria Clara problematiza a Feira de São Cristóvão, que enxerga como espaço de concentração de nordestinos e segregação do restante da cidade.

Este conjunto de relatos se soma ao fato, também expresso em diversos relatos, de que, quando a pauta em questão é o nordestino, a mídia geralmente apresenta um único aspecto da realidade, geralmente a miséria provocada pela seca, como expressa Josivan: “o povo daqui tem mania de achar que tudo no Nordeste é seca, é fome [...] que em todo canto tem gado morrendo, tem falta d’água. Eles não sabem de nada”. Tal prática contribui para a “redução dos significados a modelos de fácil reconhecimento” (ZANFORLI, 2008) quando se fala de Nordeste no Rio de Janeiro.

Uma leitura possível sobre a relação entre nordestinos e cariocas seria supor que as redes migratórias – com as relações materiais e afetivas que engendra – aproxima os nordestinos entre si, fazendo-os estranhar ou se distanciar dos nativos. Entretanto, os trechos de entrevistas citados acima permitem concluir que a visão estereotipada que os cariocas, em geral, possuem dos nordestinos, é o elemento principal que faz com que estes se afastem ou mesmo criem desconfiança em relação àqueles, até porque percebem um sentimento de superioridade dos nativos do Rio de Janeiro em relação aos nordestinos. Reforça esta conclusão a afirmação de Sampaio, quando relata que a maioria das suas relações são com pessoas do “Nordeste, Norte e de outros estados (SP, MG, DF, RS, PR)”.

O percurso desta pesquisa nos permitiu identificar que os estereótipos estudados com relação aos migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro, ainda estão bastante presentes e aparecem como fatores que dificultam a aproximação entre os esses e os moradores nativos da cidade fluminense, isto em alguma medida faz com que os migrantes também enfrentem

barreiras para se apropriar do novo espaço, tanto material quanto simbólico da “cidade maravilhosa”. Como identificado na fala de Andrea, essa cidade maravilhosa, está reservada só para alguns de seus moradores; na experiência vital dela, as maravilhas cariocas não são disponibilizadas da mesma maneira para os migrantes nordestinos, se contrapondo com o imaginário que tais migrantes tinham no momento de sua saída do Nordeste. A partir dessas reflexões por um lado confirmamos a importância das redes de solidariedade tecidas e potenciais; e por outro lado ampliamos o leque das questões que essa pesquisa se fez.

Esses fatores abrem novas perguntas que poderiam ser abordadas em futuras pesquisas do campo da comunicação, entre elas: quais as características e as formas de organização simbólica, comunicativa e de vinculação desenvolvidas nos territórios onde vivem os migrantes nordestinos? Como se dá a construção de afetos, de convivialidade, solidariedade e de partilha? Qual o papel dos migrantes no território e como utilizam os instrumentos de comunicação convencionais e alternativos? Em que medida a participação no território ocupado permite a produção de um comum que é fonte de “novos” sentidos e de iniciativas?

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2011.

\_\_\_\_\_. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008a.

\_\_\_\_\_. O objeto em fuga. As reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan.-jun. 2008b.

\_\_\_\_\_. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.

ASSIS, Gláucia O. (2003). “De Criciúma para o mundo” – Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A. C.; FLEISCHER, S. (Org.). **Fronteiras cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BARACUHY, Maria R. **Análise do discurso e mídia**: nas trilhas da identidade nordestina. Veredas Online, 2010.

BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. **Alceu**, v. 4, n. 8, p. 156-167, jan.-jun. 2004.

BARCELLOS, Tanya M. de. Migrações internas: os conceitos básicos frente à realidade da última década. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 296-309, 1995.

BATISTA, J. R. M. **Os estereótipos e o efeito do contato virtual no preconceito contra negros e nordestinos**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 245p., 2014.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. São Paulo, **Lua Nova**, Centro de Estudos e Cultura Contemporânea, n. 71, p. 41-79, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BRITO, F. **A transição para um novo padrão migratório no Brasil**. Textos para discussão. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2015.

BRITO, Fausto; CARVALHO, José Alberto M de. As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pela PNADs recentes. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 22, p. 441-455, 2006.



BRUM, Eliane. **Jair Bolsonaro: o homem mediano assume o poder.** Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311\\_448043.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. Secas, Migrações e representações do semi-árido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste brasileiro. **Textos e Debates**, Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, Editora UFRR, edição online, n. 15, 2008.

CASTRO, Iná Elias de. Visibilidade da região e do regionalismo. A escala brasileira em questão. In: LAVINAS, Lena [et al.]. (Orgs). **Integração, região e regionalismo**. RJ: Bertrand, 1994.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. (O dilema brasileiro: pão ou aço). 10. ed. rev. Antares: Rio de Janeiro.

CAVALCANTE, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 143-159.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Sérgio. **O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. Sociedade e Estado, v. 29, n. 3, p. 823-839, 2014.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1951-1966)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 7 ed. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1996. p. 47-75.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 24. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1991. p. 236-241.

\_\_\_\_\_. **A operação Nordeste**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (MEC), 1959.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas da Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (MEC), 1958, p. 53.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O sul: caminho do roçado**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

GOZA, Franklin. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES, A. C.; FLEISCHER, S. (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAMBERT, J. **Os dois Brasis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre migração. In: **BNB**. Migração Interna: textos selecionados. Tradução de Hélio A. de Moura. 1t. Fortaleza: ETENE, p. 89-114, 1980.

LIMA, Luiz Cruz; VALE, Ana Lia Farias. Migração e mudança social: a influência do migrante do sertão nordestino no norte do Brasil. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. n. 94 (82), 01 de ago. de 2001.

LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem**. Lisboa: Aveiro, 1996.

LINDOSO, Ester. Identidade nordestina: de imaginário, estereótipos e humor. **Revista Labirinto**, UFRO, p. 1-5, 2005. Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/nota1.html>>. Acesso em: 13 jan.2020.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, C. S, (Org). **Meios de comunicação em massa**. São Paulo: Cultrix, 1996.

LISBOA, Teresa K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 15, v. 3, set.-dez. 2007.

MORAES, Mário de. **Luz de Vela**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. **O Nordeste e a historiografia brasileira**. Ponta de Lança, São Cristóvão, v. 5, n. 10 abr.-out. 2012.

OLIVEIRA, A. T. R. de; ERVATTI, L. R.; O'NEILL, M. M. V. C. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e censos demográficos. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. de (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista**. O ornitorrinco. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Economia Brasileira: crítica à razão dualista**. Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Elegia para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 511-537, 2002.

PAIVA, Raquel. Estratégias de comunicação e comunidade gerativa. In: PERUZZO, Cicilia M.K. (Org.). **Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004. p. 57-74.

PAIVA, Raquel; BULCÃO, Luana; TOMAZ, Maria de Fátima. **Nordestino e cidadania: a cidade do afeto revertendo a barbárie carioca**. In: Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, junho, 2019.

PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas**. SOCIUS – Centro em Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa, n. 11. Lisboa, 2004.

PENNA, Maura. **O que é ser nordestino**. Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo, Cortez, 1992.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para análise. **Revista e Experimental**, São Paulo: FFLCH/USP, v.2, p. 11-24, mar. 1997.

PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil. **Travessia**, ano VII, número 19, maio-ago. 1994.

RAMOS, Everaldo. **Identidade Nordestina, Cultura popular, Construções intelectuais**. Natal, maio-jun. 2008.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BNB. **Migração Interna: textos selecionados**. Tradução de Hélio A. de Moura. 1t. Fortaleza: ETENE, 1980. p. 20-88.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Sociologias das migrações**. Universidade Aberta: Portugal, 1995.

RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTAMARIA, E. **La Incógnita Del Exrño**: uma aproximación a la significación sociológica de la “inmigración no comuniária”. Barcelona: Anthropos, 2002.

SANTOS, Milton. O tempo (os eventos) e o espaço. In: **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 114-133.

\_\_\_\_\_. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SASKIA, Sassen. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Trad. Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, EdUsp, 1998.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **A perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória**: Lembrança e esquecimento: trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. “Introdução”. In: **O regionalismo nordestino**: existência e consciência da desigualdade regional. São Paulo: Ed. Moderna, 1984. pp. 15 – 58.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização de São Paulo**. São Paulo: Contexto, 1998.

SOARES, Weber. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **Revista Brasileira Estudos Populacionais**, Campinas, v.21, n.1, p. 101-116, jan-jun. 2004.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**; uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mestre Bimba**: Corpo de Mandinga. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2002.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2007.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

SOUZA, Jessé. **A gramática social da desigualdade brasileira**. Revista Brasileira de Ciências sociais, v. 19, n. 54, 2004.

VESENTINI, José William. **O conceito de região em três registros**. Exemplificando com o Nordeste brasileiro. *Confins* [Online], 14/2012, posto online no dia 19 março 2012. Ver em: <<http://journals.openedition.org/confins/7377>>. Acesso em: 01 set. 2019.

ZANFORLIN, Sofia. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **Esferas**, Ano 2, n. 3, jul.-dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Entre arcaísmos e modernidades imaginadas**: Nordeste em cena nos textos da mídia. Revista Fronteiras – estudos midiáticos – Unisinos, X(1): 23-28, jan/abr, 2008.

**APÊNCIDE****APÊNDICE A – Roteiro para as entrevistas com @s nordestin@s**

1. Nome, idade, profissão, nasceu em qual cidade e qual Estado?
2. Onde mora no Rio?
3. O que levou você a sair de sua terra natal e em que ano isso aconteceu?
4. Quais as maiores dificuldades sofridas ao deixar sua terra natal?
5. Migrou sozinho? Tinha amigos e/ou familiares no Rio? Ou seja, tinha uma rede de apoio?
6. Se sim, isso foi importante para sua mudança?
7. Você continua se sentindo nordestino? Por quê?
8. Qual a visão que você tem de si enquanto migrante nordestino, inserido em uma nova cultura? Como você se vê, se sente na cidade, nas relações sociais, de trabalho, etc? E como você percebe o olhar do Outro para contigo?
9. Suas relações de proximidade são com nordestinos ou com cariocas? Ou com os dois? Existem diferenças?
10. Em algum momento você se sente como sendo o Outro, no Rio, por ser nordestino?
11. Você já sofreu preconceito por ser nordestino pelos cariocas? Se sim, quais? Qual foi a sua reação?
12. Quais os estereótipos mais comuns aqui sobre o nordestino?
13. A mídia contribui na disseminação desses estereótipos? Como, dê exemplos?
14. Esses estereótipos afetam sua relação com as pessoas (especificamente cariocas) e com a própria cidade? Como?
15. Você mantém contato com a sua cultura? Como?
16. Se fosse possível, você gostaria de voltar para a sua terra? Por quê?